

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
MESTRADO EM INTEGRAÇÃO LATINO AMERICANA**

**SANTA THEREZA: UM ESTUDO SOBRE AS
CHARQUEADAS DA FRONTEIRA BRASIL –
URUGUAI**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

FERNANDA CODEVILLA SOARES

SANTA MARIA, 2006

**SANTA THEREZA: UM ESTUDO SOBRE AS
CHARQUEADAS DA FRONTEIRA BRASIL-URUGUAI**

POR

FERNANDA CODEVILLA SOARES

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós Graduação em Integração Latino Americana, Área de concentração em História, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS) como requisito parcial para a obtenção do grau de
Mestre em Integração Latino Americana

Orientador: Prof. Dr. Saul Eduardo Seiguer Milder

**SANTA MARIA, RS, BRASIL
2006**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
MESTRADO EM INTEGRAÇÃO LATINO AMERICANA**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada,
aprova a Dissertação de Mestrado

**SANTA THEREZA: UM ESTUDO SOBRE AS CHARQUEADAS DA
FRONTEIRA BRASIL – URUGUAI**

**ELABORADA POR
FERNANDA CODEVILLA SOARES**

Como requisito parcial para obtenção do grau de mestre em integração
latino americana

COMISSÃO EXAMINADORA

Luiz Ernani Bonesso de Araujo, Dr

Luiz Eugênio Vescio, Dr

Vitor Biasoli, Dr.

SANTA MARIA, 2006

DEDICATÓRIA

Ao meu pai, Evaldo Rodrigues Soares e à minha mãe, Regina Maria Quintana Codevilla Soares, que sempre foram, para mim, exemplos de vida e de profissionais. Cederam-me apoio material e emocional, incentivando os meus estudos e tornando possível a realização dos meus objetivos e vontades. Aos meus irmãos, Eduardo Codevilla Soares e Augusto Codevilla Soares, pela ajuda, pelo afeto e pelo amor.

AGRADECIMENTOS

A todas pessoas que de uma forma ou de outra me ajudaram para a conclusão deste trabalho, algumas de forma direta e outras de forma indireta, sem que nem mesmo eu percebesse o quanto seu apoio foi importante.

Gratidão em especial ao Prof. Dr. Saul Eduardo Seiguer Milder, meu orientador, que desde os primeiros anos de universidade forneceu o apoio necessário para que eu realizasse pesquisas no Curso de História da UFSM e pudesse elaborar essa dissertação de mestrado.

Agradeço á toda equipe do LEPA, que além de amigos foram base e alicerce da minha trajetória acadêmica.

À Universidade Federal de Santa Maria, como um todo, por meio do Mestrado de Integração Latino Americana, minha admiração e gratidão.

Sinto grata à Dona Irecê Moglia, pelas longas tardes de passeios e conversas nas ruínas do Bairro Santa Thereza de Bagé, seu carinho e conhecimento foram extremamente importantes para a realização desse trabalho, assim como o acervo fotográfico por ela cedido.

Ao prof. Ms. Boucinhas e ao Arquivo Municipal de Bagé, agradeço a disponibilidade e toda ajuda que me concederam.

Ao arquiteto Alberto Brilhante Wolle sou grata pelas tardes em frente ao computador observando fotos das ruínas da charqueada Santa Thereza.

Agradeço aos meus amigos, pelo carinho e incentivo. Embora injusto, gostaria de expressar meu especial reconhecimento a alguns. São eles: Ana Carla Bueno Soares, Aline Marques da Silva, Tânia Tomázia do Nascimento, Márcia Solange Volkmer e Grasiela Tebaldi Toledo.

Agradeço, finalmente, a toda minha família: pais, irmãos, avós, tios, tias, padrinhos, madrinhas, primos e primas. Sem o apoio material e emocional, confiança e incentivo esse trabalho teria sido impossível.

“Os homens de preto (...)

Os homens de preto trazendo a boiada vem vindo cantando dando gargalhada
E o bicho coitado não pensa nem nada só vem pela estrada direito à charqueada

Deus, Deus, Deus, Deus, Deus, você fez

Os homens de preto trazendo a boiada vem vindo cantando dando gargalhada

Deus, Deus, Deus, Deus, Deus, você fez

Os homens de preto, os homens de preto, os homens de preto, os homens de preto

Trazendo a boiada vem vindo cantando dando gargalhada

E o bicho coitado não pensa nem nada só vem pela estrada

(Os homens de preto, os homens de preto, os homens de preto, os homens de
preto)

Vem berrando, vem berrando, vem berrando, vem berrando

(Os homens de preto, os homens de preto, os homens de preto, os homens de
preto)

O gado coitado nasceu foi marcado

Aí vai condenado na estrada berrando a querência deixando os homens malvados
quebrando e gritando

Toca boi, toca boi, berra boi, berra boi

Venha, venha, venha boi, anda boi ou, ou, ou, ou, oua boi

Os homens de preto trazendo a boiada vem vindo cantando dando gargalhada

Deus, Deus, Deus, Deus, Deus, você fez

O gado coitado nasceu foi marcado

Aí vai condenado direito a charqueada

Mas manda a poeira pro rumo de Deus

Berrando pra Ele dizendo pra Deus

Deus, Deus, Deus, Deus, Deus, você fez

Boi, boi, boi, boi, boi, boi, boi

Os homens de preto empurrando a boiada vem vindo cantando dando gargalhada

Deus, Deus, Deus, Deus, Deus “

Os Homens de Preto

Grupo: Caverá

Composição: José Fogaça

RESUMO

Dissertação de Mestrado
Programa de Pós-Graduação em Integração Latino Americana
Universidade Federal de Santa Maria

SANTA THEREZA: UM ESTUDO SOBRE AS CHARQUEADAS DA
FRONTEIRA BRASIL – URUGUAI

AUTORA: FERNANDA CODEVILLA SOARES

ORIENTADOR: PROF. DR. SAUL EDUARDO SEIGUER MILDER

Local e Data da Defesa: Santa Maria, 15 de Março de 2006.

Este trabalho tem por objetivo analisar a vida saladeril riograndese em fins do século XIX e princípios do século XX, enfatizando o caráter fronteiriço dessas charqueadas e sua vinculação ao espaço platino, especialmente o Uruguai. A Charqueada Santa Thereza, fundada no município de Bagé em 1897, é o objeto de estudo deste trabalho. Tal estabelecimento possuía como proprietário o visconde português Ribeiro de Magalhães. As charqueadas deste período são dotadas de uma série de características que as diferencia das charqueadas escravistas gaúchas, entre estas, podemos citar: mão-de-obra assalariada, trabalho em série, utilização de maquinário no processo de fabricação do charque, produção diversificada (outros produtos além do charque) etc. Essas características tornam tais estabelecimentos semelhantes aos saladeiros platinos, que desde cedo já possuíam esses elementos e competiam como o mercado gaúcho no comércio do charque. O contato com o espaço platino dava-se através das trocas comerciais e culturais, legais e ilícitas, entre os proprietários brasileiros e uruguaios, as quais puderam ser analisados durante o desenvolvimento da pesquisa. As fontes utilizadas foram: jornais de época, cartas do Visconde ao Governador Borges de Medeiros, fotos antigas da charqueada e as ruínas do complexo urbano e industrial edificado no entorno da mesma. O trabalho pretende um novo olhar sobre o tema, já que privilegia as vinculações destes estabelecimentos com o Prata e utiliza fontes diversificadas para a pesquisa histórica.

Palavras-chaves: charqueada, Rio grande do Sul, ruínas, história.

ABSTRACT

Master's Thesis
Masters Program in Latin American Integration
Federal University of Santa Maria

**SANTA THEREZA: A STUDY ON THE INDUSTRY OF FRONTIER
BRASIL – URUGUAI**

AUTHOR: FERNANDA CODEVILLA SOARES

ADVISOR: PROF. DR. SAUL EDUARDO SEIGUER MILDER

Place and Date of the defense: Santa Maria, 15 / March / 2006.

This work has for objective to analyze the life riograndese in ends of century XIX and principles of century XX, emphasizing the frontier character of the dried meat's industry and its entailing to the platino space, especially Uruguai. The Charqueada Santa Thereza, established in the city of Bagé in 1897, it is the object of study of this work. Such establishment has as proprietor Ribeiro de Magalhães. The dried meat's industry ones of this period are endowed with a series of characteristics that differentiate them of gauchos slaveries dried meat's industry the slaveries, between these, we can cite: wage-earning man power, work in series, use of machine in the process of manufacture of dried meat, diversified production (other products beyond dried meat) etc. These characteristics become such similar establishments the platinos dried meat's industry, that since early already have these elements and competed as the market gaúcho in the commerce of dried meat. The contact with the platino space was given through commercial and cultural, legal and illicit the exchanges, between the brazilian and uruguayan proprietors, which could have been analyzed during the development of the research. The used sources had been: old ruin, letters and periodicals photos the urban complex built in around of the industry. The work intends a new to look at on the subject, since it privileges the entailings of these establishments with the Prata and uses sources diversified for the historical research.

Key words: Rio Grande do Sul, ruins, history.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa construído a partir de PESAVENTO (1980) indicando a dispersão das charqueadas fundadas no Rio Grande do Sul no período de 1880 a 1920, observar a concentração fronteiriça	48
Figura 2 - Mapa construído a partir de MARQUES (1987) indicando a dispersão das charqueadas fundadas no Rio Grande do Sul no período de 1880 a 1920, observar a concentração fronteiriça	49
Figura 3 – Quadro construído a partir de MARQUES(1990) representando as diferenças entre as funções dos trabalhadores nas charqueadas antigas e nas charqueadas modernas	56
Figura 4 - Quadro construído a partir de MARQUES(1990) representando as diferenças entre os produtos das charqueadas antigas e das charqueadas.....	57
Figura 5 – Quadro dos valores das exportações no RS entre 1878 – 1929. Extraído de HERRLEIN, 2000. p.51	60
Figura 6 - Foto da Charqueada Santa Thereza, digitalizada do Acervo de Irecê Moglia.....	77
Figura 7 - Foto dos trabalhadores da charqueada, recolhendo as mantas de charque para a secagem nos varais, digitalizada do acervo de Irecê Moglia.....	79
Figura 8 – Foto da Avenida Visconde de Ribeiro Magalhães.....	84
Figura 9 – Foto do Boulevard 16 de Outubro	85
Figura 10 – Foto da ponte do Boulevard 16 de Outubro	85
Figura 11 – Foto do Palacete do Visconde, digitalizada do acervo de Irecê Moglia.....	86
Figura 12 - Foto de elementos decorativos da fachada do Palacete, disperso no chão, ao redor das ruínas da residência	87

Figura 13 - Foto da fachada do Palacete, na qual é possível observar a família Magalhães na frente da residência. Foto digitalizada do acervo de Irecê Moglia...	88
Figura 14 – Foto do Palacete reformado, digitalizada do acervo de Irecê Moglia...	89
Figura 15 – Foto das ruínas do Palacete, com data de 2000. Digitalizada do acervo de Irecê Moglia.....	89
Figura 16 - Foto das ruínas do Palacete, com data de 2001.....	89
Figura 17 - Foto das ruínas do Palacete, com data de 2004.....	90
Figura 18 - Foto das reminiscências do portão de entrada, com data de 2001.....	90
Figura 19 - Foto da parte interna do Palacete, com data de 2001.....	90
Figura 20 - Foto do 2o piso do Palacete, construída em bambu e coberta de argamassa de cal.....	91
Figura 21: Foto do pátio, nos fundos Palacete, em detalhe o poço.....	91
Figura 22 – Foto das reminiscências do Palacete, com data de 2005.....	91
Figura 23 – Foto do Coreto	92
Figura 24 – Foto do lago artificial sobre o qual o Coreto foi construído	93
Figura 25 – Desenho do Teatro Santo Antonio e da Capela Santa Thereza, digitalizada do acervo de Irecê Moglia.....	93
Figura 26 – Foto das reminiscências do Teatro Santo Antônio, com data de 2001...94	94
Figura 27 – Foto da Capela Santa Thereza	94
Figura 28 – Foto da residência do filho do Visconde de Ribeiro Magalhães	96
Figura 29 – Foto da Vila dos operários. Conjunto de casas localizados em frente a charqueada.....	97
Figura 30 – Foto das casas da vila dos operários	98
Figura 31 – Foto do conjunto de casas localizados próximos à Indústria de Derivados.....	98
Figura 32 – Foto antiga do Armazém de Silvério de Souza, digitalizada do acervo de Irecê Moglia.....	99
Figura 33 - Foto das reminiscências do Armazém de Silvério de Souza, com data de 2004.....	100
Figura 34 – Foto antiga do Hospital, digitalizada do acervo de Irecê Moglia.....	100
Figura 35 – Foto da Escola Municipal de Ensino Fundamental Anna Moglia	101
Figura 36 – Foto da fachada da Indústria de Derivados	101
Figura 37 - Foto do detalhe da fachada da Indústria de derivados, no qual aparece a data 1902.....	102

Figura 38 – Foto das ruínas da Indústria de Derivados	103
Figura 39 - Foto aérea do Complexo Histórico Santa Thereza, digitalizada do acervo de Irecê Moglia.....	103
Figura 40 – Foto aérea do do Complexo Histórico Santa Thereza, digitalizada do acervo de Irecê Moglia.....	104

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	14
CAPÍTULO 1 – REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.....	14
CAPÍTULO 2 – AS CHARQUEADAS DA FRONTEIRA: CONTEXTO HISTÓRICO.....	46
CAPÍTULO 3 – CHARQUEADA SANTA THEREZA: HISTÓRIA, PROPRIETÁRIO, ESTRUTURAS E VIDA CULTURAL.....	71
3.1 História do proprietário	71
3.2 História da charqueada.....	77
3.3 As Estruturas.....	82
3.3.1 As Avenidas	83
3.3.2 O Palacete	86
3.3.3 O Coreto	92
3.3.4 O Teatro Santo Antonio	93
3.3.5 A Capela Santa Thereza	94
3.3.6 A Residência do Filho do Visconde	96
3.3.7 A Vila dos operários	96
3.3.8 Conjunto de casas “um”	97
3.3.9 Conjunto de casas “dois”	98
3.3.10 O Armazém de Silvério de Souza.....	99
3.3.11 O Hospital	100
3.3.12 A Indústria de Derivados	101
3.3.13 Fotos aéreas do Complexo Histórico Santa Thereza.....	103
CONSIDERAÇÕES FINAIS	105
BIBLIOGRAFIA	108

INTRODUÇÃO

O tema dessa dissertação caracteriza-se pelo estudo da vida saladeril rio-grandense em fins do século XIX e início do século XX. As charqueadas desse período estão situadas, na sua maioria, no interior do Estado do Rio Grande do Sul, próxima aos municípios da fronteira entre Brasil e Uruguai.

Esses estabelecimentos são dotados de uma série de características que as diferenciam das charqueadas escravistas, entre estas podemos citar: mão-de-obra assalariada, utilização de máquinas no processo produtivo, técnicas novas na fabricação do charque e localização no interior continental.

Essas características tornam tais charqueadas semelhantes aos saladeiros platinos, os quais, desde muito cedo, já possuíam esses elementos e competiam com o mercado gaúcho no comércio do charque.

A pesquisa se focalizará sobre uma dessas charqueadas, denominada como Charqueada Santa Thereza, fundada em 1897, localizada no município de Bagé, na fronteira entre Brasil-Uruguai.

O objetivo deste trabalho é compreender as relações culturais, sociais e econômicas desse estabelecimento. Para tal, o trabalho pretende reconstruir historicamente o funcionamento do mesmo, apreendendo suas estruturas internas e os aspectos relacionados à vida de seus agentes sociais.

Essa tarefa pressupõe um melhor entendimento do contexto histórico platino, indispensável para a caracterização das trocas comerciais e culturais, legais e ilícitas, estabelecidas entre os charqueadores gaúchos e os vizinhos do Prata.

Nesse sentido, o primeiro capítulo visa delimitar o tema, definindo a problemática da pesquisa desenvolvida e caracterizando a relevância do trabalho realizado.

O segundo capítulo apresenta um apanhado geral das pesquisas já realizadas sobre charqueadas, buscando, através de uma revisão bibliográfica, apontar as principais obras sobre o assunto e tecer algumas ponderações sobre elas.

O terceiro capítulo propõe-se a realizar uma contextualização histórica da produção de charque gaúcho em fins do século XIX e princípios do XX, inserindo o município de Bagé nessa contextualização.

E o quinto capítulo detém-se a apresentar a Charqueada Santa Thereza, descrevendo sua história, seus personagens, suas estruturas e peculiaridades.

A maioria dos estudos sobre charqueadas rio-grandenses refere-se aos estabelecimentos encontrados na cidade de Pelotas e cuja mão-de-obra foi o trabalhador escravo. Entre estes estudos, podemos citar: CARDOSO (1977)¹, CORSETTI (1983)² e GUTIERREZ (2001)³.

Entre os autores que se referem às charqueadas de fins do século XIX percebemos que a tendência foi incluí-las em uma perspectiva estrutural, relacionadas, ou ao contexto geral do ciclo do charque rio-grandense (como é o caso de MARQUES, 1987, 1988, 1992)⁴, ou ao contexto de industrialização regional (PESAVENTO, 1980, 1982)⁵.

Em relação a esses trabalhos já realizados, a problemática desta pesquisa apresenta-se inovadora pelo fato de aprofundar os conhecimentos sobre as charqueadas dessa época, captando as singularidades desses estabelecimentos (relações assalariadas, utilização de maquinário moderno, importação de condutas sociais europeizantes, relações com o comércio platino etc) como características que marcaram um período de transformações culturais e econômicas no espaço da fronteira do Rio Grande do Sul.

O trabalho pretende um “novo olhar” sobre o tema, já que, privilegia o estudo dessas charqueadas com o cenário fronteiriço Brasil – Uruguai e utiliza as ruínas da Charqueada Santa Thereza como fontes para a pesquisa histórica.

PESAVENTO (2001)⁶ afirma que o historiador “se dispõem a fazer as coisas falarem”, logo, as estruturas remanescentes (ruínas) das charqueadas podem ser caracterizadas como representações de uma época, carregada de significados a serem identificados pelo historiador.

¹CARDOSO, Fernando Henrique. **Capitalismo e Escravidão no Brasil Meridional. O Negro na Sociedade Escravocrata do Rio Grande do Sul.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

²CORSETTI, Berenice. **Estudo da charqueada escravista gaúcha no século XIX.** Dissertação (Mestrado História). – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1983.

³GUTIERREZ, Éster J. B. **Negros, charqueadas e olarias: um estudo sobre o espaço pelotense.** 2 ed. Pelotas: UFPEL, 2001

⁴MARQUES, Alvarino Fontoura. **Episódios de ciclo do charque.** Porto Alegre: Edigal, 1987. MARQUES, Alvarino Fontoura. **Evolução das charqueadas rio-grandenses.** Porto Alegre: Martins Livreiro, 1990. MARQUES, Alvarino Fontoura. **A economia do charque.** Culinária do charque. O charque nas artes. Porto Alegre; Martins Livreiro, 1992.

⁵PESAVENTO, Sandra Jatahy. **República velha gaúcha: charqueadores, frigoríficos e criadores.** Porto Alegre: Movimento, 1980. PESAVENTO, Sandra Jatahy. **A Burguesia gaúcha.** Dominação do capital e disciplina do trabalho. RS 1889-1930. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

⁶PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural.** Belo Horizonte: Autentica, 2003, p.98.

Segundo a autora, tudo pode vir a tornar-se fonte ou documento para a História, dependendo da pergunta que seja formulada:

Casas, prédios, monumentos, traçados das ruas, brinquedos apontam no sentido de que as coisas materiais são detentoras de significados e se prestam a leitura.

Os exemplos são muitos, pois fontes são marcas do que foi, são traços, cacos, fragmentos, registros, vestígios do passado que chegam até nós, revelados como documento pelas indagações trazidas pela História.⁷

Em relação à utilização de coisas materiais como fontes de informações científicas, a autora SANTOS (1998) indica que Maurice Halbwachs foi “um dos primeiros intelectuais deste século a priorizar o estudo de imagens e a inserir em sua investigação dados arqueológicos, iconográficos e arquitetônicos, ao lado de testemunhos de época”.⁸

Maurice Halbwachs pode ser identificado como um dos autores que mais influenciou a compreensão do tema da memória coletiva, além de ser indicado como um precursor na utilização de fontes materiais enquanto documentos de informação para suas investigações.

Assim, a utilização das ruínas da charqueada como fontes de documentação justifica-se pelo fato de ser tratada como uma fonte material histórica carregada de representações de uma época, dispostas a serem interpretadas de acordo com os objetivos da pesquisa.

Além das ruínas, o trabalho contou com documentos do proprietário da charqueada (correspondências do Visconde português Ribeiro de Magalhães ao Governador Borges de Medeiros), reportagens de jornais da época, registros de imóveis, inventários e fotos antigas da Charqueada Santa Thereza.

O contexto histórico de fins do XIX e princípio do século XX ajuda a analisar a atual dependência dos países da América Latina em relação ao mercado mundial, assim como sua estrutura monoexportadora.⁹

⁷ Ibid, p.99.

⁸ SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. Sobre a autonomia das novas identidades coletivas: alguns problemas teóricos. **Revista brasileira de ciências sociais**. v. 13, n.38, p.17, 1998.

⁹ Nesse período histórico, os países latinos possuem suas economias em processo de inserção no mercado internacional, ou seja, ocorre uma abertura comercial entre os países latinos e o mundo. Nesse processo, cada país especializou-se em um tipo de produto, sendo que, a região do Prata, conforme afirma DABÊNE(2003), se especializou na pecuária e no cultivo de cereais, se convertendo em uma fonte de produtos básicos para o mundo industrializado, totalmente voltada para o exterior.

Nesse contexto, o estudo das “charqueadas do interior” permite apontar proximidades históricas entre os países latinos capazes de justificar o incentivo ao processo de integração latino-americano contemporâneo.

Ao mesmo tempo em que se identificam trocas comerciais (legais e ilícitas), podemos definir uma série de características presentes nos saladeiros fronteiriços “nacionais”, que os tornam semelhantes dos platinos, como técnicas de fabricação de charque, mão-de-obra, comportamentos, capitais investidos etc.

É possível perceber um intercâmbio cultural entre os dois países, do qual as estruturas dos estabelecimentos, o funcionamento e o comportamento social destes grupos são representativos.

O conceito de fronteira definido por SOUZA (1995) ajuda esclarecer melhor esse espaço entre Brasil e Uruguai:

(...) a fronteira é vista não somente como a extensão dos limites, mas como uma área de interação, de interdependência e de complementaridade. Espaço quase sempre preenchido por extensos campos, apropriados em sua grande parte pelos latifundiários, e com um sistema peculiar de cidades vizinhas, muito próximas, cuja base econômica foi sempre a troca assimétrica de bens, serviço e homens. Existia uma singularidade na organização interna deste espaço em relação às trocas. Os fluxos eram típicos de uma produção baseada na pecuária extensiva, onde as tropas de gado se deslocavam ora para abastecer os saladeiros uruguayos, ora a charqueadas rio-grandenses. Este fluxo de homens e de mercadorias nos obriga a aprender este espaço levando em conta a porosidade fronteiriça.¹⁰

Dessa forma, podemos compreender que as similaridades históricas da fronteira Brasil-Uruguai são aspectos importantes a serem observados nos estudos sobre a integração latina e sobre as charqueadas da fronteira Brasil-Uruguai.

Vale lembrar VENTURA & PADOIM (2002) que enfatizam a importância das fronteiras nos estudos sobre a integração latino-americana:

Observa-se que projetos políticos de integração econômica podem gerar a integração cultural, política, social das sociedades envolvidas. Mas é a existência de certas condições ou pressupostos culturais, sociais e políticos que são os fundamentos que fortificam os processos oficiais de integração

DÂBENE, Olivier. **América Latina no século XIX**. Trad. Maria Izabel Mallmann. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

¹⁰ SOUZA, Susana Bleil de. Identidade e Nacionalismo no processo de integração da fronteira Uruguia no Final do Século XIX. **Humana. Revista do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas**. v.18. n.1/2. janeiro / dezembro, Porto Alegre: UFRGS, 1995.p.154.

econômica. Tais relações são mais características entre os países vizinhos, especialmente na região fronteiriça. Assim, também se tem no elemento fronteira um aspecto a destacar nas relações ou nos estudos da integração.¹¹

Dessa forma, o presente trabalho tem por objetivo analisar a história da Charqueada Santa Thereza, localizada no município de Bagé, privilegiando suas relações econômicas com o Uruguai e suas similaridades com os saladeiros platinos.

Nesse sentido, o trabalho pretende contribuir, como as demais pesquisas históricas produzidas no Mestrado em Integração Latino América, para a efetivação do processo de integração econômica dos quais os países da América Latina estão em processo de inserção.

Através do estudo das charqueadas fronteiriças, podemos captar uma série de elementos comuns entre os países latinos que justificam incentivar um processo de integração entre os mesmos, tendo em vista essa herança histórica comum.

¹¹ VENTURA, Deisy & PADOIM, Maria Medianeira. A Integração Latino-Americana numa abordagem transdisciplinar: uma contribuição ao debate sobre a proposta do programa de pós-graduação em integração latino-americana da UFSM. **RILA**. Santa Maria: UFSM, 2002. p.52.

CAPÍTULO 1

REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Este capítulo visa realizar um apanhado bibliográfico de obras importantes que se dedicaram a estudar o tema das charqueadas. Nessa revisão, serão enunciados o autor, a tese principal da obra, um pequeno resumo da mesma e os pontos de aproximação e distanciamento entre elas, assim como, as referências ao cenário platino.

Entre as primeiras obras podemos citar o romance de Pedro Wayne escrito em 1937, denominado *Xarqueada*, o qual descreve a vida de peão em uma Charqueada no município de Bagé.¹²

O cenário de fundo da obra é a Charqueada Santa Margarida. Os personagens principais do romance são: Luís (o novo escrivão, que incentiva o levante dos operários contra a opressão do proprietário); Carocha, Tia Catita (e outros peões), Dionísio (charqueador), Vera (mulher de Dionísio que se unira a ele por interesse), Januário (marido doente de Daniela), Daniela (mulher que se prostituiu com o charqueador para atenuar o sofrimento do marido) e Guriazinha (quem perde a virgindade cedo e é mal falada pelos peões, se torna o par romântico de Luís no decorrer do romance).

O autor descreve a rotina da charqueada, narrando desde a brutalidade do processo de fabricação do charque às precárias condições das casas dos operários. WAYNE (1982) denuncia dificuldades referentes às más condições de habitação, saúde, higiene, segurança, alimentação e trabalho. O trecho a seguir ilustra a obra:

O apito se alongava por toda as direções daquela solidão estendida e coberta de silêncio, entrando pelas portas miúdas dos ranchos baixos, de paredes velhas de torrões a cair, escoradas com paus pesados, e mal tapados por palhas podres como se fosse a voz dum campanário, acordado repentinamente para alvoroçar, numa alegria douda, a esperança

¹² Escritor baiano casou-se em Bagé e ali constituiu família. Trabalhou na charqueada de seu sogro, atendendo no armazém desse estabelecimento. Posteriormente, transferiu-se para Charqueada São Miguel, onde desenvolveu atividades de contador. Trabalhou ainda como: motorista de caminhão, vendedor ambulante, jornalista, contador de hospital, substituto de juiz municipal e plantador de trigo. Quando jornalista, década de 30, publicava o jornal ABCDEFGHIJKLMNOPQRSTUVWXYZ, de estilo modernista e afrontando “a moral” dos leitores. Trocava correspondências com Jorge Amado, Oswald de Andrade e Mario Andrade. Fez parte do Grupo de Bagé, composto por artistas e intelectuais deste município. Informações extraídas da Introdução do livro escrito por Ernesto Wayne (filho de Pedro Wayne). WAYNE, Pedro. **Xarqueada**. 2. ed. Porto Alegre: IEL/Movimento, 1982.

daquela gente faminta e desesperada. Moradores daquela campanha onde até hoje só tem falado na fartura de mantimentos e nas propriedades do ar. Citados os confortos de que dispõem os mais afortunados: o churrasco escorrendo sangue assado nos espetos toscos ao lado do leite sobrando, da manteiga fresca e dos ovos de casa. Visse ali a quadra! Quadra é o conjunto de rancho, a uns 200 metros dos edifícios da xarqueada, onde residem com suas famílias os empregados. Consta de pouco mais de uma dezena de habitações, quase em ruínas, feitas de torrão e cobertas de palha. Escuras. (...) Repartidas por dentro com tábuas em três peças. Na do meio, a porta para entrada, numa lata de querosene aberta, transformada em fogareiro, atizada por carvão de pedra, que arrancavam duma jazida em abandono, cozinha e esquentam água. É onde recebem as visitas, à noite, para as rodas de mate. As “louças”, as “panelas”, também latas, geralmente as de goiabada (...) Nos mais pobres, para sentar, uns pedaços de troncos altos (...)¹³

O texto é escrito de uma forma crua e direta. O autor usa uma linguagem regionalista, com termos gaúchos. Os capítulos não fazem parte de uma história com início, meio e fim. Apresentam-se como episódios que se desenrolam concomitantemente. Descreve cenas bárbaras em pormenores, referentes a mortes de crianças desnutridas, peões doentes, cenas de prostituição e espancamento.

A obra pode ser analisada como uma denúncia, ou ainda como um desabafo diante das precariedades sociais vividas na charqueadas. Seu objetivo principal é se opor ao ideal de fartura dos pampas, conforme pôde ser lido no trecho anterior.

Sem esquecer da localização fronteiriça dessa Charqueada, o romance faz referência à utilização das guias falsas, do contrabando, subornos e fraudes, típicos desse contexto econômico e espacial:

Comentava que o que o guarda queria era “morder”. (...) Quando a tropa vinha com “trampa”, antes de chegar, os funcionários mais importantes tinham sido comprados, ajeitavam cousa e ficava tudo em paz. (...) Luís se meteu. Achava que o culpado do contrabando era o próprio governo. Taxava umas exorbitâncias. Os fazendeiros e xarqueadores pagavam (...) por cabeça para os guardas fecharem os olhos às irregularidades e ganhavam ainda dinheiro. (...) Se os impostos fossem menores não convinham aos proprietários tais atendimentos.¹⁴

A obra é farta em episódios que descrevem o cotidiano da charqueada. Torna-se uma fonte de informações para a história, porém, com a devida crítica necessária às obras literárias.¹⁵

¹³ WAYNE, 1982, p.33.

¹⁴ Ibid, p.41.

¹⁵ PESAVENTO, 2001.

Fernando Henrique Cardoso também se debruçou nos estudos sobre o charque, o objetivo da sua tese (denominada o Capitalismo e Escravidão no Brasil Meridional) é refutar a teoria de democracia racial gaúcha e denunciar a violência da sociedade escravocrata do Brasil Meridional. O trabalho foi realizado na disciplina Sociologia I da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, entre os anos de 1955 e 1960.¹⁶

A obra pode ser inserida entre as publicações dos autores revisionistas¹⁷ dos anos 50, quando a “identidade cordial” e a “ideologia da democracia racial” passam a ser alvo de muitas críticas, principalmente por constatar com uma realidade marcada pelas injustiças sociais e pela lutas das minorias étnicas contra o racismo.

A obra apresenta o papel do escravo na formação do Rio Grande do Sul e aponta que a intensificação do comércio de charque e de couro nos primeiros anos do século XIX intensificou o afluxo de negros para as zonas das charqueadas, tendo em vista a acumulação de capital necessária para adquirir essa mão-de-obra.

Na opinião do autor, devido ao baixo nível tecnológico e às poucas inovações do setor saladeril rio-grandense, o lucro do charqueador era garantido através da exploração do escravo.

As condições de trabalho nas charqueadas eram as piores possíveis, os negros chegavam a trabalhar dezesseis ou mais horas, sendo que, a maior parte do

¹⁶ Fernando Henrique Cardoso foi Presidente da República Federativa do Brasil por dois mandatos consecutivos (de 01/01/1995 a 01/01/2003). Entre suas funções atuais, é Presidente do Club de Madrid e co – Presidente do Inter-American Dialogue. É também Membro dos Conselhos Consultivos do Institute for Advanced Study, de Princeton, e da Fundação Rockfeller, em Nova Iorque, além de professor na Universidade de Brown, em Providence, e detentor da cátedra “Cultures of the South”, na Biblioteca do Congresso, em Washington D.C. Sociólogo graduado na Universidade de São Paulo, ex-Professor catedrático de Ciência Política e atual Professor Emérito da Universidade de São Paulo; foi Diretor Associado de Estudos na École des Hautes Études en Sciences Sociales em Paris, e professor visitante no Collège de France e na Universidade de Paris-Nanterre. Ocupou a cátedra Simon Bolivar na Universidade de Cambridge e ensinou nas universidades de Stanford e de Berkeley. Foi Presidente da Associação Internacional de Sociologia (ISA) (1982-1986); membro do Institute for Advanced Study (Princeton); Doutor Honoris Causa pelas Universidades de Rutgers (New Jersey), Notre Dame (Indiana), Central de Caracas (Venezuela), do Chile, da FLACSO, do Porto e de Coimbra (Portugal), Livre de Berlim (Alemanha), Sofia (Japão), Lumière Lyon 2 (France), Bolonha (Itália), Nitra (Eslováquia), Oxford, Cambridge e Londres (Inglaterra), Jerusalem (Israel) e Moscou (Rússia). É membro honorário Estrangeiro da American Academy of Arts. Disponível em <http://www.ifhc.org.br>. Acesso: 20 Ago. 2005.

¹⁷ Nesse período, a história do Brasil é revisada e alguns autores se destacam nessa tarefa: Florestan Frenandes, Otávio Ianni, Emília Viotti da Costa e Fernando Henrique Cardoso. Os intelectuais revisionistas possuem uma formação teórica bem definida e apóiam suas teses em um acarboço metodológico rígido, fazendo uma série de críticas a forma de “fazer história” dos anos 30. Apesar de não possuírem uma corrente teórica única, os revisionistas constroem um circuito intelectual comum, no qual discutem Marx, Weber, Descartes, Durkheim, Dilthey, Mannheim, Hüssel e outros. O tema gerador das análises históricas passa a ser as relações sociais estabelecidas por senhores e escravos, tidas como violentas, discriminatórias e exploradora.

trabalho era realizada à noite, principalmente nas épocas de safra, de novembro a maio.

Quando findava o período sazonal, os senhores “inventavam” novas atividades para ocupar o tempo ocioso dos escravos, garantindo assim, uma renda mínima para sustentá-los o restante do ano, porém insuficiente para gerar lucro.

O autor realiza um estudo sobre a origem do poder no Rio Grande do Sul para demonstrar que a estrutura social colonial do Estado gaúcho configurou-se de forma patrimonialista e patriarcal, sendo que, tal configuração, nada se aproxima de uma ordem democrática difundida pela ideologia da “democracia racial e rural gaúcha”.

Em primeiro lugar, fica patente que a interpretação do passado pela idealização da democracia social e racial implica uma perspectiva etnocêntrica de abordagem da história. Os defensores da “democracia gaúcha” identificam-se com os agentes históricos e procuram explicar as ações humanas pretéritas em função de valores do presente (...)¹⁸

Somadas às duras condições de vida e de trabalho das charqueadas, afirma que as relações de poder no Rio Grande do Sul são estabelecidas por um comportamento violento (levando em conta as tensões históricas de guerras e disputas que configuraram a formação social, econômica, política e cultural do Estado), o que intensifica a brutalidade do trato entre senhores e escravos.

Segundo ele, o negro foi peça fundamental da produção gaúcha dessa época. Por isso, quando cessa a corrente de importação de escravos, a partir de 1850, o sistema sócio-econômico gaúcho é duramente atingido. Dessa forma, alguns ruralistas conseguiram se reajustar ao fim do tráfico de negros, porém muitos faliram.

Lembra ainda que, enquanto as charqueadas gaúchas insistiam na utilização do escravo como mão-de-obra, os saladeiros do Prata já operavam com mão-de-obra assalariada há vários anos.

A concorrência dos saladeiros do rio da Prata era intensa e a produção platina do charque levava vantagem por causa da melhor qualidade do gado, das taxas mais baixas a que estavam sujeita a exportação, do mais fácil acesso aos portos, das relações que mantinham com os ingleses, e ,

¹⁸ CARDOSO, 1977, p.123.

sobretudo, (...) por causa do tipo de organização do trabalho que possuía.¹⁹

A concorrência entre charqueadas gaúcha e saladeiros platinos é compreendida como a luta entre duas formas de produção econômica: uma mais presa à situação colonial e escravocrata, outra mais ligada à produção capitalista.

Tecendo comparações entre as duas, afirma que o trabalho especializado do Prata custava mais caro, no sentido que o salário envolvia uma retribuição do trabalho mais elevada que o escravo. Porém, a produtividade do trabalhador platino superaria o desperdício obrigatório da força de trabalho na economia escravocrata.

Conforme CARDOSO (1977), na economia escravocrata não havia especialização nem racionalização da produção. Caso houvesse maior rapidez na produção, o escravo permaneceria ocioso a maior parte do ano. Logo, o senhor procurava ocupar sempre mais o escravo e não ocupá-lo de forma mais racional ou produtiva.

Assim, conclui que a escravidão era um empecilho para a efetivação do sistema capitalista gaúcho, seja porque restringia o mercado consumidor, seja porque a forma de organização do trabalho escravo dava-se em um sentido anticapitalista ou irracional.

Na conjuntura de fins do século XIX, lembra que era desejo comum renovar o processo produtivo e as relações de trabalho no Rio Grande do Sul, com o objetivo de atingir o “progresso” e garantir o “desenvolvimento”.

Tendo em vista as características do sistema escravocrata gaúcho, essa ideologia “progressista” contribuiu para a desintegração desse sistema econômico, visto como improdutivo.

O autor afirma que os charqueadores, na sua maioria, defendiam a escravidão até o fim, acreditando que a abolição traria abalos para a economia. Enfatiza que o charqueador gaúcho não se comportava como um empreendedor capitalista.

Para agir como empreendedor capitalista não bastava, portanto, deixar de possuir escravos. Era preciso redefinir valores e normas de comportamento e esse processo não poderia ocorrer automaticamente. Ele supõe uma série enorme de tentativas individuais que, sendo favorecidas pelas condições técnicas, sociais e econômicas em geral, podem obter êxito, não sem alguns fracassos de permeio. Mas nada pode assegurar de antemão

¹⁹ Ibid, p.70.

que uma determinada camada de produtores à base da escravidão será capaz de modificar seu comportamento, mesmo quando sua salvação esteja, objetivamente, na utilização de mão-de-obra livre. No Rio Grande do Sul não houve, no período de transição da economia escravocrata para a produção à base de mão-de-obra livre, nenhum fator que instigasse, na economia do charque, a formação de uma camada de novos empresários, sem compromissos insuperáveis com o passado escravocrata. Os novos empreendedores eram recrutados, em regra, entre imigrantes cujas atividades concentravam-se no plantio de cereais ou na pequena empresa semi-industrial. Foram essas atividades que, mais tarde, constituíram os núcleos dinâmicos da economia capitalista do Rio Grande do Sul. Os charqueadores continuaram a debater-se com seus problemas crônicos, incapazes que foram, mesmo depois da abolição, de reagir como empresários autenticamente capitalistas.²⁰

CARDOSO (1977) defende a idéia que o regime escravocrata (baseado na violência, na visão de que o escravo é um inimigo, que só trabalha coagido), molda um comportamento entre senhores e escravos no qual o trabalho passa a ser analisado como uma atividade puramente animal e baseada na utilização da força bruta.

Muitas vezes, os negros se negaram a continuar trabalhando nas mesmas condições de antes da abolição e preferiram viver na ociosidade e na vida desregrada depois do fim do escravismo.

Tal situação aumentava o preconceito, já que, conforme afirma CARDOSO (1977), o negro desordeiro, ocioso e bêbado não era uma imagem inventada pelo branco. O comportamento do negro na sociedade capitalista contribuiu, muitas vezes, para a afirmação dos preconceitos raciais existentes desde a escravidão. Contudo, é válido lembrar que “o branco não criou apenas essa representação do negro: fê-lo, de fato, agir dessa forma”.²¹

O autor conclui sua análise estudando a participação do negro na sociedade de classe e afirma que o processo de re-socialização dos mesmos ocorreu de forma paralela ao branqueamento do negro, ou seja, “os negros tentaram organizar ações de tal forma que parecessem semelhantes aos brancos, em suas formas de comportamento”. Muitas vezes, tal “mimetismo” gerava mais preconceito por parte dos brancos.²²

A obra é considerada como um clássico nos estudos sobre o negro e sobre a escravidão gaúcha, seu mérito está em desmascarar a “ideologia da democracia

²⁰ CARDOSO, 1977, p.210.

²¹ Ibid, p.250.

²² Ibid, p.258.

rural”, apresentando a violência das relações estabelecidas entre senhores e escravos nas charqueadas.

Entretanto, muitas idéias defendidas por Fernando Henrique Cardoso foram criticadas e revisadas por trabalhos mais recentes, principalmente, o sentido anticapitalista e irracional dos charqueadores gaúchos, tais idéias e trabalhos serão analisados a seguir.

A partir da década de 80, com a proliferação de cursos de pós-graduação no Brasil, começam a surgir novos estudos cujo objetivo é analisar a realidade econômica – social gaúcha. Nesse sentido, os temas da industrialização e da burguesia gaúcha passam a ser intensamente estudados. Entre os autores desse contexto histórico, podemos citar: Sandra Jatahy Pesavento ²³.

A autora publica uma série de obras sobre o período da República Velha Gaúcha. Serão analisados 2 livros de sua autoria, são eles: República Velha Gaúcha: Charqueadas, Frigoríficos e Criadores e A Burguesia Gaúcha: Dominação do capital e disciplina do trabalho. RS: 1889 – 1930.

O primeiro livro tem por objetivo analisar o setor pecuário gaúcho no período de 1890 a 1930, caracterizado como a fase em que se configuravam as pré-condições para a consolidação do capitalismo no Estado.

PESAVENTO (1987) defende a idéia que a economia pecuária gaúcha era incapaz de gerar acumulação de capital para montar uma empresa capitalista nesse ramo econômico. A idéia de um frigorífico nacional frustrou-se pela falta de recursos, tendo em vista a crise da elite pecuária em nível de produção.

Retomam-se os obstáculos que se antepunham a uma maior capitalização na charqueada gaúcha: retardamento das relações assalariadas, ausência de uma classe de empreendedores capitalistas, permanência de uma visão

²³ A autora Sandra Jatahy Pesavento é licenciada em história pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em 1969. Concluiu sua dissertação de mestrado em 1978, na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, com o título “Charqueadas, frigoríficos e criadores: um estudo sobre a República Velha Gaúcha”. Sua tese de doutorado foi defendida na USP em 1987, com o título: “O empresariado industrial, trabalho e Estado: uma contribuição ao estudo da burguesia gaúcha. O pós-doutorado de 1990 foi realizado na EHESS de Paris, França. O pós-doutorado de 1992/1993 foi realizado em Paris VII, Jussieu, Paris, França. O pós-doutorado de 1995 / 1997 foi desenvolvido em Paris IV, Sorbonne e EHESS. A autora é pesquisadora convidada do Smithsonian Institution, de Washington (EUA) e professora convidada das Universidades de Poitiers, Toulouse, Bordeaux; e École des Hautes Études en Sciences Sociales, Paris (França); Universidades de Coimbra e do Porto (Portugal); Universidade de Cantábria (Espanha); Universidades de Leiden e Utrecht (Holanda), Universidade de Louvain (Bélgica); Case Western Reserve University, em Cleveland (EUA). Atualmente atua na linha de pesquisa: cultura e representações na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em <http://www.palcohabitasul.com.br/historia>. Acesso: 24 Jul. 2005.

senhorial de mundo, não aplicação de recursos em tecnologia mais avançada que incrementassem a produtividade, condição periférica determinando retenção de excedente econômico pelo centro, baixo valor de troca de artigo produzido, mercado competitivo.²⁴

A autora analisa as conjunturas internas da pecuária, apontando os momentos de crise, estagnação e euforia econômica durante os anos de 1890 a 1930. Entre as causas das crises (fase pré-guerra) cita: arcaísmo técnico, alto preço do gado, elevada taxa de impostos sobre o sal e deficiente sistema de transportes.

Faz referências ao Prata para analisar a realidade da pecuária gaúcha e aponta o contrabando como um dos agravantes da crise regional:

O contrabando merece estudo à parte. Prejudicava, evidentemente, o charqueador gaúcho a entrada no país do charque platino contrabandeado, mas lhe era muito conveniente à entrada do gado platino de melhor qualidade e menor preço... Já com isto não concordava absolutamente o criador gaúcho, na medida em que o rebanho uruguaio viria concorrer junto à charqueada como matéria-prima que ele oferecia em condições desvantajosas. É lógico que esta diferenciação de expectativas em torno do contrabando poderia ser atenuada ou mesmo inexistente no caso de charqueadores que eram também estancieiros, ou no caso de criadores que realizassem eles próprios o contrabando.²⁵

Os saladeiros da Banda Oriental e de Buenos Aires são apresentados como dotados de uma série de vantagens em relação às charqueadas gaúchas: “os fabricantes platinos de tasajo tiveram (...) todo o protecionismo da política oficial, coisa que a charqueada gaúcha não obteve”²⁶

Além disso, a influência inglesa na Prata - representada desde o eficiente sistema de transporte marítimo a um vantajoso progresso técnico na criação do gado (raças mais refinadas e melhores pastagens) e na produção do charque (maquinário e técnica mais moderna) – também é considerada como uma característica vantajosa do produto platino em relação ao gaúcho.

A autora lembra que no período da primeira guerra mundial, enquanto os vizinhos do Prata aprimoravam suas técnicas de refrigeração da carne, o Rio Grande do Sul vivencia um momento de oscilação favorável no comércio de charque.

Nesse período, o Rio Grande do Sul tem oportunidade de ganhar o mercado externo, com a justificativa de suprir a falta do charque platino, já que esses países

²⁴ PESAVENTO, 1987, p.23 e 24.

²⁵ Ibid, p.40.

²⁶ Ibid, op cit.

se dedicavam mais a carne refrigerada (frigoríficos). Porém, quando a guerra finda, novamente a exportações dos produtos locais declinam e a crise do charque aparece com mais força.

Diante das dificuldades enfrentadas pelas charqueadas gaúchas, PESAVENTO(1987) afirma que a tomada de consciência da crise, por parte da elite pecuária, propiciava a conscientização desse grupo como classe, já que os levava a propor soluções para seus problemas e unir-se em agremiações.

Fica evidente, contudo, a existência de interesses divergentes no plano econômico entre criadores e charqueadores, muitas vezes específicos e opostos. Nessa linha se insere a criação da União dos Criadores e o Convênio dos Charqueadores em órgãos separados, para estancieiros e charqueadores.

A atuação do Estado dava-se no sentido de atender a elite pecuária como um todo, sem distinguir criador ou charqueador, o que acabava minimizando as divergências no nível político.

Entretanto, em coerência com sua linha progressista, o PRR (partido do Governo Rio – Grandense) apoiava a fundação de um frigorífico nacional, incentivava a entrada dos frigoríficos estrangeiros e a substituição das charqueadas, condenadas como obsoletas.

Ou seja, na opinião da autora os charqueadores eram desconsiderados nos planos do Governo Estadual, o incentivo para o setor pecuário era direcionado para a construção de um frigorífico nacional e não para a produção das charqueadas.

Diante das investidas estrangeiras, a idéia de um frigorífico nacional torna-se mais forte, principalmente pelo sentido nacionalista do empreendimento. O objetivo era defender os interesses regionais e opor-se ao truste e ao monopólio estrangeiro dos frigoríficos.

O Prata era lembrado como um exemplo a não ser seguido, visto sua dependência aos frigoríficos e mercado externo. O Frigorífico nacional chegou a ser implantado no Rio Grande do Sul em 1920, porém, em 1921 foi vendido à empresa britânica The Meat Company.

A partir 1917 são implantados frigoríficos no Rio Grande do Sul, porém, a presença desses estabelecimentos não abala a supremacia do charque como principal produto exportado do Estado.

Evidente que a presença dos frigoríficos causa efeitos na economia regional, conforme afirma a autora na citação a seguir:

Enquanto que os primeiros resultados conduziram a uma expectativa otimista quanto à atuação do frigorífico, no final do período em apreço começaram a circular notícia das manobras baixistas das empresas estrangeiras. Inaugurava-se com isso um novo nível de tensão no panorama sulino, pela percepção de oposição de interesses entre fazendeiros e frigoríficos.²⁷

Nessa conjuntura, PESAVENTO (1987) lembra de desavenças entre charqueadores. Afirma que os charqueadores da serra acusavam a campanha de pactuar-se e se beneficiar do contrabando. Os mesmos reagem afirmando que a solução do contrabando passava pela conclusão dos trabalhos dos ramais férreos do Estado, bem como, pela diminuição das tarifas para atrair a produção para o Porto de Rio Grande.

Diante desse impasse, a autora conclui que a “reorganização” econômica gaúcha ocorreu sob a época do Governo de Getúlio Vargas (1928 – 1930), que abraçou todas as causas da elite pecuária, buscando minimizar os antagonismos e preparando o Rio Grande para a revolução de Outubro.

Em síntese, a idéia central da obra é que a pecuária foi incapaz de realizar, por si mesma, sua transformação completa para o capitalismo. Tal transformação implicaria na construção de um frigorífico nacional, idéia que não se efetivou durante toda a República Velha.

As “arcaicas” charqueadas resistiam, seja utilizando práticas como o contrabando, seja defendendo a bandeira de ser a única empresa nacional de industrialização da carne. Tal processo, contudo, é impossível de ser compreendido sem levar em conta a realidade do Prata, maior concorrente das fábricas de charque rio-grandense.

O segundo livro analisado denomina-se A Burguesia Gaúcha: Dominação do Capital e Disciplina do Trabalho. Nesse livro, a autora analisa a formação e a afirmação do empresariado industrial do Rio Grande do Sul.

PESAVENTO (1988) busca reconstruir de que forma um grupo social assume características burguesas, tal processo envolve: “a dominação do capital sobre o trabalho” e a “viabilização dos interesses do empresariado no interior da sociedade civil”.²⁸

²⁷ PESAVENTO, 1987, p. 151.

²⁸ Id, 1998. p.15.

A fábrica é analisada como o local privilegiado de afirmação da burguesia, nela se reproduzem a “dominação do capital sobre o trabalho”. Nesse sentido, chama atenção para elementos como: a tecnificação das empresas, a crescente utilização de máquinas e a visão fordista / taylorista no processo de produção.

Porém, a ação empresarial transbordava o espaço da fábrica. A submissão do trabalho ao capital se revestia de práticas assistencialistas, que objetivavam atenuar a dominação dos trabalhadores.

Entre estas práticas, PESAVENTO (1988) cita: a escola, a assistência social, a habitação e o lazer patrocinados pelo proprietário da empresa para seus operários. A Charqueada Santa Thereza é lembrada como um dos exemplos para analisar as características mencionadas anteriormente:

Na charqueada Santa Thereza, do Visconde de Ribeiro Magalhães, estabelecida em Bagé, funcionava na primeira década do século um colégio misto para 60 alunos, sendo o professor pago pela Intendência Municipal. (...)

Um outro estabelecimento que se destacou neste tipo de realizações assistenciais foi a charqueada Santa Thereza, de propriedade do Visconde de Ribeiro Magalhães, em Bagé. (...) Em uma biografia feita sobre o Visconde, há referências de que o empresariado havia, estabelecido hospital de caridade, farmácia, restaurante popular, escola e armazém, e teatro onde se realizavam exposições cinematográficas. (...)

No ramo do beneficiamento da carne, a propriedade de Visconde Ribeiro de Magalhães (Charqueada Santa Thereza) apresentava, já em 1909, casas de material construídas para abrigar o pessoal do estabelecimento, que se elevava a 894 pessoas (operários e suas famílias), bem como uma capela para atender as necessidades do culto.²⁹

Nos capítulos finais da obra, busca compreender o papel desempenhado pelo Estado como mediador entre as estruturas do passado agrário e do capitalismo emergente na economia rio-grandense.

Segundo PESAVENTO (1988), os empresários são considerados pelo Governo gaúcho como sócios privilegiados no esquema de alianças estabelecidas pelo PRR para afirmar-se no poder. O discurso positivista norteava a conduta política e justificava a inserção dos empresários no aparato de poder.

A “conduta de consenso” adotada pelo PRR buscava beneficiar ora os interesses dos setores agrários, ora os interesses dos setores burgueses, porém, a

²⁹ PESAVENTO, 1988, p.59-82, passim.

proposta fundamental desse partido político entrava em sintonia com os objetivos da burguesia emergente.

A indústria é defendida como uma forma de complementar a base econômica agropecuária, ou seja, uma saída alternativa para o “progresso”. Em outras palavras, um elemento a mais no desenvolvimento “global” da economia rio-grandense.

Nos discursos dos empresários e do Governo, a designação de “indústria” é atribuída também a atividades agrícolas e pastoris. Muitas vezes a atividade de criação de gado é designada como “indústria pastoril”.

Segundo a autora, “ora o conceito se refere especificamente à atividade criatória e a necessidade de melhoria dos rebanhos, ora à atividade do saladeiro como forma de beneficiamento da carne”³⁰

Isso não ocorre na opinião de PESAVENTO (1988), por equívoco ou falta de conhecimento, mas por uma postura político-ideológica de manter o consenso e o sistema de alianças entre a elite e o Estado.

A atuação do Estado gaúcho, no âmbito econômico, se dava no sentido de intervir quando a iniciativa privada exigisse ou antecipando a sua ação, negociando intervencionismo com *laissez-faire*.

No âmbito social, o Estado buscava transmitir para a iniciativa privada a solução das questões sociais, atuando apenas nos casos em que a “ordem” pudesse ser perturbada.

A “força” só era usada quando o conflito fosse deflagrado (greves, por exemplo), na maioria dos casos, o Estado buscava mascarar o conflito social através de medidas assistencialistas, especialmente através de questões como habitação, transportes urbanos, saneamento, educação e conduta moral.

Nas palavras de PESAVENTO (1988): “O Partido Situacionista, a rigor, beneficiava, acolhia e encaminhava questões industriais; os empresários eram homens do partido, apoiavam o governo e este os apoiava e prestigiava”.³¹

Porém, tal situação começa a transformar-se a partir da década de 20 e, especialmente nos anos 30, quando as camadas populares passam a ter um peso eleitoral significativo.

O Governo passa a interferir no mercado de trabalho, ou seja, as reivindicações operárias não passam a ser resolvidas apenas no âmbito privado.

³⁰ PESAVENTO, 1988, p.118.

³¹ Ibid, p.269.

Essa nova postura, marcada pela ascensão da segunda geração de republicanos no Rio Grande do Sul (meados da década de 20), significa “um abandono [por parte do Governo] do empresariado regional frente àquela que era a questão crucial para a afirmação burguesa”: o enfrentamento e o controle dos operários.³²

Nesse contexto, se insere o surgimento dos órgãos de classe, já que, até aquele momento, a burguesia industrial tinha seus interesses atendidos através do PRR, via solicitações individuais, ou em associações com outros ramos econômicos. Entretanto, dessa data em diante, torna-se necessário à criação de órgão de classe voltados a atender necessidades urgentes de controle das relações entre capital e o trabalho.

Em última análise, a questão crucial para o empresariado – a da subordinação do trabalho ao capital – aparentemente se via ameaçada com o recuo da postura do PRR, melhor dizendo, com a sua mudança de rota. Quando este interesse fundamental se viu atingido, a burguesia procurou outra saída na organização classista, mais de uma vez postergada ao longo da Primeira República.³³

A obra, em síntese, apresenta dados que ajudam a compreender a formação da burguesia gaúcha, porém, a conclusão a que ela nos conduz é de que não houve a consolidação desse grupo de maneira hegemônica na sociedade da República Velha.

Enquanto o PRR defendia uma postura de não intervenção na questão social (ou só atuando quando conflito era deflagrado) e adotava medidas político-administrativas em sintonia com os interesses burgueses, o grupo em gestão não tinha necessidade de se organizar em “classe para si”.

Porém, quando ocorre uma mudança de orientação política, ou seja, o Estado passa a discutir questões como a regulamentação do trabalho, o empresariado vê seus interesses abalados e, enfim, toma os primeiros passos para a organização classista.

As teses apresentadas pela autora PESAVENTO (1987 e 1988) estão de acordo com idéias levantadas por CARDOSO (1977), principalmente no que se refere à condição periférica e dependente do Estado Gaúcho e a “mentalidade reacionária” dos charqueadores.

³² PESAVENTO, 1988, loc cit.

³³ Ibid, p.270.

Apesar de PESAVENTO (1987 e 1988) analisar um período posterior ao escravista, a autora continua afirmando a “irracionalidade” dos charqueadores na República Velha, como se esta fosse uma herança do período anterior.

Ambos os autores buscam compreender a crise da charqueada rio-grandense e sua impossibilidade de concorrer com a produção saladeril platina, entretanto, CARDOSO (1977) se preocupa com a estrutura econômica e política da sociedade gaúcha em uma ordem social escravista, séculos XVIII e XIX, PESAVENTO (1987 e 1988) faz o mesmo, embora numa fase posterior, ou seja, na República Velha, séculos XIX e XX.

Os livros e dissertações abordadas a seguir apontam novas visões sobre esse assunto, em muitos casos, as teses dos autores acima mencionadas são criticadas e revisadas através de novos dados e novos olhares sobre as fontes históricas.

O autor Alvarino Fontoura Marques³⁴ escreve três obras de grande importância sobre as charqueadas sulinas, as quais, no todo, fazem parte de uma única monografia, porém publicadas em períodos diferentes.

O primeiro livro chama-se: Episódios do Ciclo do Charque, publicado em 1987. Nesse trabalho, MARQUES (1987) dedica-se a compreender aspectos da indústria saladeril desde os primeiros momentos no Rio Grande do Sul.

Entre esses episódios, o autor detém-se sobre a charqueada do Paredão, caracterizada como a primeira “charqueada do interior”, fundada em Cachoeira do Sul, no ano de 1878. O estabelecimento localiza-se na metade do caminho que conduzia à Pelotas, até então o centro saladeril do Estado.

Devido à fundação desse estabelecimento, as tropas de gado que se dirigiam à tablada de Pelotas acabam sendo conduzidas até Cachoeira do Sul: essa redução do caminho diminuiu as perdas econômicas relacionadas à perda do peso do animal durante o percurso e facilitou o trabalho dos tropeiros condutores do rebanho.

No final da obra, MARQUES(1987) realiza, de forma descritiva, um levantamento de todas as charqueadas do interior, as classificando como: charqueadas tributárias aos Portos do Prata (localizadas em Uruguaiana, Quaraí, Livramento, Itaqui e São Borja) e as charqueadas tributárias ao Porto de Rio Grande (localizadas em Rosário do Sul, Cacequi, São Gabriel, Lavras do Sul, Dom Pedrito,

³⁴ Médico e pesquisador.

Cacequi, Bagé, Herval, Pinheiro Machado, Alegrete, Santa Maria, Restinga Seca, Júlio de Castilhos, Tupacieretã, Cruz Alta, Passo Fundo e Caxias do Sul).

O segundo livro do autor, denominado *Evolução das Charqueadas Rio-Grandenses*, foi publicado em 1990, quando o mesmo já havia falecido. A obra caracteriza os períodos evolutivos do charque no Estado, identificando as charqueadas do interior como “o período áureo” do charque.

MARQUES(1990) diferencia as charqueadas antigas das charqueadas modernas, apontando a Charqueada do Paredão como o primeiro estabelecimento moderno do Rio Grande do Sul, seguido de algumas charqueadas em Pelotas (1884) e, posteriormente, do Saladeiro de Barra de Quaraí (1897), da Charqueada Santa Thereza (1897) e outras charqueadas anglo-platinas.

Segundo o autor, caracterizam-se como fatores modernizantes das charqueadas: a utilização dos trilhos, o vapor, o trabalho em série, a água encanada e a luz elétrica.

Conseqüentemente, estes fatores modificam o funcionamento das antigas charqueadas, acarretando nova dinâmica ao processo de matança, salga, secagem, pilhagem de inverno e outros.

Além dessas características, MARQUES(1990) chama atenção para a mudança do pessoal empregado nos estabelecimentos, os quais passam a desempenhar funções diferentes, além de trabalhar em novos horários.

O autor constrói um quadro com os produtos fabricados pelas charqueadas antigas e pelas modernas, identificando uma maior variedade de produtos nos estabelecimentos modernos, além de melhor aproveitamento da matéria-prima.

No decorrer da obra, caracteriza a influência dos meios de transportes na evolução das charqueadas rio-grandenses e afirma a importância dos trilhos nesse cenário:

Os transportes por água tiveram função destacada na penetração e no povoamento do RS (...). Mais tarde, as estradas de ferro possibilitam a integração e o desenvolvimento econômico das diferentes regiões do interior.

Antes do transporte ferroviário as distâncias só podiam ser vencidas à custa da força animal de cavalos, bois e mulas. As cargas eram transportadas em veículos com capacidade e velocidade reduzidas ou no lombo de animais (...).

A disseminação das charqueadas pelo interior dependeu da expansão ferroviária e permitiu o aproveitamento mais fácil da matéria-prima

essencial, o gado gordo, abundante nas regiões da Campanha e de Cima-da-Serra. (...)

Uma das primeiras conseqüências da construção das estradas de ferro foi a fundação de estabelecimento saladeris no interior.

Essa influência foi exercida não só pelas ferrovias nacionais, como pelas do Uruguai e da Argentina, que chegavam às nossas fronteiras.

Na luta permanente entre o nosso charque e o “tasajo” platino, teve papel importante a construção das ferrovias que também entraram em competência num e noutro lado da fronteira.³⁵

A última obra desse autor data de 1992, denomina-se: A Economia do Charque (A culinária do Charque) (O Charque nas Artes), na qual procura identificar aspectos marcantes que se referem à economia saladeril, assim como características culturais do charque.

Inicialmente, o autor identifica os rendimentos da matança de gado para o preparo do charque e posteriormente, dedica-se a compreender o destino do charque produzido no Estado (basicamente Bahia, São Paulo, Sul de Minas e Rio de Janeiro).

Tece algumas considerações sobre a influência econômica da concorrência platina sobre o charque gaúcho (faz uma síntese da história do Uruguai e da Argentina, identificando aproximações e interferências na produção rio-grandense) e da história do contrabando (desde o período colonial até 1928, quando se institucionaliza a Lei de Desnacionalização do Charque, que pretende resolver o problema das guias falsas que acompanhavam o charque nacional durante sua passagem pelo estrangeiro e re-emissão para o mercado brasileiro).

O autor identifica razões para prática do contrabando, entre elas: as dificuldades do porto de Rio Grande, a deficiência da rede ferroviária e as questões políticas relacionadas ao contexto fronteiriço.

Por fim, afirma que: “Essa gangorra em que viveu o negócio do charque, transformou-o numa empresa arriscada que exigia dos charqueadores toda sorte de manhas e artifícios, para poderem-se manter”.³⁶

Os capítulos finais da obra se caracterizam como apêndices da monografia, onde transcreve pratos feitos com charque e algumas “recomendações preliminares” para o preparo do charque, como a escolha de mantas de boa qualidade e a dessalga.

³⁵ MARQUES, 1990, p.153-154.

³⁶ Id, 1992, p.34.

O apêndice dedicado às Charqueadas nas Artes identifica alguns artistas plásticos e romancista que elaboraram obras importantes sobre as charqueadas do Rio Grande do Sul, entre eles, podemos destacar: Danúbio Villamil Gonçalves e Pedro R. F. Wayne, ambos atuando em Bagé e de grande destaque no meio artístico do Estado.

O autor se refere às obras como: A Dama do saladeiro, de Cyro Martins (relacionada à decadência das charqueadas por histórias contadas e vividas), à música Os Homens de Preto “que tem como assunto os pobres bois que homens maus indiferentes conduzem à morte nas charqueadas” e um documentário cinematográfico feito entre 1912 e 1913 sobre o funcionamento de uma charqueada, da autoria de Francisco dos Santos.³⁷

Alvarino Fontoura Marques preocupa-se em englobar o ciclo do charque do Estado num todo, compreendendo aspectos que se relacionam com a economia, à sociedade e a cultura saladeril. A obra apresenta-se como um grande manual de referência.

Entretanto, deve-se levar em conta que o autor é um médico dedicado à pesquisa histórica e seus escritos revelam um tom memorialístico relacionando história com episódios que viveu quando era criança ou contado pelo pai, que era um tropeiro.

Apesar dessa ressalva, a obra apresenta novas perspectivas para os estudos sobre as charqueadas, diferenciando-se das teses defendidas anteriormente por CARDOSO (1977) e PESAVENTO (1987), principalmente por afirmar a existência de estabelecimentos modernos de fabricação de carne salgada no Rio Grande do Sul.

Na mesma linha crítica, Berenice Corsetti lança sua dissertação, intitulada Estudo da Charqueada Escravista Gaúcha no século XIX, defendida no ano de 1983. A autora tem por objetivo compreender a desestruturação da charqueada escravista gaúcha, principalmente dos estabelecimentos localizados nas cidades de Pelotas, Rio Grande e Porto Alegre, no período de 1850 a 1884.

A obra é farta em gráficos, dados de inventários, indicadores de taxas tributárias, legislação, mapas estatísticos e outros. CORSETTI (1983) busca apresentar um apoio documental aos estudos sobre charqueadas. Segundo a ela, a

³⁷ MARQUES, 1992, p.143.

historiografia apresenta uma série de controvérsias sobre esse assunto devido à falta de dados quantitativos sobre o tema.

Nesse sentido, a autora lembra teses de CARDOSO (1977), que enfatizam a irracionalidade do escravismo gaúcho e a concorrência dos saladeiros platinos como fatores agravantes da crise rio-grandense e a contrapõem a historiografia Argentina, que defende tese oposta, afirmando que: “a partir de 1840, a concorrência das charqueadas do RGS (e de outras regiões) explicaria a decadência dos ‘saladeiro’ da região de Buenos Aires”.³⁸

Diante dessa controvérsia, CORSETTI(1983) procura demonstrar pontos a serem questionados e pontos que merecem ser relativizados na historiografia, defendendo a tese de que a desorganização da charqueada escravista no Rio Grande do Sul, em fins do século XIX, vincula-se não apenas à concorrência das empresas capitalista platina, mas, também, ao fim do escravismo no Brasil e a outras variáveis e fatores de caráter conjuntural.

Dessa forma, a autora afirma que elementos relacionados à transição do Estado a um capitalismo dependente devem ser incluídos entre as teses anteriores com o objetivo de auxiliar a explicação do fim das charqueadas escravistas gaúchas.

A técnica e o desenvolvimento da produção são elementos retomados neste trabalho. Conforme CORSETTI (1983), “a idéia de que o trabalho escravo dificulta ou até impede o aprimoramento de novos processos técnicos de produção (..) deve merecer, no mínimo, uma observação cuidadosa e, possivelmente, uma revisão crítica.”³⁹

Em relação à mão-de-obra escrava, lembra que:

Desde as primeiras informações apresentadas sobre o tipo de organização do trabalho nas empresas charqueadoras sulinas, é possível perceber, sem dúvida, a existência de um certo grau de divisão técnica do trabalho. Já nas charqueadas das décadas de vinte e trinta do século passado estavam presentes escravos carneadores, salgadores, graxeiros, sebeiros, entre outros (...)⁴⁰

Conforme exposto anteriormente, havia especialização da produção nas charqueadas gaúchas. Além disso, CORSETTI (1983) demonstra que houve certa

³⁸ CORSETTI, 1983, p.6.

³⁹ Ibid, p.178.

⁴⁰ Ibid, p.136.

complexificação no processo produtivo ao longo do século XIX, ou seja, houve aprimoramentos técnicos na fabricação do charque gaúcho. Entre estes aprimoramentos cita: modificações no processo de abate do gado, utilização de guindastes, máquinas a vapor e outros.

As especializações da produção associada aos aprimoramentos técnicos de fabricação de charque questionam as teses sobre a estagnação das charqueadas gaúchas e a irracionalidade do escravismo.

A autora afirma que as inovações tecnológicas ganham mais força no Rio Grande do Sul após as décadas de 1850, quando é introduzida a máquina a vapor, porém, não nega que houve transformações nesse sentido desde inícios do século XIX.

Tecendo comparações entre a produção de charque no Rio Grande do Sul e no Prata, CORSETTI (1983) conclui que:

O rendimento do gado abatido nos 'saladeiros' do Prata, realmente, se evidenciou superior ao alcançado nas charqueadas. Da mesma forma, o montante de animais morto nas empresas do Rio Grande do Sul apontou cifras inferiores às do Prata.

Entretanto, parece-nos importante destacar que, no desempenho das charqueadas gaúchas, alguns fatores de caráter conjuntural tiveram influência significativa. Ou seja, a política tributária do Império brasileiro, sem dúvida, onerava bem mais a produção rio-grandense do que a adotada no Prata. Por outro lado, a quantidade de reses abatidas no Rio Grande do Sul não dependeu, exclusivamente da capacidade técnica, tendo sofrido a influência, também, da oferta de animais, que apresentou deficiências, as vezes, como demonstra ao analisar a questão da matéria-prima.⁴¹

Além da política tributária, das precárias condições dos transportes gaúchos, a autora analisa questões relacionadas ao sistema de crédito e capital, enfatizando a importância de fatores de ordem conjuntural na desestruturação das charqueadas gaúchas.

Segundo ela, os charqueadores podem ser considerados como um grupo descapitalizado, já que grande parte do seu capital estava investida em imóveis ou em empréstimos a receber. Além disso, a autora aponta as dificuldades enfrentadas por esse grupo para realizar créditos, tendo em vista a total ausência de sistemas de crédito no cenário gaúcho.

⁴¹ CORSETTI, 1983, 178.

A obra de CORSETTI (1983) aponta novas perspectivas sobre os estudos das charqueadas gaúchas, especialmente sobre as causas da desarticulação das charqueadas escravistas. Muitos dos dados pesquisados foram confirmados em trabalhos mais recentes, como de GUTIERREZ (2001)⁴² que realiza um estudo sobre o espaço fabril charqueador pelotense.

GUTIERREZ (2001) reforça as idéias de avanços tecnológicos no sistema saladeril escravista gaúcho e afirma a existência de olarias nesses estabelecimentos, tal estrutura ocupava os escravos no período de entressafra e atenuava o desperdício da escravidão.

A Charqueada, a fazenda e a olaria iriam se repetir em quase todas as sesmarias interceptadas por águas navegáveis. Foi o que se verificou, no espaço compreendido entre o rio Piratini e a laguna dos patos, e o rio Camaquã e o canal São Gonçalo. Estava definido um dos tipos de estabelecimento charqueador, que iria, na sua essência, repetir-se, sucessivamente, por todo o território platino, durante os últimos anos do século XVIII e o século XIX.⁴³

A autora trabalhou principalmente com mapas, plantas, inventários e registros do século XVIII e XIX, tendo em vista sua formação como arquiteta, foi capaz de levantar, organizar e classificar essas informações de modo a formar tipologias e construir novos mapas sobre os primórdios de Pelotas.

Nesse sentido, a descoberta das olarias como um fator constante entre as estruturas arquitetônicas das charqueadas sugere que a construção de prédios urbanos era uma atividade alternativa e rentável para o charqueador gaúcho:

Por suposto, esse trabalho, ao mesmo tempo que ocupou os cativos, no período de entressafra da charquia, produziu a cidade. Não só os palacetes que serviam de residência urbana aos charqueadores, como uma série de casa de aluguel destinadas à moradia, ao comércio e aos serviços. Essas edificações abrigavam a população, que crescia, na cidade, e as pessoas que ali chegavam, para os negócios da carne salgada, e em busca de tudo o que um centro produtivo oferecia.⁴⁴

⁴² Professora da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas. Mestre no Curso de pós-graduação em História da PUCRS.

⁴³ GUTIERREZ, 2001, p.61

⁴⁴ Ibid, p.79

Além das olarias, a autora confirma que o progresso tecnológico foi uma constante no processo escravista de produção de charque gaúcho, principalmente pelos registros de caldeiras e máquinas a vapor datados de 1849.

Dessa forma, podemos concluir que o regime servil não impedia o avanço técnico como sugeriu CARDOSO (1977) e nem a especialização do trabalho dos escravos. GUTIERREZ (2001) comprovou isso através da análise dos inventários, nos quais 73,5% dos trabalhadores possuíam ocupação definida e os restantes, 26,5% sem ocupação, eram, na maioria, mulheres e crianças.

Assim sendo, somando esses dois fatores (aproveitamento da mão-de-obra cativa na construção civil e progresso tecnológico) o charqueador escravista possuía razões suficientes para a utilização de mão-de-obra escrava na fabricação de carne salgada.

Logo, a caracterização destes como “irracionais”, ou ainda despossuídos de visões capitalista, conforme sugeriam PESAVENTO (1987 e 1988) e CARDOSO(1977), passam a ser contraditas.

Tais dados induzem os questionamentos sobre as vantagens que teriam os saladeiros platinos em relação às charqueadas gaúchas. Na sua maioria, os autores afirmam que a utilização da mão-de-obra assalariada era uma vantagem das charqueadas platinas em relação às charqueadas gaúchas, visto que, a escravidão geraria desperdício.

As observações de GUTIERREZ (2001) afirmam que existem muito mais semelhanças entre os saladeiros do Prata e as charqueadas gaúchas do que diferenças, mesmo utilizando mão-de-obra diferenciadas:

O programa de necessidades do saladeiro, estância e olaria do Colla, na Banda Oriental, e o da charqueada, fazenda e olaria do Pavão foram muito semelhantes, ou dito de outra maneira, as listagens das instalações, atividades, prédios, equipamentos do Colla e do Pavão foram praticamente às mesmas. Idêntica semelhança ocorreu entre os materiais e técnicas da construção e o sítio onde se implantaram as instalações. (...)

Do exposto até aqui, foi possível identificar uma tipologia de charqueada constituída de três atividades: criação de animais, produção de charque e de elementos cerâmicos. Essa solução pode ser encontrada na Banda Oriental e no Continente de Rio Grande, desde os últimos vinte anos do século XVIII, e no século XIX. A localização seguia dois critérios, a proximidade dos rebanhos de gado e a dos cursos de água navegáveis, com acesso ao Atlântico, favorecendo, conseqüentemente, a exportação.

⁴⁵

⁴⁵ GUTIERREZ, 2001, p.62.

As informações acima mencionadas foram elaboradas pela autora partindo do núcleo charqueador pelotense, dividido entre as estâncias de: Pavão, Santana, São Tomé, Santa Bárbara, Monte Bonito, Pelotas e Feitoria. Nelas funcionaram diversas fábricas de charque, dos inventários desses proprietários a autora constrói tipologias, analisa casamentos, descendências, dados de escravaria e outros.

Entre as estâncias acima mencionadas, afirma que Monte Bonito deu origem a cidade de Pelotas, ali foi instalado: “um complexo de aproximadamente 30 indústrias de salga contínuas, apoiadas por toda uma série de instalações, infra-estrutura, comércio, transportes e demais serviços”.⁴⁶

Nas “sobras” da sesmaria de Monte Bonito foi estabelecido o Logradouro Público (a Tablada como era conhecido), local aonde o gado que vinha das estâncias era comercializado e seguia para as fábricas de salga.

Entre as tipologias elaboradas nesse espaço, a autora afirma que a distribuição espacial das charqueadas seguia as seguintes determinações:

Na vizinhança do logradouro, em uma cota de 15 cm de altura, situavam-se os poteiros, o do fundo e o do meio, lugar onde o gado aguardava o abate. Normalmente, o pomar ocupava parte do segundo terreno. Quase sempre, as olarias participavam do espaço da produção do charque. As instalações fabris e as senzalas formavam um só conjunto de construções. Um pouco mais afastadas, mas na mesma área marginal, em um nível de aproximadamente dois a três metros, assentava-se à residência senhorial.⁴⁷

Em relação às residências dos charqueadores afirma que:

Nesse primeiro quartel de produção charqueadora, configurava-se uma das tipologias das casas senhoriais, a edificação em forma de fita, com várias portas e respectivos espaços independentes, que tinham a função de abrigar os proprietários, agregados, trabalhadores livres e escravos. Provavelmente, a casa do senhor protegesse apenas os cativos domésticos e de ofício. Quarenta e dois anos depois, no início da segunda metade do século XIX, a morada senhorial do estabelecimento era bem diferente e expressava uma outra tipologia residencial. (...) Portanto, as casas de sobrado foram outra das soluções encontradas para as vivendas dos patrões. As expressões “morada de casas de vivenda” e “casas de sobrado” deram sentido plural. Em ambos os casos, nas edificações térreas, em forma de fita, ou, nas residências assobradadas, parece permanecer, a compartimentação dos espaços, que resulta em áreas

⁴⁶ GUTIERREZ, 2001, p.93.

⁴⁷ Ibid, p.110

independentes e tinha a finalidade de abrigar os diversos tipos de moradores. Possivelmente, no segundo caso, no sobrado, o pavimento térreo acolheria animais e escravos domésticos.⁴⁸

Em relação aos casamentos conclui que:

Os matrimônios fortaleciam a classe dos charqueadores, acumulavam riquezas e mantinham as propriedades. Os estabelecimentos saladeris, as datas de matos na Serra dos tapes e os imóveis urbanos permaneceram nas mãos de determinadas famílias, senhores de escravos. Na sua maioria, os primeiros proprietários de terras foram militares, ou descendentes destes. Grande parte passou pela Colônia do Sacramento. Eram soldados da Coroa, das companhias de ordenanças, das forças locais. Alguns casaram suas filhas e sobrinhas com portugueses, que, segundo parece, vinham fazer a vida no Brasil. Essa segunda geração começou a receber títulos de nobreza; esses títulos eram atribuídos principalmente, aos que possuíam, além do estabelecimento charqueador, extensas sesmarias de terras.⁴⁹

O trabalho de GUTIERREZ (2001) é farto em novos dados sobre a sociedade charqueadora escravista. Através da sua pesquisa, a autora foi capaz de utilizar documentos históricos diferenciados para seus estudos.

Inovando nas fontes, a citação a seguir ilustra uma das principais conclusões que a obra conduz:

o estudo da arquitetura da charqueada implica fundamentalmente uma reflexão que leve em conta a sociedade que produziu e organizou esse espaço complexo, onde a construção civil foi uma alternativa à produção charqueadora.⁵⁰

As novas fontes e novas visões sobre o tema demonstram ainda que os saladeiros platinos e as charqueadas gaúchas possuíam muitas características em comum, mesmo durante o período colonial, quando a mão-de-obra utilizada em ambas era diferenciada.

Analisando um período posterior ao escravista, Cláudio Antunes Boucinhas, escreve a dissertação: A história das charqueadas de Bagé (1891 – 1940) na Literatura, datada de 1993. A obra faz referências ao conjunto total das charqueadas

⁴⁸ GUTIERREZ, 2001, p.112.

⁴⁹ Ibid, p.154.

⁵⁰ Ibid, p.175.

instaladas neste município, possuindo grande importância para a pesquisa que se pretende realizar.⁵¹

Nesse trabalho, o autor sintetiza a história de Bagé desde a ocupação inicial (relacionada às sesmarias e à conquista do Forte Santa Tecla em 1801) a princípios do século XX, quando se forma a vida saladeril.

No desenvolvimento da obra, BOUCINHAS(1993) faz referências à Charqueada Santa Thereza, apresentando características como localização, fundação, capacidade de abate, estrutura, maquinário e número de empregados.

O autor trata também do proprietário da Charqueada Santa Thereza, o português Visconde de Ribeiro Magalhães, afirmando que é praticamente impossível separar o estabelecimento do seu fundador, tendo em vista a relevância de ambos na vida de Bagé e do Estado.

Essa obra constitui uma fonte de conhecimentos sobre tema em estudo, na qual, além de possuir objeto de pesquisa em comum (Charqueada Santa Thereza), também elabora um levantamento sobre as charqueadas instaladas no município, caracterizado como o pólo comercial charqueador do Rio Grande do Sul em fins do século XIX.

A obra esboça um histórico da fronteira sul do Brasil durante o período das “charqueadas do interior”, apresenta fontes de jornais da época e documentações sobre a Charqueada Santa Thereza.

Assim como BOUCINHAS (1993) José Antonio Mazza Leite chama especial atenção para o município de Bagé. LEITE (2004) é autor do livro Xarqueadas de Danúbio Gonçalves um regate para a História, publicado em 2004.⁵²

O autor utiliza como fontes os relatos de cronistas de 1809 a 1905 para descrever as charqueadas de Pelotas, e as xilogravuras de Danúbio Gonçalves para resgatar a vida das charqueadas de Bagé.

Na opinião do autor, no decorrer do século XX, graças à estrada de ferro, que interligava Bagé a Rio Grande, foi possível o deslocamento do eixo charqueador de

⁵¹ BOUCINHAS, Cláudio Antunes. **A história das charqueadas de Bagé (1891-1940) na literatura.** Dissertação (Mestrado em história) Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre,1993.

⁵² José Antônio Mazza Leite é medico veterinário, atuou como professor de microbiologia na UFPEL no período de 1970-1977. Foi presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Pelotas em 1996/1998, tornou-se membro efetivo em 2004. Em 1995 foi um dos sócios fundadores do Museu do charque. Em 2001 concluiu sua especialização na FAPA em Educação e Patrimônio Histórico-Cultural, em 2003, tornou-se mestre pela PUC – RS. LEITE, José Antonio Mazza. **“Xarqueadas” de Danúbio Gonçalves:** um resgate para a história. Pelotas: Ed. Universitária/ UFPEL, 2004.

Pelotas para Bagé: “o gado era abatido no local, onde se encontrava em melhor estado e quantidade, ou seja, nos ricos campos de Bagé, Dom Pedrito, Aceguá e Cerro Largo, no Uruguai”.⁵³

Após uma breve contextualização histórica sobre o período das charqueadas, o autor detém-se, na maior parte do livro, a analisar os desenhos de Danúbio Gonçalves, artista plástico bageense que transformou em xilogravura as condições de trabalhos da Charqueada São Domingos, localizada no município de Bagé. A obra de Danúbio foi produzida em 1953.

LEITE (2004) reconstrói a trajetória do artista, descrevendo os tempos em que viveu em Bagé, Rio de Janeiro, Porto Alegre e Europa. Identifica como influências artísticas: o realismo europeu, os gravuristas mexicanos (principalmente, Leopoldo Mendez) e a arte engajada nacional (da qual Portinari é um expoente).

Em Bagé, Danúbio ajudou a construir um dos primeiro Clubes de Gravura do Brasil. Artista que atuam em Bagé são integrantes do mesmo, entre estes: Pedro Wayne (autor do romance Xarqueada), José Moraes (pintor premiado), Glauco Rodrigues, Glênio Bianchetti e outros jovens pintores da época.

Esses artistas tinham como objetivo colocar sua arte a serviço de um ideário político definido e voltado a nossa realidade regional, foi o realismo regionalista. A idéia era, inicialmente, fundar uma revista, no caso a Horizonte. O pensamento político fundava-se na ideologia marxista, cuja maior preocupação era a Campanha da Paz contra a ameaça da bomba atômica e a politização de todo um público nessa direção. Assim, o Clube de Gravura, ao vender o resultado de seu trabalho, poderá financiar a revista Horizonte; esse era o objetivo.⁵⁴

Danúbio é motivado pela “arte social”, a “arte militante” e a “arte engajada”. Na sua obra, reproduz a vida dos peões, desenhando “o gaúcho pobre”.

Hoje, falando sobre essa época, a verdade é que Danúbio Gonçalves acentua o encantamento que o envolveu ante o cenário com que se deparou. Sons, cheiros e o movimento plástico ininterrupto dos homens, cuja ação foi sempre seu maior objeto de estudo. O mestre Portinari havia se encantado e comovido com os retirantes do nordeste. Danúbio exercita o melhor de sua arte para perpetuar os gaúchos pobres de sua terra. Não mais em cargas de lanceiros, mas o pobre gaúcho a pé, de Ciro Martins, trabalhando para conseguir sustento. Era um trabalho em que a rapidez, o golpe certo e bem calculado revestiam-se de tal importância, que exigiam, também do artista, igual habilidade, destreza e um constante

⁵³ LEITE, 2004, p.147.

⁵⁴ Ibid, p.71.

desafio. Esses estudos, depois, seriam transformados nas xilogravuras “Xarqueadas”.⁵⁵

Tratando das xilogravuras como documentos históricos, é possível identificar alguns elementos do dia-a-dia das charqueadas na série de gravuras de Danúbio Gonçalves.

Entre estas podemos observar: as etapas e a especialização dos operários em cada atividade da fabricação do charque, o ritmo acelerado do trabalho e a destreza dos operários, os trajes dos trabalhadores (normalmente leves por causa do calor, em alguns casos, capas de couro para proteger do sangue), os trajes diferenciados do capataz que fiscaliza o trabalho (aventil e chapéu), a presença de policiais para assegurar que não houvesse desavenças entre os trabalhadores (vale lembrar que os trabalhadores andavam armados com facas), os instrumentos de trabalho (zorra, facas, pá para afastar o matambre, agarrador do couro, machado para picar as costelas, instrumentos do lingueiro, os tanques de salga, os mergulhões e outros), e a fisionomia dos operários (cor da pele, modo de parar, presença de crianças e velhos no processo produtivo, os pés descalços e grandes etc).

O autor observa nessas gravuras atitudes típicas dos gaúchos campeiros, como: “os gritos, os gestos espontâneos, o laço reboleante”. Conforme ele: “A pobreza está à mostra”, as xilogravuras comunicam “as condições penosas que deveriam pesar sobre os trabalhadores”.⁵⁶

Rica em desenhos, plantas e relatos de época, a obra busca compreender a vida das charqueadas gaúchas, apresentando uma documentação diferenciada para a escrita da história, ou seja, as gravuras são tidas como testemunhas desse período, mesmo que produzidas no momento de declínio dos estabelecimentos de fabricação de charque.

O resgate da obra de Danúbio conduz a reflexões a acerca das condições de vida e de trabalho nas charqueadas assalariadas. A denúncia proposta pelo artista é observada com detalhes nas xilogravuras e nos rascunhos por ele produzido. Os trabalhadores pobres são representados nas vestes, nos pés descalços e na fisionomia sofrida.

⁵⁵ LEITE, 2004, p.98

⁵⁶ Ibid, p.119-145, passim.

A proposta de Danúbio entra em sintonia com os objetivos de outro artista de Bagé, neste caso Pedro Wayne, o qual utiliza a literatura para realizar a mesma crítica social. A obra de Wayne já foi analisada anteriormente.

Nesse sentido, podemos perceber que existem aproximações entre estes artistas, que resgatam sensibilidades e comportamentos de um período que passou despercebido por muitos pesquisadores e historiadores.

CAPÍTULO 2

AS CHARQUEADAS DA FRONTEIRA: CONTEXTO HISTÓRICO

Já foi dito que o Rio Grande nasceu nas estâncias e cresceu nas charqueadas. (...)

Pelo interior do pampa imenso, onde só o homem e seu cavalo enfrentavam os desígnios da natureza, de nada valiam os dobrões portugueses cotados a ouro, que tanta cobiça despertavam na Corte. Era o boi a única moeda que circulava.⁵⁷

O trecho acima enfatiza o caráter pecuário da região Sul e do Prata, compreendida nesse trabalho pelas campanhas da Argentina, do Uruguai e do Rio Grande do Sul. Nesse espaço, a pecuária fortaleceu-se, inicialmente, devido à demanda européia pelo couro e, posteriormente, pelo aproveitamento do gado para o charque.

A partir de 1852, as guerras de independência findam e a livre navegação dos rios passa a ser instituída na região. Nesse cenário, Buenos Aires e Montevideu atuaram como os portos responsáveis pela ligação da região platina com o exterior.

O comércio torna-se cada vez mais intenso. Buenos Aires e Montevideu possibilitavam a entrada de produtos importados mais baratos para as províncias do sul do Brasil e do Mato Grosso através do comércio de livre trânsito e se configuravam em mercados potenciais para produtos brasileiros, entre eles: açúcar, fumo, aguardente, café, erva-mate, arroz, farinha de mandioca e madeira.

A livre navegação dos rios e o envolvimento político, econômico e administrativo dos três países no circuito comercial platino geraram transformações comerciais nessa área.

As margens dos rios e nas zonas de fronteiras surgiam povoados, alfândegas, portos, comerciantes e contrabandistas. As fronteiras ganhavam relevância econômica, despontando com rotas para o abastecimento e escoamento comercial das áreas do interior do Brasil, Argentina e Uruguai.

Segundo DIAS (1996), a abertura dos rios da bacia do Prata para a livre navegação gerou, para a fronteira, “uma grande oportunidade de desenvolvimento econômico” porque permitiu a intensificação pecuária e o estabelecimento de charqueadas nessa área, além de facilitar o escoamento de produtos gaúchos para

⁵⁷ QUEVEDO, Raul. **As Estâncias e as Charqueadas**. Livraria do Globo: Porto Alegre, 1986. p21.

os mercados da Argentina e Uruguai e promover a importação e o consumo no novo mercado do interior.⁵⁸

Nesse contexto de transformações, se insere o objeto de estudos dessa pesquisa. A interiorização das charqueadas gaúchas pode ser observada pelo mapa a seguir, no qual, estão representadas as charqueadas fundadas nos anos de 1880 a 1920 no Rio Grande do Sul. Esses dados foram levantados a partir das obras dos autores: PESAVENTO(1980) e MARQUES(1987).

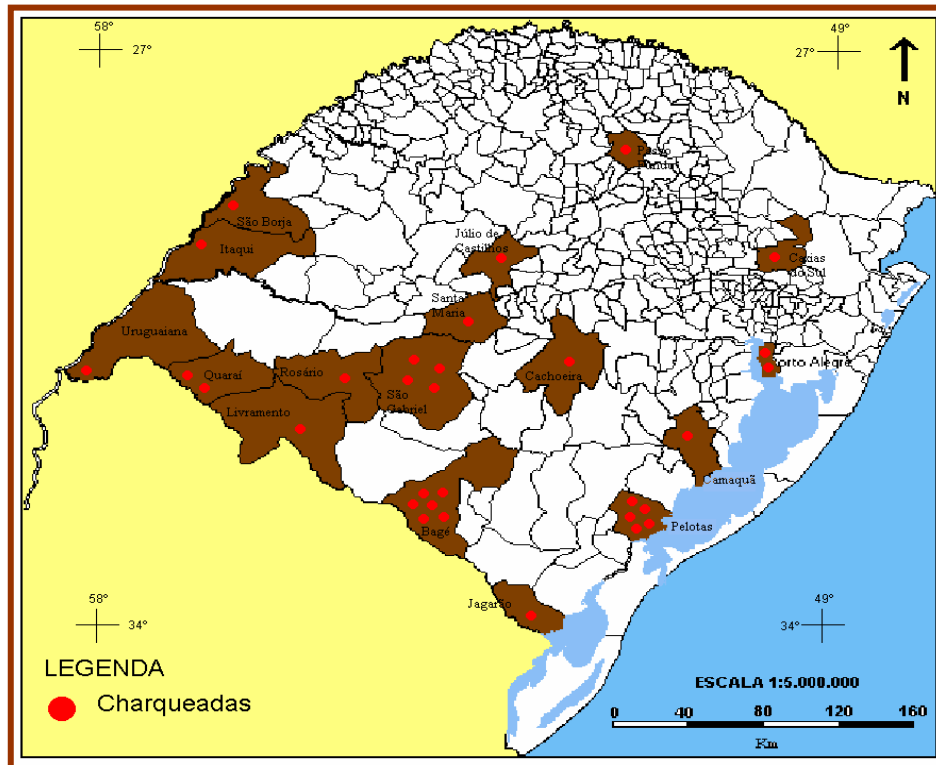
PESAVENTO(1980) aponta que foram fundadas no município de Pelotas cinco charqueadas (Charqueada São Gonçalo, Charqueada São João, Charqueada Moreira, Charqueada Fragata e Charqueada Marciano), no município de Itaqui uma charqueada (Charqueada Dickinson), no município de Bagé cinco charqueadas (Charqueada Industrial, Charqueada Santa Thereza, Charqueada Santo Antonio, Charqueada San Martin, Charqueada S. Domingos e Charqueada São Miguel), no município de Uruguaiana uma charqueada (Charqueada Barra do Quaraí), em Quaraí duas charqueadas (Charqueada São Carlos e Charqueada Novo Quaraí), em São Borja uma charqueada (Saladeiro Alto Uruguai), em Caxias (Charqueada Guerreiro), em Rosário uma charqueada (Charqueada Cia Swift do Brasil), em Santa Maria uma charqueada (Charqueada de Nilo Teodósio Gonçalves), em Cachoeira uma charqueada (Charqueada do Paredão) em Jaguarão uma charqueada (Charqueada União), em São Gabriel quatro charqueadas (Charqueada de Boa Ventura Pinto, Charqueada de Antônio Cândido da Silveira, Charqueada de Serafim Gomes & Irmão e Charqueada de Manoel F. da Silva), em Júlio de Castilhos uma Charqueada (Charqueada Tupancieretan), em Livramento uma Charqueada (Charqueada Wilson), em Porto Alegre duas charqueadas (Charqueadas Pedras Brancas e Charqueada Comte. Marampelo) e em Passo Fundo uma charqueada (Charqueada de J. Magalhães).

Segunda a autora, nesse período, foram fundadas o total de trinta e uma charqueadas no Estado do Rio Grande do Sul.

MARQUES (1987) aponta que foram fundadas no município de Uruguaiana três charqueadas (Charqueada Barra do Quaraí, Saladeiro Uruguaiana e

⁵⁸ DIAS, Marcelo Henrique. **O Rio Grande do Sul no circuito comercial platino: permanência ou desarticulação durante a 1ª república?** Dissertação (Mestrado em História). – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS, 1996, p.66

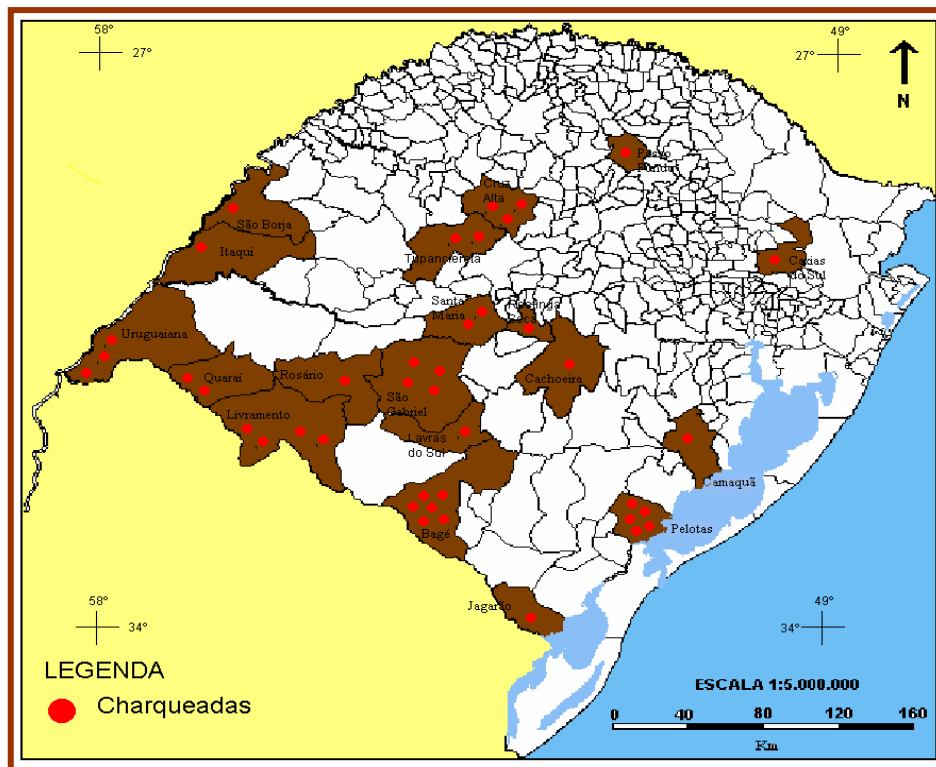
Mapas da dispersão das “charqueadas do interior” no Estado do Rio Grande do Sul / 1880-1920



PESAVENTO, Sandra. República Velha Gaúcha. Charqueadas frigoríficos, criadores. Porto Alegre: Movimento, 1980

Figura 1 - Mapa construído a partir de PESAVENTO (1980) indicando a dispersão das charqueadas fundadas no Rio Grande do Sul no período de 1880 a 1920, observar a concentração fronteiriça.

Mapas da dispersão das “charqueadas do interior” no Estado do Rio Grande do Sul / 1880-1920



MARQUES, Alvarino F. Episódios do Ciclo do Charque. Porto Alegre: Edigal, 1987.

Figura 2 - Mapa construído a partir de MARQUES (1987) indicando a dispersão das charqueadas fundadas no Rio Grande do Sul no período de 1880 a 1920, observar a concentração fronteira.

Charqueada Oeste), no município de Quaraí duas charqueadas (Charqueada Novo Quaraí e Charqueada São Carlos) no município de Livramento quatro charqueadas (Charqueada Santana, Charqueada da Sociedade Industrial e Pastoril, Charqueada São Paulo e Charqueada Livramento ou Bela Vista), no município de Itaqui uma charqueada (Saladeiro San Felipe ou dos Ingleses), em São Borja uma charqueada (Saladeiro Alto Uruguai), em São Gabriel quatro charqueadas (Charqueada Vacacaí, Charqueada Santa Brígida, Charqueada Ramão Roque da Rosa e Charqueada de Chagas Pereira & Irmão), no município de Lavras do Sul uma charqueada (Charqueada Santa Odessa), no município de Bagé seis charqueadas (Charqueada São Martim, Charqueada Domingos, Charqueada Santo Antônio, Charqueada Santa Thereza, Charqueada Industrial Bageense e Charqueada São Miguel), no município de Santa Maria duas charqueadas (Charqueada de João Souza de Mascarenhas e Saladeiro da Serra), no município de Restinga Seca uma charqueada (Charqueada da firma Santos & Burmann), em Tupancieretã uma charqueada (Charqueada Tupancieretã), em Cruz Alta duas charqueadas (Charqueada Santa Teresinha e Charqueada de Quinca Lima) e no município de Caxias do Sul uma charqueada (Charqueada Guerreiro).

Conforme o autor, foi fundado, nesse período, total de vinte e nove charqueadas no Estado do Rio Grande do Sul.

A partir da leitura dos dois autores, podemos perceber que existem muitas divergências entre eles, principalmente no que se refere ao número de estabelecimentos, número de municípios, dados sobre abate, proprietários etc.

Entretanto, apesar das diferenças entre os autores, podemos perceber que, nos dois casos, as charqueadas fundadas no Rio Grande do Sul em fins do século XIX se concentraram, na sua maioria, nos municípios da fronteira do Estado.

Essa interiorização das charqueadas deve-se, como já foi dito, a livre navegação dos rios, ao surgimento das ferrovias, responsáveis pela ligação do interior ao litoral (seja litoral gaúcho, seja litoral uruguaio) e pela importância comercial que a fronteira adquiriu no circuito comercial platino.

As atividades econômicas dos municípios da fronteira Brasil-Uruguai representam essas mudanças. Bagé assume o posto de pólo charqueador gaúcho, absorvendo o gado que antes se destinava à Pelotas ou Uruguai. Concomitante, surgem várias charqueadas de capital anglo-platino na fronteira oeste, principalmente em Livramento, Quaraí, Uruguiana e Itaqui.

Nesse período, Argentina e Uruguai possuem sua produção voltada para os frigoríficos estrangeiros, os saladeiros estão praticamente ausentes entre suas unidades produtivas, cabem então, as charqueadas gaúchas suprir o mercado de charque que estes países abasteciam.⁵⁹

Assim sendo, o mercado do charque estava garantido e facilitado, tendo em vista as vantagens de se localizar em uma área fronteiriça, cuja infra-estrutura uruguaia amenizava os antigos problemas dos charqueadores gaúchos, como: porto marítimo deficiente (poderiam agora utilizar o Porto de Montevideú e não a “Barra diabólica” de Rio Grande), sistema de transportes precários (utilização do sistema ferroviário anglo-uruguaio de melhor qualidade), dificuldades de créditos (possibilidade de utilizar capital anglo-platino), altos impostos (possibilidade de burlar o fisco com o contrabando e comércio de trânsito) e proximidade ao local onde o gado era criado (não necessitava tropear até a Tablada de Pelotas, já que as charqueadas da fronteira estavam localizadas na campanha e não no litoral).

As ferrovias de capital inglês complementam as vias fluviais que ligam a fronteira gaúcha a Montevideú. Exportar o charque por esse porto era mais rendoso e levava menos tempo.

Montevideú tinha todo interesse em manter esse comércio de trânsito com o Rio Grande do Sul, pois muitas eram as vantagens: o aumento do tráfico pelas vias férreas e o enriquecimento das companhias ferroviárias inglesas lá estabelecidas; o desenvolvimento de instituições bancárias e comerciais, estrangeiras e nacionais e as facilidades concedidas à exportação pela abundância de transportes marítimos e pela redução dos fretes. Como consequência, uma série de “favores especiais” eram concedidos ao trânsito de mercadorias, como a gratuidade de armazenagem por um longo período de tempo e a ‘permissão do enfardamento desses produtos misturados com os similares do país, para a sua re-exportação, mediante um simples vale de trânsito que evitava a cobrança de impostos, quando o produto saía do país’.⁶⁰

Além das vantagens legais de se localizar na fronteira, o contrabando possuiu um papel importante nesse novo cenário saladeril. Os transportes ilícitos de gado e de charque foram práticas constantes dessa região.

⁵⁹ Este mercado era menor, tendo em vista que a carne refrigerada substituiu o charque em muitos países, principalmente nos mais desenvolvidos. Porém, o comércio de charque foi forte no Rio Grande nessa época, conforme pode ser observado pelo quadro da página 52 que descreve o valor das exportações gaúchas no período de 1878 a 1928.

⁶⁰ SOUZA, Susana Bleil de. Charqueadas e Frigoríficos na fronteira “Gaúcha”: o trânsito pelo Porto de Montevideú no início do século XX. **Revista Digital de Riveira**. p.9 No prelo.

O transporte de gados em pé era facilitado pela existência de um elevado número de proprietários gaúchos que possuíam estâncias no Estado Oriental. Pinto *apud* MARQUES(1992) afirma que no ano de 1887, 43,9% do gado uruguaio pertencia à brasileiros. O autor afirma que nos departamentos uruguaio situados na fronteira com o Brasil, especialmente Artigas, Salero, Tacuarembó e Cerro Largo, 75% das estâncias eram de proprietários brasileiros.⁶¹

As remessas de gados uruguaio abasteceram muitas das charqueadas da fronteira gaúcha. BARRÁN (1974) afirma que esse comércio foi uma vantagem desleal dos pecuaristas gaúchos desde o período das charqueadas escravistas. Segundo ele: “al trabajar estos industriales com mano de obra esclava y poder utilizar nuestro gado, de mejor calidad que el local, producían el tasajo más barato que los orientales”.⁶²

Nesse sentido, vale lembrar, como um exemplo, que o proprietário da Charqueada Santa Thereza, localizada no município de Bagé, foi acusado de praticar contrabando de gado em 1907. O mesmo possuía estâncias nos limites de fronteira Brasil – Uruguai.

Porém, o chefe encarregado de inspecionar o contrabando afirma, em correspondência a Borges de Medeiros, que tal fato não era verídico, ao menos nessa época:

Aqui chegando no dia 1 do corrente, a noite, encontrei o telegrama que V. Ex. me dirigiu em 29 do mês passado, com relação a contrabando de aqui e em Livramento.

Dizia-me V.Ex. estar informado de que ainda naqueles dias, Magalhães e Guilayn haviam contrabandeado tropas introduzidas por suas estâncias na fronteira.

Respondendo a esse telegrama disse eu, entre outras cousas, que Guilayn não possuía nem arrendava estância na fronteira.

Effectivamente assim é.

Guilayn arrenda uma estância em Ponche Verde, município de Dom Pedrito, situada, porém, a muitas léguas da linha.

E para que pudesse elle contrabandear gados pela forma a V.Ex. referida, seria necessário estivesse o seu estabelecimento sobre a linha, o aqui sucede unicamente com Magalhães, na Capitania.

Quando estive ultimamente em Pelotas, fui ali apresentado a um senhor Pedreira, nosso Vice-consul em Mello, no Estado Oriental, informando-se elle nessa ocasião, que em Cerro Largo, fora afastado muito gado, que dizia destinado as Xarqueadas de Magalhães aqui.

Assegurou-me, entretanto, Pedreira saber, positivamente, que Magalhães mandara offercer a estancieiros dali com quem fizera contratos, cinco

⁶¹ MARQUES, 1992, p.58.

⁶² BARRAN, J. P. **Apogeo y crisis del uruguay pastoril y caudilhesco. 1838 – 1875**. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 1974. p.83.

pesos ouro, digo pagar-lhes cinco pesos ouro por novilho, ou seja, cinco mil reis, mais ou menos, para desistirem dos negócios combinados, tendo sido assim reincindidos com muitos daqueles criadores “contratados” com elles feitos por Magalhães. A quantia por este offerecida para esse fim foi um peso e meio ouro e não cinco peso, como escrevi por equívoco. Aceitando-se como verdadeira essa informação vê-se que a fiscalização na linha desta zona melhorou consideravelmente, pois não é admissível que Magalhães propuzesse pagar cinco mil reis por novilho, para desistência de compromissos se subsistissem as mesmas facilidades que, por ventura, possa ter elle encontrado antes para contrabandear gados do Uruguay. Creio hajam entrada tropas de contrabando para o saladero de Livramento, em cuja linha, aliás, são ainda maiores do que na de Bagé, as facilidades de transito.⁶³

O inspetor deixa transparecer que essa prática existiu em Bagé, porém, afirma que o charqueador Magalhães desistiu do negócio ilícito tendo em vista a melhoria da fiscalização do contrabando e as maiores dificuldades de realizá-lo. Informa que Magalhães preferiu desfazer o negócio, pagando elevadas quantias aos estancieiros uruguaio para reincidir os contratos firmados.

Na continuação da carta, entretanto, o inspetor mostra-se descrente do seu trabalho, afirmando que em Livramento as facilidades de transito são maiores e o contrabando torna-se uma realidade. Nas partes finais do documento desabafa:

Não escapará, estou certo, ao justo e equânime espírito do meu venerado chefe a situação especial e difficil em que tenho me visto ultimamente ou procuro attender exclusivamente a repressão do contrabando de gados, e nesse caso soffre fundamentalmente a serviço da repressão em geral; ou então, o que tenho feito, busco prover simultaneamente os dois serviços, e vejo-me a braços com a escassez de pessoal, e outras dificuldades de toda a espécie. Quem na fronteira coadjuva (?) com lealdade e interesse a repressão? Ninguém. Quem ali ampara, protege, estimula a acusação o contrabando e os contrabandistas? Todo o mundo; desde as mais elevadas autoridades nos municípios até aos simples particulares. Não que isso significa que me acobarde em no desempenho da minha missão. Cumprindo as ordem de V. Ex. irei até o fim sem desfallecimentos, nem desânimos.⁶⁴

Além do transporte de gado, o charque também possuía formas ilegais de burlar os impostos através das guias falsas. O sistema das guias falsas funcionava da seguinte forma: o charque nacional destinava-se ao Porto de Montevideú, o

⁶³ DOC 247. Arquivo Histórico do estado do Rio Grande do Sul: GÓES, Francisco Gomes de Araújo. **Correspondência Francisco G. A.Góes destinada à Borges de Medeiros.** Informando sobre a fiscalização do contrabando na fronteira de Bagé e Livramento. Bagé, 8 Abril, 1907.

⁶⁴ Idem.

mesmo era acompanhado por guias fiscais durante sua passagem pelo estrangeiro. Entretanto, eram produzidas mais guias do que as quantidades de charque, dessa forma, no estrangeiro, o charque uruguaio completava as guias restantes e eram remetidos para o mercado brasileiro como charque nacional, sem tributos ou impostos.

O comércio ilícito de charque e de gado confirma que o conceito de legalidade na fronteira é frágil, sendo o contrabando uma prática comum mesmo antes das charqueadas. Nesse sentido, vale lembrar as diversas definições de fronteira, as quais, na sua maioria, enfatizam este espaço como local de trocas, complementaridade e intercâmbio. Segundo o historiador uruguaio JACOB (2005):

El concepto de legalidad era frágil y difuso en la frontera, donde se vivía bajo un mismo cielo pero sometido a la legislación de dos o de tres países. Lo prohibido no necesariamente era vivido como una colisión con lo ético. Bastaba con galopar unas leguas para pasar de lo aceptable a lo reprochable, sin mediar más explicación de que se estaba cobijado por otra bandera. El paisaje, con sus amaneceres y atardeceres, seguía siendo el mismo.⁶⁵

Nesse contexto espacial torna-se necessário destacar o papel de Bagé no cenário charqueador gaúcho de fins do século XIX, tendo em vista a importância deste município para a atividade charqueadora gaúcha e para a pesquisa desenvolvida.

O tronco ferroviário que ligou Rio Grande - Bagé em 1884 é lembrado por DIAS(1996) como um elemento indispensável na nova dinâmica econômica que as fronteiras adquirem e na interiorização das charqueadas, vale lembrar que sem os trilhos seriam impossível a instalação das charqueadas no interior do Estado.

Nessa época, Bagé absorve rebanhos da fronteira e do planalto que se destinavam, anteriormente, para Pelotas ou para Montevideu. BOUCINHAS (1993) afirma que no período de 1891 a 1940 existiam cinco charqueadas de grande porte no município de Bagé.

O surgimento da cidade de Bagé está associada à origem dos núcleos urbanos da área fronteira, ou seja, voltadas para defesa militar do território (Forte Santa Tecla) e para a indústria agro-pastoril (sesmarias, estâncias e charqueadas).

⁶⁵ JACOB, Raul. Saladeros de la frontera. In: Segundas Jornadas de História Regional Compara. Primeiras Jornadas de Economía Regional Comparada. 3 a 6 de Outubro, 2005. Porto Alegre. **Anais Segundas Jornadas de História Regional Compara. Primeiras Jornadas de Economía Regional Comparada.** Porto Alegre: PUCRS, 2005. CD-ROM.p.2.

A partir do 2º metade do século XIX, o município passa por uma série de transformações estruturais, nesse sentido, vale lembrar a obra de LEMIESEK(1997) que identificou algumas dessas “modernizações”:

Terminada a revolução de 1893, contados os mortos e curados os feridos, Bagé experimentou uma vigorosa fase de modernização, sob o comando do Intendente José Otávio Gonçalves, que colocou Bagé entre as primeiras cidades do Estado.

Várias obras foram iniciadas, sendo de se destacar a criação da Praça do comércio de Bagé (Associação Comercial), a construção do Matadouro Municipal, a inauguração dos jardins da Praça Voluntários da Pátria (atual Silveira Martins), o calçamento de quase toda a Avenida Sete, o início da construção do prédio da Prefeitura Municipal, na rua Gen. Osório, a construção de diversas pontes e a implantação da luz elétrica.⁶⁶

O autor identifica outros elementos “modernizadores” de Bagé, como: o trem(1884), a hidráulica municipal (1887), o cinema (1898), o telefone (1901), a Inauguração da Tablada (1903), a primeira exposição feira (1905), o automóvel(1907) etc.

Em Bagé, como nos demais municípios da fronteira, as charqueadas acompanharam e promoveram a modernização que a região passou na segunda metade do século XIX.

Nesse cenário, as novas charqueadas são dotadas de uma série de características que as diferenciam das charqueadas escravistas, as principais características são: a utilização de maquinários na fabricação do charque, mão-de-obra assalariada e outros aprimoramentos técnicos.

Além disso, as preocupações com melhoria da saúde, higiene e raças dos animais utilizadas para fabricação do charque são representadas nas ações e medidas adotadas pelos charqueadores fronteiriços.

Bagé, por exemplo, é um dos primeiros municípios a possuir banheiros carrapaticidas. Segundo PESAVENTO (1980), no ano de 1917, esse município possuía o maior número de banheiros do Estado.⁶⁷

O proprietário da Charqueada Santa Thereza, Visconde Ribeiro Magalhães, no ano de 1905, ganha o 2º lugar entre os bovinos premiados na 1º Exposição Feira da Indústria Pastoril do Rio Grande do Sul, realizada em Bagé.⁶⁸

⁶⁶ LIEMESZEK, Cláudio Leão. **Bagé**. Relatos de sua história. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1997. p.51.

⁶⁷ PESAVENTO, 1980. p.134.

Em jornais de época, são noticiadas as raças refinadas e importadas que esse proprietário adquiriu: "acaba de receber da Inglaterra, por intermédio do Ministério da Agricultura, 13 esplendidos reprodutores da raça Devon".⁶⁹

O quadro a seguir representa algumas das diferenças entre as charqueadas de fins do século XIX e as charqueadas escravistas gaúchas.

FUNÇÕES	
CHARQUEADAS ESCRAVISTAS	CHARQUEADAS DE FINS DO SÉCULO XIX
TRANSPORTADORES ⁷⁰	TRILHOS AÉREOS BONDES
AGUADEIROS ⁷¹	AGUA ENCANADA
MACHADEIROS ⁷²	SERRA MECÂNICA
TINITISTA ⁷³	DIGESTORES A VAPOR E A SECO
ZORREIROS ⁷⁴	AUXÍLIO DOS TRILHOS AÉREOS
SECAGEM NATURAL	SERPENTINA DE REFRIGERAÇÃO LUZ ELÉTRICA

Figura 3 – Quadro construído a partir de MARQUES(1990) representando as diferenças entre as funções dos trabalhadores nas charqueadas antigas e nas charqueadas modernas.

MARQUES (1990) afirma que os elementos modernizadores das charqueadas foram, principalmente, o vapor, os trilhos, a água encanada e a luz elétrica.

RELAÇÃO DOS PRODUTOS	
CHARQUEADAS ESCRAVISTAS	CHARQUEADAS DA REPÚBLICA VELHA

⁶⁸ LIEMESZEK, 1997, p.85.

⁶⁹ Um grande fazendeiro – O Visconde de Ribeiro Magalhães. **Jornal O Independente**. Porto Alegre.

⁷⁰ Quem transportava qualquer coisa dentro da charqueada.

⁷¹ Transportador de água, geralmente menino, para limpar o local do abate da rês.

⁷² Quem cortava os ossos à machado da rês abatida.

⁷³ Quem atendia aos tachos, às tinas, onde ferviam os ossos para extração da gordura.

⁷⁴ Quem empurrava as zorras, caracterizado por um carro de rodas baixas onde o boi inteiro era carregado.

CHARQUE	CHARQUE	CHIFRES E CASCOS: BOTÕES E PENTES	CORDAS DE VIOLÃO
COUROS SECOS	CONSERVA ENLATADAS	ADUBOS ORGÂNICOS	PEPSINA
SEBO	COUROS SALGADOS	PÊLOS DAS ORELHAS E DAS CAUDAS: PINCÉIS	OSSOS: FARINHA, BOTÕES, ESCOVA DE DENTE, FICHAS, DADOS, AGULHA, DEDAIS
LÍNGUAS SECAS	GRAXA COMESTÍVEL	FARINHA DE CARNE	COLAS
CHIFRES E CASCOS	SEBO INDUSTRIAL: SABÃO, VELA, GLICERINA	PLASMA SECO	TRIPAS SECAS
GUANO	ÓLEO DE MOCOTÓ	COALHO	GELATINA

Figura 4 - Quadro construído a partir de MARQUES(1990) representando as diferenças entre os produtos das charqueadas antigas e das charqueadas modernas.

Conforme pode ser observado no primeiro quadro, os trilhos aéreos substituíram os transportadores, capatazes encarregados de fazer o transporte de superfície com carrinho-de-mão. Os meninos aguadeiros, encarregados da lanterna na cancha onde o animal era morto, foram substituídos pelo sistema da água encanada. A serra mecânica substituiu os machadeiros, que fazia a quebra da ossamenta a golpes de machado. Os digestores a vapor substituíram os tinistas, que ficavam na volta dos tachos fazendo a fervura dos ossos para extração da gordura.

Os guindastes e os trilhos aéreos substituíram os zorreiros, encarregados de empurrar a zorra, carro no qual o boi inteiro morto estava estendido.⁷⁵

Em relação aos produtos, vale observar a diversificação das novas charqueadas. Conforme MARQUES (1990), nas novas charqueadas a importância econômica de outros produtos, além do charque, passou a constituir uma importante fonte de lucro da indústria saladeril.⁷⁶ Essa diversificação da produção pode ser observada no quadro da página anterior.

Os produtos das charqueadas antigas resumiam-se ao charque, couro, sebo e chifres. Os resíduos muitas vezes tinham como destino os montes de guano⁷⁷, que davam mau cheiro e mau aspecto às charqueadas escravistas, comentado por muitos dos viajantes do século XIX.

Segundo MARQUES (1990), nas novas charqueadas não se aproveitava apenas o mugido do boi, o que gerava mais rendimentos econômicos e maior higiene no espaço fabril.

A partir dos quadros, podemos concluir que as modificações da indústria charqueadora gaúcha caracteriza-se pela introdução, cada vez maior, da força mecânica e pelo aproveitamento, praticamente, integral de todos os produtos do boi.

Além disso, a necessidade de maiores cuidados com a higiene e com a matéria-prima utilizada no preparo do charque - fatores que podem ser observados com a introdução das raças importadas e com a disseminação dos banheiros carrapaticidas – são aspectos importantes da nova indústria da carne.

Nesse sentido, JACOB (2005) conclui:

El saladero habitualmente ha sido considerado una industria arcaica o tradicional que adoptó poca tecnología (calderas a vapor) y que dependió de la baratura del vacuno criollo, del ganado sin mestizar. En parte esa visión se fundamenta en que sirvió para abastecer las necesidades alimenticias de la población esclava, y en consecuencia vinculó el comercio exterior del país a mercados marginales considerados atrasados. Esta concepción resulta esquemática si se aplica en el largo plazo. Los establecimientos de la frontera muestran lo opuesto. Una industria o un complejo industrial moderno, capaz de integrar actividades y de adaptarse y aprovechar las posibilidades que proporcionaba el progreso, ya sea faenando ganados mejorados o utilizando la electricidad. También permite apreciar que los subproductos de la faena saladeril, como cueros, astas,

⁷⁵ MARQUES, 1990, p.62.

⁷⁶ Idem, p.69.

⁷⁷ O guano pode ser caracterizado por amontoados que ficavam ao relento, composto de sobras dos ossos não utilizados na extração das graxas e restos de matérias orgânicas. Esses amontoados ficam meses até decomporem e tomar a feição de adubos.

conservas, etc., fueron demandados por los países europeos y Estados Unidos, por las economías más industrializadas de la época.⁷⁸

CORSETTI (1983) reforça que as charqueadas gaúchas em fins do século XIX passaram por um processo de reestruturação e modernização:

Com oscilações nítidas, as exportações de charque rio-grandense conseguem se manter em crescimento até 1868, quando se registram as maiores exportações do produto sulino. A partir de então, a tendência depressiva apresentada por este setor da economia gaúcha é claramente observável. (...) Ao longo de 21 anos, a confluência dos problemas enfrentados pelas empresas rio-grandenses articula o desenrolar de um processo depressivo que vai se mostrar irreversível para o setor e conduzirá, no final do século, à reestruturação do mesmo, que passará a se organizar em novos moldes, de características, então, capitalistas.⁷⁹

No novo cenário fabril, as charqueadas da fronteira podem ser caracterizadas como charqueadas modernas, tendo em vista as diferenças em relação às charqueadas escravistas.

A caracterização dessas charqueadas como modernas entra em contradição com a historiografia tradicional produzida sobre assunto, que as caracterizava como reacionárias, atrasadas ou improdutivas.

As charqueadas modernas da fronteira mantiveram o charque como o principal produto exportado do Estado, competindo com a diversificação industrial da zona colonial e com o surgimento dos frigoríficos em 1917.

O quadro do economista HERRLEIN (2000) descreve os valores das exportações para os principais produtos gaúchos no período de 1878 a 1929.⁸⁰

⁷⁸ JACOB, 2005, p.18.

⁷⁹ CORSETTI, 1983, p.227, 228.

⁸⁰ HERRLEIN, Ronaldo. **Rio Grande do Sul, 1889 – 1930: um outro capitalismo no Brasil Meridional?** Tese (Doutorado em Economia). – Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Economia, Campinas, SP, 2000.

VALORES DAS EXPORTAÇÕES PARA OS PRINCIPAIS PRODUTOS NA PAUTA DO RIO GRANDE DO SUL, SEGUNDO SUBPERÍODOS SELECIONADOS – 1878 – 1929 (EM MIL CONTOS DE RÉIS)						
PRODUTOS	SUBPERÍODOS					
	1878 – 1888 (11 anos)		1889 – 1900 (12 anos)		1919 – 1929 (11 anos)	
	Soma dos valores	Médias anuais	Soma dos valores	Médias anuais	Soma dos valores	Médias anuais
(1) Charque	62,1	5,6	127,1	10,6	755,1	68,6
(2) Couro	62,6	5,7	92,0	7,7	396,6	36,1
(3) Lã	2,8	0,3	9,4	0,8	164,9	15,0
(4) Carne Frigorificadas	---	---	---	---	151,6	13,8
(I) Sub- total: soma de (1) a (4)	127,4	11,6	228,6	19,0	1.468,2	133,5
(5) Banha	3,7	0,3	55,7	4,6	616,1	56,0
(6) Farinha Mandioca	6,5	0,6	36,1	3,0	85,0	7,7
(7) Feijão	0,4	0,0	37,3	3,1	148,7	13,5
(8) Fumo	3,8	0,3	14,2	1,2	169,1	15,4
(9) Outros *	3,5	0,3	8,7	0,7	132,3	12,0
(10) Vinho	0,1	0,0	0,5	0,0	97,1	8,8
(II) Sub-total: soma de (5) a (10)	18,1	1,6	152,4	12,7	1.248,3	113,5
Arroz	---	---	---	---	397,0	36,1
(III) Total (I) + (II) + (11)	145,6	13,2	380,9	31,7	3.113,5	283,0
Total do RS	205,0	18,6	491,1	40,9	3.945,5	358,7

Figura 5 – Quadro dos valores das exportações no RS entre 1878 – 1929. Extraído de HERRLEIN, 2000. p.51.

Conforme podemos observar, o charque está em primeiro lugar nos valores exportados. Tal dado, entretanto, não mascara as dificuldades que os charqueadores rio-grandenses enfrentam.

No caso das charqueadas de Bagé, tendo em vista o tronco ferroviário ligando à Rio Grande, sabe-se que o produto era exportado via este Porto. Tendo em vista a utilização do porto nacional, esses proprietários enfrentavam uma série de problemas que os charqueadores da fronteira oeste do Estado não enfrentavam por utilizarem à infra-estrutura uruguaia.

Nas cartas de Visconde de Ribeiro Magalhães ao governador Borges de Medeiros pode se perceber reclamações nesse sentido. Segue-se uma correspondência deste proprietário, datada de 1907, reivindicando pontes e melhorias nos meios de transportes:

Com os meus afftuosos cumprimentos envio desejos de muita saúde
Com muito prazer li nos jornais daqui o edital em que se chama
concurrentes para uma ponte nos banhados de Gabriel
É fora de toda duvida que é um exellente serviço que o governo de As.
Exa. Presta a este município mas, com a devida velhice, podenrarei ao
esclarecido espírito de So Exa. que, não obstante es um grande
melhoramento, outro há que deveria anteceder-lhe.
Quero referir-me a ponte sobre o Valente que de perto V. Exa vio as
dificuldades que tivemos para atravessal-o quando da ida à Mello em
companhia do Exllo Sr Lauro Mülles então Ministro das Relações
Exteriores.
Diante dos factos que presenciava V. Sr. teve a bondade de nos prometter
a realisação de tão justo emprehendimento sendo assim garantir o transito
nesta ponte tão habitada e cujo movimento auguenta a cada instante.
(?) me parece que se o Valente fosse um arroio de um volume de água
mais ou menos normal, a balsa resolveria o assunto mas, assim não
sendo, torna-se mesmo difficil a conservação do material fluctuante que
nas épocas de pouca água ficara encalhado.
Estou certo que Va. Exa. Não tomará a mal estas minhas impertinências e
não levará em conta o precioso tempo que lhe tomo mas, se o faço é pelo
muito que quero a esta terra e é o desejo de vel-a muito prospera e
engrandecida.
Aqui sempre ao inteiro dispor (?) recebidos os nossos adeus.⁸¹

Conforme foi lido, o Charqueador Visconde de Ribeiro Magalhães solicita, no ano de 1907, a construção de uma ponte sobre o passo do Valente, na correspondência de 1917, a solicitação continua a ser feita, adicionadas à novas reclamações:

⁸¹ DOC 247. Arquivo Histórico do Estado do Rio Grande do Sul: MAGALHÃES, Visconde Ribeiro de **Correspondência Visconde de Magalhães destinada à Borges de Medeiros**. Solicitando a construção de uma ponte no paço do Valente. Bagé, 8 Setembro, 1907.

Permitti apresentar-vos, e a vossa Exma Família, as nossas cordeaux saudações, com votos de boa saúde e desejos de felicidade.

Não fora a bondade com a que sou acolhido por V. Ex, certamente não ousaria tomar um momento da sua attenção, para o que abaixo passo a referir.

V. Ex. certamente se lembrara da conversa que tivemos, por occasião da sua visita, com referencia à estrada que liga Bagé com as minhas propriedades, estrada essa construída inteiramente à minha custa e sobre a qual V. Ex. teve a gentileza de externar opinião muito lisonjeira para mim. Como allegasse, porém, que eram necessários, para terminação da obra, dois pequeninos pontilhões, (para um dos quais eu já tenho pedras no lugar), V. Ex. disse-me que o Estado tomaria a si a construção desses pontilhões. Assim sendo, peço licença para lembrar de novo à v. Ex. taes obras, pois, as ultimas chuvas interromperam o transito de automóveis, na referida estrada.

Estou prompto a cooperar com V. Exa neste melhoramento, com que o vosso governo por diversos títulos benemerito, se tornará mais ma vez credor dos meus agradecimentos e dos da população de Bagé.

Incidentalmente, ocorre-me dizer-vos que cada vez mais torna imprescindível a cosntrução da ponte do Valente, pois nem a balsa prestou os serviços esperados, em consequência das grandes crescentes do rio, nem há forma de se poder estabelecer o livre transito por essa estrada, sem a cosntrução da referida ponte; como v. Exa. Bem pode avaliar quando foi da sua viagem ao Aceguá (de cujos incidentes e accidentes V. Ex., foi testemunha).

Como os vossos visinhos do Uruguay se apressam em dar cumprimento a construção da Escola de Agronomia, em Aceguá, e ao mesmo tempo, a reparação da sua estrada até aquele ponto, parece-me poder affirmar que a nossa ponte sera o complementeo de tão grandes melhoramentos.

Aproveito o feliz ensejo de apresentar-vos, e ao nosso Governo, calorosos applausos e vivos cumprimentos pela encampação das Obras da Barra do Rio Grande, que trará para este Estado o elemento de grande progresso, cujos louros caberão ao esclarecido e honesto governo de V. Ex.

Aqui ficamos inteiramente as presadas ordens de V. Ex., repetindo-me, com elevada estima e particular apreço.⁸²

No canto da página desta correspondência aparecem anotações, à mão, feitas por Vilman de Matos, informando sobre o conteúdo da carta do Visconde e em que medida as solicitações deste foram ou não atendidas:

O Snr. Visconde de Ribeiro Magalhães lembra a necessidade de uma ponte sobre o rio Negro, no Passo do Valente, e a construção prometida de dois pontilhões na estrada que liga a cidade de Bagé às suas propriedades. Quanto a ponte, o serviço achasse iniciado, tem sido contratado com Bento Gomes da Silva & Cia em 8 do mês corente.

Quanto aos pontilhões, a directoria aguarda vossas ordens para projecta-los e construí-las.

30-07-1919

Vimann de Mattos⁸³

⁸² DOC 336. Arquivo Histórico do Estado do Rio Grande do Sul: MAGALHÃES, Visconde Ribeiro de **Correspondência Visconde de Magalhães destinada à Borges de Medeiros**. Solicitando melhorias nos meios de transportes. Bagé, 27 Julho, 1919.

Na correspondência de 1919, o charqueador faz reclamações quanto às ferrovias estaduais:

O motivo que me leva a vir roubar alguns momentos do vosso precioso tempo é o de vir patentear-vos a crise angustiosa porque esta passando a industria saladeril do nosso estado, como conseqüência da absoluta falta de transportes ferro-viários.

Não deveis ignorar, que a maioria das xarqueadas do interior (Bagé; São Gabriel; Serra; e etc.), estão ainda com immensos stocks de productos, sem esperanças de poder transportal-os e enormemente onerados com os juros, naturalmente, accumulados durante tantos mezes, e que, não obstante as promessas dos dirigentes da Viação Férrea e, esta situação empeiora sempre e a cada vez mais.

Não escapa, certamente, ao alto descortino comercial de v. Exa, a conseqüência asphixiante deste estado de cousas, que redundara enfallivelmente na morte de uma das principais industrias do Rio Grande do Sul. E, se, medidas immediatas não forem a passos agigantados, não estando nada longe o desenlace fatal. E sera esse, depois de tantos annos de sacrificios ingentes e de um labutar improficuo, o premio que recebera a classe saladerista, digna alias de muito melhor sorte.

Alem de tudo, o que nos xarqueadores não podemos nos explicar, é a preferêcia com que a Viação férrea distingue as companhias estrangeiras, tanto nos transportes dos seus productos, como na conducção dos gados em pe.

Tentamos conseguir trens para, na próxima safra, transportes os gados que temos invernado na região serrana, a comprar na mesma região. Tivemos, como resposta, que neste anno como no próximo, a viação férrea não forneceria absolutamente vagões a ninguém, para tal fim, pois esses vagões teriam de ser aproveitados no transporte de mercadorias, cujos fretes são muito mais compensadores para a Viação Férrea. E estávamos resignados com esta resolução porque “mal de muitos consolo e” – Agora, diariamente, são carregados trens completos de novilhos, para a Companhia “Swift” do Rio Grande, em completa desharmonia com a anterior affirmativa, a que acima faço referencia. Porque esta preferêcia? Faz até acreditar n’um complot, em que estão todos envolvidos (Viação Férrea e companhias frigoríficas afim de apressar a extinção das xarqueadas!!!

Enfim, releve-me V. Exa ponderar-lhe que, defende a classe saladerista, defende-se igualmente a classe criadora, ambas tão intimamente ligadas uma a outra que, o desaparecimento da primeira, arrastara irremediavelmente a segunda, entregando-a compl.(?) Tem. indefesa nas mãos de quem pretender explorar-la em seu beneficio. E o nosso estado, essencialmente pastoril, vera desaparecer aos poucos a sua principal fonte de riqueza.

Permitto-me fazer estas ponderações a v. Exa, porque nas suas mãos esta o remédio para o mal que aponto, remédio esse que, applicado de immediato com a energia que o caso requer, vira sanar o stato quo originado pela falta de transportes.

Ouso esperar que V. Exa saberá interpretar na sua verdadeira significação os motivos que dictaram esta minha carta, e que, comprehendendo-os devidamente, se esforçara em tomar providencias para eviatar o mal que tanto afflige as principais industrias do seu querido Estado.

⁸³ Idem.

Aproveito o ensejo para desejar a v. exa toda sorte de felicidades no decorrer do novo anno de 1920, subscrevendo-me, com elevada estima e consideração.⁸⁴

Da mesma forma que nas cartas anteriores, esta também não foi atendida. A correspondência de 1920 apresenta um charqueador desiludido com o comércio de charque. O mesmo ameaça não colocar o estabelecimento para funcionar caso suas reivindicações não sejam atendidas:

Exmo Amigo e Snr.

Attencioso Saudar

Confirmando a minha ultima de 29 de dezembro ° findo, e, como esta data não tive uma solução ao conteúdo da mesma, venho reiterar o pedido que vos fiz na alludida missiva, pois, da vossa resposta, dependia que eu faça ou não trabalhar os meus estabelecimentos saladeris na futura safra.

Creio mesmo que, se as perspectivas de transportes pella E. de ferro não melhorarem, nenhuma xarqueadas do interior poderá trabalhar no anno de 1920 e que, se V. Exa. Não interceder energicamente nessa questão, essas perspectivas empeiorarão ao emvez de melhorar.

Por isso, desejaria receber uma resposta concludente de V. Exa. , seja ella qual for, afim de saber exactamente como deverei agir.

Na expectativa de recber de V. Exa. Uma solução com breviedade, mais uma vez apresento a V. Exa. Os meus protestos de elevada estima e consideração, repetindo-me.⁸⁵

As charqueadas da fronteira resistem até meados da década de 40 e 60, quando entram definitivamente em crise, enfrentando problemas conjunturais, como os demonstrados anteriormente pelas cartas do Visconde.

No caso desse charqueador, sua situação é agravada em 1923, quando muitas de suas estâncias são ocupadas e devastadas pelos conflitos da Revolução de 1923. Em correspondência datada desta época, se percebe a angustia desse pecuarista enfrentando os problemas de uma elite descapitalizada:

Queira V. Exa. aceitar meus saudaes.

Meu escopo indo a presença de v. Exa. por intremedio desta, e solicitar o apoio efficiente de V. Exa. junto a Comissão Arbitral, que sem ser organizada, de conformidade com o convenio de Pedras Altas.

Não tenho títulos que me acreditem junto a V. Exa. e me dêem margem a impetrar a sua obsequiosidade; todavia a capticante atenção que V. Exa.

⁸⁴ DOC 337. Arquivo Histórico do Estado do Rio Grande do Sul: MAGALHÃES, Visconde Ribeiro de **Correspondência Visconde de Magalhães destinada à Borges de Medeiros**. Reclamando sobre as condições dos trilhos no Estado. Bagé, 29 Dezembro, 1919.

⁸⁵ DOC 339. Arquivo Histórico do Estado do Rio Grande do Sul: MAGALHÃES, Visconde Ribeiro de **Correspondência Visconde de Magalhães destinada à Borges de Medeiros**. Reclamando sobre as condições dos trilhos no Estado. Bagé, 13 Janeiro, 1920.

já tem dispensado a minha pessoa, me anima a confiar que meu pedido será bem acolhido – máxime sendo que é a reintegração de um direito usado.

Como é de conhecimento geral, e plenamente ficou constatado pelo Snr. Capitão José Antonio de Medeiros, delegado Militar Federal nesta circumscrição, e por uma justificação perante a Justiça Federal, em que entre outros foram ouvidos o coronel Learnin Silveira, Intendente do Município, deputado Mangabeira, e o chefe revolucionário Estácio Azambuja – minhas estâncias foram muito damnificadas quer em seus tapumes, quer em suas existências, sendo carneadas pelos belligerantes, que nellas tiveram quase que ininterruptamente acampamentos – para mais de 1600 rezes vaccuns e de duas mil e tantas ovelhas.

O governo Federal tomou a si, pelo convenio de Pedras altas, a indemnisação dos prejuízos, e para iniciar sua actuação nomeou a commissão Arbitral a que se compromettera! Infere-se disso que administrativamente, em face da prova que for produzida, indemnizará os danos verificados. Minha situação se aggrava sobremaneira e será irreparável se o governo não resarcir os prejuízos e danos, causados pela revolução às minhas fazendas. Trabalho há cerca de 70 annos no Rio Grande do Sul, onde adquiri bens, procurando, todavia na Constancia de meu labor, contribuir para o bem collectivo, máxime do município de Bagé berço de meus filhos, officina de minha actividade, onde também um dia em alguns palmos de terra serão recolhidos meus restos.

Estou velho-o, o espírito combatido pelas vicessitudes e cheio de amarguras pelas incertezas do dia de amanhã. Quero, contudo derimir minha situação para que ella não se reficta nos meus filhos nublando-lhes o futuro. D'ahi a resolução que tomei agora de invocar o auxilio decisivo do valimento de V.Exa. junto a Comissão Arbitral, no seio da qual tem relevo a representante de V. Exa.

Examinei a commissão o processo que elucida o meu direito a justificação, a vistoria e o relatório do Snr. Capitão Delegado Militar Federal, peças estas perfeitas e acabadas – e a justiça de minha reclamação resaltarà com limpidez.

Permita V. Exa. que confiante na discreta e decisiva intervenção de V. Exa. eu apresente meus antecipados agradecimentos subescrevendo-me com alto apreço.⁸⁶

A análise dos inventários do Visconde de Ribeiro Magalhães e de sua esposa demonstra a descapitalização desse empresário, já que, nesses documentos aparecem suas dívidas a receber e um grande número de investimentos em imóveis.

Diz D^a Thereza Pimentel Magalhães, Viscondessa de Ribeiro Magalhães, inventariante dos bens ficados de seu marido Antonio Nunes Ribeiro Magalhães, Visconde de Ribeiro Magalhães, que, havendo a sobrepartilhar entre a supp^{te}, como viúva meeira e os herdeiros filhos e netos, daquelle finado, a quantia de Trezentos e oitenta contos trezentos e cinco mil e trezentos, em que foi fixada a indemnisação devida pela Fazenda Federal ao de cujus, e proveniente de prejuízos soffridos em suas Fazendas neste município, e de requisições militares durante a revolução de 1923, neste Estado, vem a supp^{te} requerer à V. S. que se sirva mandar proceder ao competente calculo, afim de serem pagos os impostos de transmissão

⁸⁶ DOC 347. Arquivo Histórico do Estado do Rio Grande do Sul: MAGALHÃES, Visconde Ribeiro de **Correspondência Visconde de Magalhães destinada à Borges de Medeiros**. Solicitando ressarcimento dos prejuízos causados em suas terras devido a Revolução de 1923. Bagé, 20 Março, 1924.

causa mortes sobre aquella quantia. O de cujus falleceu a 11 de Janeiro de 1926, com 84 annos de idade, pelo os impostos se regem pela Lei N° 289 de 5 de Dezembro de 1921, de vez que as Leis Ficais não tem effeito retroactivo, como é doutrina pacifica em direito. Os herdeiros são todos de maior idade.⁸⁷

A seguir a descrição e avaliação dos bens da Viscondessa contidos no seu inventário:

DESCRIÇÃO E AVALIAÇÃO DE BENS

JÓIAS

Diversas miudezas de ouro e prata, avaliadas todas por um conto e duzentos mil reis. Uma bolsa de prata por trezentos mil reis. Um par de bichas com brilhantes por dezoito contos de reis. Um pendentif com brilhantes, por nove contos de reis. Um anel, idem, por oito contos de reis. Uma barrete, idem, por cinco contos de reis. Um anel, idem, por quatro contos de reis. Uma plaquete com pequena pedra, por dois contos e quinhentos mil reis. Um anel de brilhante, por dois contos de reis.

DINHEIRO

Na Filial do Banco do Brasil, nesta cidade, por uma caderneta, de depósitos Limitados, oito contos quatrocentos e cincoenta e oito mil e setecentos reis. Idem, idem, por uma caderneta de Depósitos, setenta e sete contos setecentos e vinte e dois mil e seiscentos reis.

DÍVIDA ACTIVA

A herança é credora de Agostín Insua Martinez, por novas promissórias, de nove contos de reis.

IMMÓVEIS

Uma morada de casa, sita nesta cidade à avenida Sete de Setembro n° 84, esquina da Rua Conde de Porto Alegre, com sete metros de frente para a Avenida Sete de Setembro, e dezesseis metros e setenta centímetros de frente a fundo, tendo uma largura irregular, pois no centro, em vez de sete, tem somente seis metros, para dar luz à casa vizinha pertencem a sucessão inventariada, de número oitenta e seis, na extensão de seis metros, seguindo dahi por diante com a da sete com duas aberturas para a Avenida e duas para a rua Conde de Porto Alegre, divididas em três peças forradas e assoalhadas, lindando ao norte e Oeste com prédio de sucessão, ao sul com a rua Conde de Porto Alegre e a leste com a Avenida Sete, avaliada por dez contos de reis. Uma morada de casa á Avenida sete de Setembro no 86, com doze metros e quarenta centímetros de frente e quarenta e cinco metros de frente a fundo, fazendo um cotovelo dos fundos, dando sahida para a rua Conde de Porto Alegre, para onde tem sete metros e oitenta centímetros, estando ahi localizada uma garage, divididas em diversas peças forradas e assoalhadas, lindando a Norte com o prédio da sucessão, à Leste com a Avenida Sete de Setembro, a Sul com o prédio de sucessão e rua Conde de Porto Alegre, e ao Oeste com o prédio de D^a Carmelita Abascal e sucessão inventariada, avaliada por trinta contos de reis.

Uma casa para morada, situada á avenida Sete de Setembro no 88, com sete metros e sessenta centímetros de frente, por sessenta e um metros de fundo, tendo todas as peças forradas e assoalhadas, lindando a Norte, Sul

⁸⁷ DOC. 388. MESA: 1 . ESTANTE: 148. Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul: INVENTÁRIO EXTRA - JUDICIAL de Visconde de Ribeiro Magalhães **Mesa de Rendas do Estado**. Bagé, 30 de Novembro de 1937.

e Oeste com prédio da sucessão e à Leste com a Rua Sete de Setembro, avaliado por dezoito contos de reis.

Uma casa para moradia à Avenida Sete de Setembro no 90, com cinco metros e noventa centímetros de frente e sessenta e um metros de fundos, tendo também dimensões irregulares, pois até á metade mais ou menos, perdendo dahi em diante mais ou menos um metro para uma reentrância do prédio no 88; com duas aberturas de frente para Leste com a Avenida e ao sul e oeste com prédio da sucessão-avaliado por doze contos de reis.

Um terreno á rua Almirante Gonçalves, fazendo esquina para a rua General Daltro Filho, medindo esta vinte e cinco metros e vinte centímetros, tendo um prédio em ruína, sob numero 79, avaliado por três contos e quinhentos mil reis.

Um prédio á Avenida Sete de setembro no 131 a 135, que serve actualmente ao Hotel do Comercio, medindo vinte metros e noventa centímetros de frente por cincoenta e cinco metros de frente a fundo, dividida em setenta peças, todas forradas e assoalhadas, sendo cincoenta e cinco destinadas a quartos e tendo ao centro uma área, lindando ao Norte com Salim Kalil, ao Sul, com propriedade do Estado, á Leste com a rua Barão do Amazonas e ao Oeste com a Avenida Sete de Setembro, avaliado por cento e cincoenta contos de reis.

Um prédio á rua Conde de Porto Alegre no 38, que foi garage do prédio da Avenida Sete no 88, com quatro aberturas, medindo dez metros e trinta centímetros de frente por treze metros de frente a fundos, lindando ao Norte e Leste com prédio da sucessão, ao Oeste com prédio de D^a Carmelita Abascal e ao Sul com a rua Conde de Porto Alegre, avaliado por seis contos de reis.

Um terreno murado e calçado, situado a rua Generl Osório n^o 27, com treze metros e sessenta centímetros de frente por trinta e três metros e trinta centímetros de frente a fundo, lindando ao Norte com o dr. Camillo Teixeira Mercio, ao sul com a sucessão de Emilio Abascal, à Leste com a mesma sucessão a ao Oeste com a rua General Osório, avaliado por quatro contos de reis.

Um terreno á rua Barão do Amazonas no 104, com doze metros e trinta centímetros de frente por vinte e dois metros e cincoenta centímetros de frente a fundo, tendo um galpão coberto por telhas de zinco, portão e duas janelas na frente, lindando ao Norte com propriedade da sucessão, ao Sul com propriedade do Dr. Domingos Marcarenhas, á Leste com a rua Barão do Amazonas e ao Oeste com propriedade do Estado, avaliado por seis contos de reis.

Uma fracção de campo com situação no 1^o districto deste município, denominado Santa Thereza, com a área de dois milhões cento e trinta e cinco mil e vinte e cinco metros quadrados, tendo no seu interior diversas casas de moradia, galpões, cocheiras, paiol e outras benfeitorias, tudo em mau estado, lindando ao Norte com a Estrada Real que vai a Santa Thereza, e campos do Dr. Candido Gaffreé, á Leste com Campos de Rodolfo Moglia, ao sul com a sucessão de José Maria Fagundes e ao oeste com a Estrada Real do Banhado dos Medina, lotada para o pagamento do imposto territorial por quarenta e dois contos e seiscentos mil reis, e avaliado o conjunto descripto, para esta liquidação, por cento e quarenta contos de reis.

DIVIDAS PASSIVA

Á Funerária Almeida	3:026\$000
A Olavo Brignol, gêneros fornecidos conforme caderneta	251\$200
A Luciano Mendes, idem	453\$800
Á Pharmacia Salis, por medicamentos fornecidos	900\$000
Á Magaldi & Comp ^a	50\$000
Á Marmoraria Caruccio	515\$000

Á Narciso Suñe & Comp ^a	
25\$000	
Á Casa Açucena	
160\$000	
Á Pharmacia Rio Branco, medicamentos fornecidos	35\$000
Á Granja Taruman	
41\$300	
Á Rossel & Rovira	
34\$000	
Á Empreza Graphica Correio do Sul	70\$000
Idem, da Reação	25\$000
A Companhia Sul Americana de Serviços Públicos	50\$268
Á Casa Instaladora	
47\$900	
A Romoaldo Costa, salários como pião da Chácara Santa Thereza	
60\$000	
Á Julia Martins e Ignez Machado, salários como jardineira, Cozinheira e camareira da inventariada	
300\$000	
A José Pimentel Magalhães, por saldo de uma nota Promissória de que era devedor a finada	8:262\$500
A Arthur Pimentel Magalhães, proveniente de seus honorários, como procurador da inventariada, durante seis anos	
3:450\$000	
Á Companhia de Seguros Porto Alegrense e Pelotense, apólice de seguro do prédio onde esta situado o Hotel do Commercio	
1:330\$700	

Os herdeiros constantes do titulo supra, todos maiores e sui júris inventariam e avaliam, pela forma acima, todos os bens ficados de sua mãe, sogra e avó Da. Thereza Pimentel Magalhães, Viscondessa de Ribeiro Magalhães, afim de solverem os impostos de herança sobre os mesmos bens.⁸⁸

No Inventário da Viscondessa, é possível perceber que a maior parte do seu capital está investida em imóveis. CORSETTI (1983) percebe o mesmo entre os inventários do centro saladeril pelotense e conclui que tal fato contribui para caracterizar esse grupo de pessoas como “uma elite descapitalizada”.

As cartas e os inventários acima descritos representam as dificuldades dos charqueadores gaúchos. A partir dessas, podemos perceber que problemas de ordem conjuntural dificultavam o comércio do charque no Rio Grande do Sul.

⁸⁸ DOC. 472. MESA: 4. ESTANTE: 46. Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul: INVENTÁRIO EXTRA - JUDICIAL de Thereza Pimentel Magalhães **Mesa de Rendas do Estado**. Bagé, 11 de Abril de 1939.

As charqueadas no Rio Grande do Sul passaram por um processo de reestruturação em fins do século XIX, mantendo o charque como o principal produto exportado do Estado, porém, não foram capazes de superar os problemas regionais.

A localização fronteiriça foi indispensável no processo de remodelagem das charqueadas após o fim do escravismo. Os charqueadores puderam, em alguns casos, utilizar a infra-estrutura dos países platinos para escoar a produção e / ou se beneficiar desse capital. O comércio de trânsito e o contrabando foram indispensáveis no processo de reestruturação desses estabelecimentos.

Entretanto, DIAS (1996) lembra que muitas medidas foram tomadas, por parte do Estado gaúcho, ao longo do século XX, cujo objetivo era reprimir o contrabando e obter um controle mais rígido do comércio de trânsito. Tal controle acaba diblando as “vantagens” que os charqueadores da fronteira tinham em comercializar via Porto de Montevideu ou contrabandear pelo Uruguai.

Segundo o autor, existiam dois grupos de comerciantes que tentavam influenciar as decisões públicas:

um, o dos comerciantes da fronteira e boa parte dos criadores, charqueadores e produtores de artigos como erva-mate e madeira, pretendia a permanência da via platina e até a intensificação dos laços comerciais entre o estado e os países platinos(...) O outro, o dos comerciantes do litoral, visualizava a desarticulação comercial da Região platina e, conseqüentemente, de parte do circuito comercial platino, através de um controle mais rígido das atividades de importação e exportação pelas fronteiras.⁸⁹

Entre as medidas de repressão do comércio fronteiriço o autor cita a criação de alfândegas, investimentos no porto e da linha férrea nacional, maior fiscalização das trocas comerciais e outras, as quais, segundo ele, abalaram minimamente o comércio lícito, ou seja, o contrabando continuou a ser realizado.

A medida decisiva, na opinião de DIAS(1996) foi adotada em 1928, que desnacionalizava o charque brasileiro que transitasse por países estrangeiros. Tal medida extingue o sistema de guias falsas e a partir dele, os charqueadores gaúchos tinham que pagar taxas para exportação do produto via Porto de Montevideu.

⁸⁹ DIAS, 1996, p.110.

Nessa conjuntura, os charqueadores da fronteira foram obrigados a se voltar para o Porto de Rio Grande e utilizar a infra-estrutura gaúcha, que continuavam em péssimas condições, principalmente no que se refere às pontes, estradas, trilhos, Porto e créditos.

O processo de decadência das charqueadas gaúchas da fronteira iniciou-se em meados dos anos 30, com algumas sobrevivências até os anos 60. A Charqueada Santa Thereza foi uma dessas sobreviventes e será mais bem analisada no próximo capítulo.

CAPÍTULO 3

CHARQUEADA SANTA THEREZA: HISTÓRIA, PROPRIETÁRIO, ESTRUTURAS E VIDA CULTURAL.

A Charqueada Santa Thereza foi fundada no ano de 1897, seu proprietário foi o português Antônio Nunes de Ribeiro Magalhães. Esse capítulo pretende contar a história dessa charqueada, analisada como um estabelecimento moderno de fabricação de charque, localizado no município de Bagé, importante pólo saladeril rio-grandense entre fins do XIX e princípio do XX.

Para tal, torna-se indispensável conhecer a vida de seu proprietário, tendo em vista que a história do estabelecimento e deste empresário se confunde e se complementam.

Além de documentos escritos (como registro de compra e venda de imóveis; relatos de memorialistas de Bagé e reportagens de jornais de época), as ruínas remanescentes da charqueada serão analisadas como fontes de informação para descrever a vida dessa fábrica de salgar carne.

3.1 História do proprietário

Antônio Nunes de Ribeiro Magalhães nasceu na Freguesia de Castelhões da Cepada, da Villa de Paredes em Portugal, em 5 de Outubro de 1841. Os nomes de seus pais eram Joaquim Nunes e Joaquina Rosa de Magalhães.⁹⁰

Veio para o Brasil aos doze anos de idade. Desembarcou no porto de Rio Grande em 1853, onde trabalhou como caixeiro no Mercado Público local. Em seguida, se mudou para Lavras do Sul, onde trabalhou no Mercado denominado “Três Vendas”, do comerciante Delabary. Ali adquiriu capital, se tornou sócio de Delabary, abrindo a Firma Alegre & Magalhães. Em 1872 a Firma dissolveu-se e ele se mudou para Bagé.

Em Bagé, se associou a outro português, denominado Francisco Loureiro de Souza e fundou a Firma Magalhães & Souza, atuando no ramo de secos e

⁹⁰ Homenagem ao Visconde pelo seu Aniversário. **Jornal O Comércio**. 5 de outubro de 1906.

molhados. Porém, em poucos anos, desfez a sociedade e deu prosseguimento a firma de forma individual.

Em 1884 operava em grande escala, principalmente na compra e venda de gado e açougue. Em 24 de novembro de 1885, Antônio de Ribeiro Magalhães obteve sua carta de comerciante junto à “Junta Comercial de Porto Alegre”

A Firma individual funcionava na esquina da Avenida Sete de Setembro com a Três de Fevereiro. Era classificada como: “Loja de Fazendas”, “Fructos do País”, “Seccos e Molhados”, “Loja de Ferragens” e “Porcelana e miudezas”⁹¹

Nesta época, casou-se com Dona Thereza Pimentel, teve 19 filhos, alguns faleceram ainda na infância. No ano de 1893, com o filho Antonio constituiu a Firma Magalhães e Filhos. Em 1894 fundou a Charqueada do Cotovelo, no atual Bairro Pedra Branca, nos arredores de Bagé. Em 1897 adquiriu as terras onde instalou a Charqueada Santa Thereza, localizada à margem do Tronco Ferroviário Bagé – Rio Grande⁹², a seis quilômetros da sede do município de Bagé, nas margens do Arroio Quebrachinho.

Conforme BOUCINHAS(1993), em 1904 Magalhães tornou-se acionista e arrendatário da Companhia Industrial Bageense, primeira charqueada fundada no município de Bagé.

No ano de 1907, realizou a compra dessa charqueada e construiu uma linha de Bonde (puxada por mulas) e uma Avenida (denominada “Boulevard 16 de Outubro”) interligando as Charqueadas Santa Thereza e Companhia Industrial Bageense, que distanciavam, aproximadamente, 1000 m entre si.

Antônio Nunes de Ribeiro Magalhães recebeu vários títulos e nomeações durante sua vida, entres estas: vice-cônsul da nação Portuguesa em Bagé, datado em 17 de Setembro de 1888 (com ato assinado pelo cônsul de Portugal no Rio Grande do Sul, Antonio de Castro); título de Visconde por carta de Dom Carlos, rei de Portugal (dada no Passo das Necessidades em Portugal, dois anos depois de sua viagem a esse país, ou seja, em 1906); e, em 1909 foi nomeado Comendador da Real Ordem Militar Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa, datado em 14 de janeiro, concedido pelo rei português Dom Manuel.

⁹¹ FAGUNDES, Elizabeth Macedo. **Vila de Santa Thereza**. [S.], 1999. p.5

⁹² O Tronco Ferroviário Bagé-Rio Grande foi construído em 1884.

O Visconde fez duas viagens à Europa, nas quais realizou “visitas à Pátria Portugal” e “abasteceu” as charqueadas com a introdução de raças refinadas de gado. FAGUNDES (1999), historiadora bageense, descreve a primeira viagem de Magalhães à Europa, datada em 1904:

Embarcaram, Antonio Magalhães, D. Thereza, quatro filhas e uma criada, segundo passaporte expedido pela Secretaria do Estado dos negócios Estrangeiros de Lisboa. Ficou cerca de dois meses, na Vila de Paredes onde visitou sua irmã, D. Ana de Magalhães (viúva) e seus filhos. Após, viajou pela Europa, visitando a Espanha, França e Inglaterra. Regressou à vila de Paredes em 10 de Dezembro de 1904, retornando para Bagé em janeiro de 1905.⁹³

A segunda viagem de Magalhães à Europa ocorre em 1913, nesta, o mesmo envia correspondências à Borges de Medeiros informando sobre sua partida e chegada. Nas cartas, é possível observar o prestígio que o charqueador tinha no meio político gaúcho, especialmente com o governador, já que trocava correspondências com este informando sobre sua vida pessoal.

Na partida, o Visconde coloca-se a disposição do governador para qualquer “utilidade”:

Minhas saudações muito afectuosas.
Devo seguir à 31 do corrente para Montevideo em transito para a Europa, venho apresentavos minhas despedidas, e ao mesmo tempo offerer meus préstimos para tudo que vos possa ser de utilidade durante minha permanência no velho mundo, pois com maior praser darei sempre cumprimento as ordens que me forem transmitidas.
Tomo a liberdade de remettervos uma caixinha com línguas, preparadas em n/ Xarqueada, que espero sejam de vosso agrado.
Aproveito a oportunidade para repetir-me com maior estima e consideração.⁹⁴

Ao retornar, escreve à Borges de Medeiros tecendo comentários sobre os melhoramentos na estrada que liga Bagé à Aceguá, fronteira com Uruguai, e “sugere” que até o inverno as obras estejam definitivamente terminadas, tendo em vista a “prosperidade” do município de Bagé:

⁹³ FAGUNDES, 1999, p.7.

⁹⁴ DOC 266. Arquivo Histórico do Estado do Rio Grande do Sul: MAGALHÃES, Visconde Ribeiro de **Correspondência Visconde de Magalhães destinada à Borges de Medeiros**. Informando sua vigame à Europa. Bagé, 25 Maio, 1913.

De regresso de minha viagem a Europa, d'onde cheguei a 20 do corrente via Montevidéo e d'ali por Mello, tive o agradável ensejo de apreciar os trabalhos que por conta do patriótico Governo de V. E. estão sendo executados na estrada que vae desta cidade até Aceguá, fronteira com o Uruguay; devo manifestar a v. Exa a agradável surpresa que tão importante melhoramento nos proporcionou, pois graça a elle a nossa viagem se fez em condições muito cômodas, consumindo nosso automóvel apenas 7 horas de Melo a Bagé, inclusive descanso em caminho; no entanto seria de grande importancia dar a taes serviços todo desenvolvimento possível, de modo que ao entrar a estação invernososa estivessem já bastante adiantados os trechos mais importantes dessa utilissima obra, que ficaria completa sobre o Passo das Pedras e Valente, pois é fora de duvida que com boas estradas e facilidade de comminações muito terá que prosperar nossa cara Bagé.

Sem outro motivo aproveito a oportunidade para appresentar a V. E. , os protestos de minha maior estima e consideração, e repetir-me.⁹⁵

FAGUNDES (1999) descreve o itinerário da segunda viagem do Visconde à Europa:

Com familiares, foi tomar o “Arlanza”, em Buenos Aires. Era o maior transatlântico das linhas para a América do Sul e pela primeira vez atracava no porto da capital Argentina. Pertencia à frota da Mala Real Inglesa. (...) ocupou o camarote de luxo. Em Santos, o presidente do Estado de São Paulo, Altino Arantes, que fora hóspede anteriormente na estância da Carpintaria e em Santa Thereza, recepcionou o Visconde, oferecendo-lhe um almoço. No grande porto de Southampton de Londres foi saudado por Mister K. Wilson. Na capital britânica, hospedou-se no Grande Hotel, em plena Trafalgar Square. Como convidado de honra, compareceu à Exposição de Gado, em Bristol.⁹⁶

Nessa viagem, o charqueador comprou lotes de gado puro sangue na Inglaterra e da raça Durham na Escócia, representando a preocupação desse empresário com o refinamento do gado abatido nas charqueadas.

O jornal português Correio da Europa afirma, em 1913, ano da viagem, que o Visconde era “um comerciante repeitabilíssimo e talvez o maior exportador de carne secca do Brazil”. Lembra ainda, que “é vulgaríssimo a quem viaja pelo Brasil, encontrar a cada momento algum português ali instalado, dispondo de boa fortuna e sempre amável e hospitaleiro”⁹⁷

⁹⁵ DOC 279. Arquivo histórico do Estado do Rio Grande do Sul: MAGALHÃES, Visconde Ribeiro de **Correspondência Visconde de Magalhães destinada à Borges de Medeiros**. Informando seu retorno à Bagé e exigindo melhorias nas estradas entre Bagé e fronteira com o Uruguai. Bagé, 26 Dezembro, 1913.

⁹⁶ FAGUNDES, 1999, p 14.

⁹⁷ **Correio da Europa**. Lisboa, 13 de setembro de 1913.

Além de charqueador, Magalhães era estancieiro, possuía 5 fazendas no ano de 1915, são elas: Estância “Cinco Suances”(Cinco Salsos), Estância Rio Negro, Estância Santa Thereza, Estância da Carpintaria e Estância Formosa (estas duas últimas localizadas, respectivamente, em ambos lados da fronteira, ou seja, no Distrito brasileiro de Coxilha Seca e no Departamento oriental de Cerro Largo)⁹⁸

O Visconde de Ribeiro Magalhães morreu em 11 de janeiro de 1926, na cidade de Bagé, com 85 anos de idade. Seus feitos e vida são registrados nos jornais de época, que o representam como uma importante personalidade para Bagé e para o Estado.

Além dos dados acima levantados, é possível encontrar reportagens que descrevem o cotidiano cultural desse personagem, principalmente suas festas, recepções, inaugurações e outras.

Nesse sentido, o jornal O Independente afirma: “Nunca almoça ou janta sem estranhos à mesa, onde se prova dos melhores vinhos de Portugal e da Espanha”⁹⁹, representando a intensa atividade cultural do charqueador.

O jornal O Comércio de 1906, faz uma série de homenagens ao Visconde, principalmente nas datas dos seus aniversários. Alguns de seus exemplares são, inclusive, impressos “em cetim” e contém artigos de várias personalidades de Bagé tecendo elogios ao charqueador.¹⁰⁰

A historiadora FAGUNDES (1999) relata as manifestações da comunidade bageense no ano de 1906 em comemoração ao aniversário do Visconde:

A cidade toda estava em ritmo de festa. Na rua 3 de fevereiro, em frente à residência do Visconde (atual Banco Itaú), no meio da rua, foram colocados quiosques com comes e bebes, ornamentados nas cores da bandeira portuguesa. Dentro das comemorações, o teatro “28 de Setembro” recebeu a Grande Companhia Dramática Portuguesa, da qual fazia parte o ator Alves da Silva. A apresentação era em homenagem ao Visconde de Ribeiro Magalhães.¹⁰¹

O jornal O Dever, em 1910, publica uma nota sobre o Festival Artístico realizado em motivo do aniversário de 70 anos do Visconde, realizado no Teatro São

⁹⁸ FAGUNDES, 1999, p.14.

⁹⁹ Typos e figuras. **O Independente**. Porto Alegre, 19 de Janeiro.

¹⁰⁰ **O Comércio**. 5 de Outubro de 1906.

¹⁰¹ FAGUNDES, 1999, p.7.

Pedro, na Vila Santa Thereza. Alguns de seus familiares participaram das apresentações, tocando instrumentos e cantando.¹⁰²

Nos jornais ainda é possível acompanhar as diversas recepções que o Visconde fez. Entre as personalidades que o visitara podemos citar: Olavo Bilac, Julia Lopes de Almeida, Coelho Neto, Sarmiento Belres e outros. Os visitantes ficaram, na sua maioria, hospedados na sua residência, acompanhados por passeios, almoços, jantares, rodeios e apresentações culturais.

As inaugurações referentes aos seus estabelecimentos industriais também são documentadas nos periódicos, como: a Inauguração da Charqueada, que ocorre em 21 de fevereiro de 1897, a introdução do sistema de iluminação e gás acetileno em 1898, o Hospital de Santa Thereza, em 1907; a Inauguração da Avenida Visconde de Ribeiro Magalhães em 1915 e tantas outras. Todas acompanhadas com luxuosos cerimoniais e personalidades de destaque social no município.

Os dados acima enumerados representam o estilo de vida deste personagem, cercado de muita ostentação e luxo. Os artigos em sua homenagem, assim como, as reportagens sobre seu cotidiano, o coloca em destaque no meio social do município.

A necessidade de fazer inaugurações e de “ser notícia” esta representada nestes periódicos e nos conduzem a caracterizá-lo como uma personalidade que necessita afirmar-se, cotidianamente, na comunidade que vive.

Vale lembrar que Magalhães veio para o Brasil com 12 anos de idade, atuando como um “caixeiro viajante” no porto de Rio Grande, sua ascensão econômica e social não foi garantida pelo “sangue nobre” português.

Apesar de não ter origem em família nobiliárquica, a vontade de ter essa descendência representa-se nos títulos e nomeações adquiridos ao longo da vida, entre estes, o de Visconde, como era conhecido.

Dessa forma, podemos concluir que não bastava apenas o prestígio econômico que o empresário adquiriu, era necessário que Magalhães afirmasse-se também no meio social, garantindo, através de títulos, nomeações e intensa atividade cultural, sua proeminência entre a sociedade.

A vida deste personagem está em sintonia com o contexto do período, o qual é marcado pela ascensão de novos agentes sociais no meio econômico, político e social rio-grandense.

¹⁰² Ibid, p.11.

Em resumo, Antônio Nunes de Ribeiro Magalhães pode ser adjetivado como um pecuarista moderno, cuja vida rebuscou a região da campanha (marcada pela rusticidade da lide campeira) com muito luxo, requinte e ostentação.

3.2 História da Charqueada



Figura 6 - Foto da Charqueada Santa Thereza, digitalizada do Acervo de Yerecê Moglia.

A Charqueada Santa Thereza foi inaugurada em 21 de fevereiro de 1897. FAGUNDES (1999) descreve como ocorreu a inauguração:

Sr, Antônio Magalhães fez correr para o local, um trem expresso conduzindo seus convidados e duas bandas de música. Presentes, mais de 300 pessoas, o Cônego Bittencourt, vigário da paróquia, procedeu a benção da Charqueada, servindo de padrinhos os Srs Cel. Carlos Maria da Silva Telles e sua esposa D. Etelvina, Cel. Antônio Barbosa Netto, cap. Serafim dos santos Souza e Manoel Gonçalves de Azevedo. Seguindo este ato, foi celebrada missa em altar preparado. Terminada a cerimônia foi servida uma abundante “mesa de assados” e bebidas. Fez uso da palavra o médico e orador Dr. Ângelo Dourado.¹⁰³

BOUCINHAS (1993) afirma que a primeira safra da charqueada teve total de 40.000 reses abatidas, após a anexação da Charqueada Industrial, a safra passou para 45.000 reses.

Nesse período, segundo o pesquisador, o total anual de abates girava em torno de 94.600 reses: “A Charqueada Santa Thereza, desde sua inauguração em 21 de

¹⁰³ FAGUNDES, 1999, p.6.

fevereiro de 1897, até o fim da safra de 1908, tinha abatido 450.891 reses”.¹⁰⁴ A média de abate por dia era de 1000 reses.

Não há um consenso sobre os dados de abate da charqueada. O jornal O Comércio, em 1906, publica reportagem afirmando que a média anual de abate em Santa Thereza é de “noventa mil rezes, no valor de mais de sete mil contos de reis”¹⁰⁵.

O jornal O Correio da Europa, em 1913, publica reportagem sobre o Visconde e afirma que em épocas de matança a charqueada chega a abater “cerca de 100.000 cabeças de vacum”.¹⁰⁶

Entretanto, a média gira entre 90.000 e 100.000 reses, o que pode ser considerada uma média alta para a época. Os dados de abate fornecidos por PIMENTEL para o município de Bagé e para o Estado do Rio Grande do Sul nos ajudam a tecer comparações:

Em 1913 foram abatidas no Estado 305.800 reses, contra 374.000, em 1912, verificando-se uma diferença para menos de 68.000 reses. (...) A matança em Bagé cifrou-se em 122.00 reses; São Gabriel em 32.000 reses, Tupacieretã em 22.000 reses; Azevedo Sodré em 10.000 reses, Nascente em 2.000 reses Pinheiro Machado em 8.000 reses; Paredão (Cachoeira do Sul) em 3.000 reses; Pedras Brancas em 13.000 reses e Jaguarão em 4.000 reses.(...)
Bagé, além de enviar de 1918 a 1931, entre bois, vacas, treneiros e carneiros – 933.189 cabeças para o frigorífico Swift do Rio Grande, em suas charqueadas, de 1920 a 1931, abateu 1.360.204 vacuns. Neste mesmo espaço de tempo foram abatidos em todo Rio Grande do Sul, para charque 8.863.444 animais, o que confere neste gênero de produção o 2º lugar para Bagé.¹⁰⁷

Conforme podemos notar, Bagé destaca-se nas cifras de abate em todo o Estado gaúcho, chega a atingir o 2º lugar entre os anos de 1918 a 1931. Nesse contexto, a Charqueada Santa Thereza possui um número elevado se comparada como todo município, podendo ser classificada como uma das maiores abatedoras locais e estaduais.

Em relação à mão obra empregada, BOUCINHAS(1993) afirma que existiam casas materiais para 1000 pessoas na vila edificada ao redor da Charqueada Santa

¹⁰⁴ BOUCINHAS, 1993, p.37.

¹⁰⁵ **O Comércio**. 5 de outubro de 1906.

¹⁰⁶ **Correio da Europa**. Lisboa, 13 de Setembro de 1913.

¹⁰⁷ PIMENTEL, Fortunato. **Charqueadas & Frigoríficos**. Aspectos Gerais da Indústria Pastoril do Rio Grande do Sul. [S.l.:s.n.]

Thereza e Charqueada Industrial, sendo que, a população efetiva era de 894 pessoas.

Conforme esse historiador, a Charqueada Santa Thereza empregava, durante as safras, “de 470 a 500 trabalhadores, vencendo o salário mensal na importância de 30:000 \$ 00 a 35: 000 \$ 00”.¹⁰⁸

PESAVENTO (1988) menciona que os salários do Rio Grande do Sul eram os mais altos do país, segundo um censo realizado em 1920, girava em torno de 3\$ ou 2\$ por dia.¹⁰⁹ Ou seja, uma média de 30:000 \$ 00 a 20: 000 \$ 00 por mês.

A autora publica um pronunciamento do deputado gaúcho Simões Lopes feito em 1917 no Congresso Nacional que diz o seguinte:

Enquanto no estado do Rio de Janeiro um trabalhador rural fica satisfeito com a importância de 1\$ a 1\$500 por dia, enquanto em zona do norte do Estado de São Paulo o trabalhador se satisfaz com essa mesma importância, no Rio Grande do Sul não há trabalhador agrícola que receba menos de 3\$ por dia, a selo ou 2\$ com comida fornecida pelo patrão.¹¹⁰

Dessa forma podemos concluir que os salários pagos na Charqueada Santa Thereza estão na média recebida pelos os trabalhadores do Rio Grande do Sul no ano de 1920.



Figura 7 - Foto dos trabalhadores da charqueada, recolhendo as mantas de charque para a secagem nos varais, digitalizada do acervo de Yerecê Moglia.

¹⁰⁸ BOUCINHAS, op cit, p37.

¹⁰⁹ PESAVENTO, 1988, p.47.

¹¹⁰ Anais da Câmara dos deputados de 1917 *apud* PESAVENTO, 1988, p.47.

As estruturas edificadas em torno da charqueada nos levam a concluir que o seu proprietário não viveu apenas da fabricação do charque. No jornal *O Independente*, a charqueada é caracterizada como uma “cidade em miniatura”, tendo em vista que nela é possível encontrar:

“a taverna, a loja de fazendas, o calçado, o chapéu, o ensinamento, o médico, a farmácia, o dentista, o padre, a igreja, a missa domingueira, o cinema, o teatro, a banda de música, a casa funerária, o carro fúnebre, o bonde, o telefone, a casa bancária, a luz elétrica e até policiamento telegráfico e o telefone”.¹¹¹

O mesmo jornal afirma que a “xarqueada tem vida o ano todo, seja na safra ou fora dela”. Além disso, esclarece que a luz elétrica é própria e fornecida por poderosa usina a vapor. “Tudo é iluminado ali, prédios e ruas, podendo se trabalhar a noite na xarqueada”.¹¹²

Na citação do jornal é possível observar a preocupação com a racionalização da produção, já que a iluminação ajudava a aumentar o período de trabalho dos operários da charqueada.

No ano de 1912, a Charqueada Santa Thereza passa por um processo de reestruturação. Nesse período, o Visconde de Ribeiro Magalhães associa-se ao capital inglês e busca transformar a Charqueada Industrial e a Charqueada Santa Thereza em “Anglo Brazilian Meat Company”.

Nessa época, o Visconde participa com 23,75% do capital da nova sociedade, o objetivo dessa associação era atingir o mercado europeu de carnes congeladas. Para tal, a charqueada Industrial seria transformada em frigorífico:

Parte da maquinaria para montagem do frigorífico chegou à Charqueada Industrial. Houve mesmo a instalação da maquinaria para quebrar ossos, cozinhar e extrair graxa. Por outro lado, a firma Lever Brothers, mundialmente poderosos magnatas da indústria de sabonetes, em estreita relação com “Anglo Brazialian Meat Company”, pretendia instalar ali uma fábrica de sabão e sabonete, que seria a maior da América do Sul. A grande caldeira para isso foi recebida, mas não chegou a ser montada. O Plano era gigantesco.¹¹³

¹¹¹ Typos e Figuras. **O Independente**. Porto Alegre, 19 de Janeiro

¹¹² Idem.

¹¹³ FAGUNDES, 1999, p.13.

No ano de 1915, entretanto, a Anglo Brazilian Meat Company foi fechada, tendo em vista a crise ocasionada pela grande Guerra Mundial de 1914, que abalou a economia do charque no Estado e nos países vizinhos.¹¹⁴

Em 1923 surgem rumores de falência do Visconde, nessa época muitos dos rebanhos de suas estâncias são devastados pela Revolução de 1923 e a política de desnacionalização do charque, datada em 1928, atinge de forma decisiva o ramo saladeril gaúcho.

Além disso, nesse período, Magalhães assume dívidas de seus filhos que os leva a empenhar muitos dos seus bens:

Segundo relatos, Joaquim Pimentel Magalhães, na época proprietário e administrador da Charqueada Santo Antonio e gerente administrador da Charqueada Santa Thereza e Industrial, enfrentando a crise das charqueadas, realizou maus negócios que comprometeram todo o seu patrimônio e o do seu irmão Antônio Pimentel Magalhães, que havia sido o avalista da maioria dos negócios.

O Visconde, ao saber das dívidas que foram contraídas por Joaquim e avalizadas por Antônio, reuniu todos os bens na tentativa de salvar o nome de seus filhos. (...)

Parte dos bens foram vendidos para pagar duplicatas de pessoas físicas e outra parte foi entregue aos bancos.¹¹⁵

Diante desta situação, o Visconde teve muitos de seus bens transferidos para os Bancos, entre estes, a Charqueada Santa Thereza, que acabou sendo arrendada por novos proprietários.

No Translado de Compra e Venda de Imóveis, datado de 1927, é possível observar os novos proprietário e bens perdidos pelo Visconde:

Escritura de compra e venda entre partes, outorgante vendedor o Banco Nacional de Commercio, outorgada compradora a firma Prati, Moglia & Companhia, Limitada, como adiante se declara.

(...)ante as ditas testemunhas que vende, como legítimo senhor e possuidor que é, por esta publica escritura e na melhor forma de direito, á firma outorgada compradora (...) os seguinte bens immoveis, bemfeitorias, moveis utencilios etc, abaixo, vão descritos pela forma que se segue: duas fracções de campo, sendo uma com a área superficial de cento e sessenta e quatro hectares e sete mil duzentos e noventa metros quadrado (164, h7290 m²)(...) sob a denominação de “Campo da Pedreira”, situada no primeiro distrito deste município, lugar denominado “Santa Tecla”, outra fracção com a área superficial de quatrocentos e quarenta e seis hectares

¹¹⁴Sobre as crises do charque PESAVENTO(1980) e MARQUES(1982) fazem referências das diversas oscilações que este produto sofreu na economia gaúcha, principalmente nos períodos de guerras mundiais.

¹¹⁵ FAGUNDES, 1999, p.18.

e mil duzentos e vinte e um metros quadrados (446, h1221 m²) de campo (...) também situados no primeiro districto do município de Bagé, lugar denominado “Santa Thereza”, com todas bemfeitorias existentes, e todas as servidões e edificações que lhe são annexas, forno de cal, à fogo continuo, com todas as suas installações electricas e demais utencilios, elevador etc, locomovel ahi installado, uzina electrica, com todas as respectivas installações, dynamos e todas as demais machinas, moveis e utencilios existentes, no edificio da referida Xarqueada, constantes principalmente dos seguintes: - guinchos bombas, burrinho para alimentaa, dois digestores resfriadores de sebo, depositadores graxa refinada e óleo de mocotó; caixoe com serpentina á vapo, motor e dynamo para luz da xarqueada, serra para ossos, balanças, carrinhos, utencilios de graxeira etc; tudo em perfeito estado de funccionamento; bem assim todas as demais edificações, pomar, postos, ranchos etc, situados dentro desta fracção de campo, denominado “Santa Thereza”, comprehendidas, além de outras edificações já especificadas e referidas, duas quadras de casas de material, situadas em frente ao edificio da Xarqueada, com todas as servidões exitentes, intallações de luz electrica etc varraes, açudes e reservatórios construídos de pedra e cimento, junto ao edificio da xarqueada, uma Avenida de Eucaliptus que ladeias o caminho que conduz á Xarqueada Industrial, aramados e cercas divisórias etc cujo imóvel ou fracção de campo tem as seguintes consfrontações de accordo com o respectivo mappa: (...) é feita pelo preço de seiscentos e cincoenta contos de reis (650:000\$000rs)¹¹⁶

A Charqueada Santa Thereza esteve em funcionamento até 1962. Sendo que, no fim da década de 1940 passou por remodelagens comandadas por Rodolfo Moglia, novo proprietário.

O mesmo faleceu em 1955, porém, seus filhos e genros mantiveram a estrutura em funcionamento até princípios dos anos 60. Atualmente, no local da Charqueada Santa Thereza, funciona uma Fábrica de artefatos de cimento Santa Tereza de propriedade de Nei Mario Carneiro.

3.3 As Estruturas

Ao entorno da Charqueada Santa Thereza foi edificado um amplo complexo urbano e industrial, formado por: vila de operários, palacete do proprietário, capela, coreto, teatro, padaria, avenidas arborizadas, indústria de derivados, quinta, lagos artificiais, serralheria, alfaiataria, mecânica, almoxarifado, ferraria, quadra de tênis,

¹¹⁶ ESCRIPTURA DE COMPRA E VENDA outorgada pelo Banco Nacional do Commercio em favor da Firma, Prati, Moglia & Companhia, Limitada. **Registro de Imóveis**. 1^o Cartório de notas. Bagé, 2 de Abril de 1927.

fábrica de tonéis, olaria, coreto, fábrica de mosaicos, fábrica de adubos, carpintaria, restaurante popular, Colégio (com mais de 60 alunos) etc.

Algumas das estruturas remanescentes desse complexo foram identificadas durante visitas ao local, às mesmas serão descritas a seguir com o objetivo de contar um pouco mais sobre a vida dessa indústria de charque de Bagé.

Nesse sentido, vale lembrar a afirmação de THIESSEN(1999), segundo a qual, as estruturas arquitetônicas devem ser apreendidas como “visões de mundo”, já que correspondem a um período histórico e cultural determinado:

As formas arquitetônicas e a própria organização e articulação do espaço são vistas como um discurso através do qual se podem ter acesso as representações sociais dos grupos que viveram e construíram esse espaço.¹¹⁷

FABRIS(1993) afirma que a arquitetura pode ser considerada uma forma de linguagem “dotada de valores simbólicos e emotivos” que de uma forma ou de outra são transmitidos a todas as camadas da sociedade as representando.¹¹⁸

Dessa forma, esse item procura apreender um pouco mais sobre a história da Charqueada Santa Thereza a partir do seu patrimônio edificado, analisando suas estruturas arquitetônicas remanescentes como fonte de informações para a escrita da história.

3.3.1 As Avenidas

¹¹⁷ THIESSEN, Beatriz. **As paisagens da cidade**: arqueologia da área central da Porto Alegre do século XIX. Dissertação de Mestrado (Mestrado em arqueologia) Pontifícia Universidade Católica de Porto Alegre, 1999. p.32.

¹¹⁸ FABRIS, Annaterra. Arquitetura eclética no Brasil: o cenário da modernização. **Anais do Museu Paulista**. n.1.São Paulo: MAE, 1993. p.134.



Figura 8 – Foto da Avenida Visconde de Ribeiro Magalhães.

A Avenida Visconde de Ribeiro Magalhães foi inaugurada em 1915, possui quatro quilômetros de extensão e vinte metros de largura. Foram plantados mil e trezentos eucaliptos nas bordas da avenida, com a distância de seis metros entre si.

A avenida tem origem no “Hipódromo 20 de Setembro” de Bagé (hoje Parque da Associação Rural) e destina-se à Charqueada Santa Thereza (hoje Bairro Santa Thereza do município de Bagé, RS).

A inauguração da Avenida foi documentada pelos jornais “O Dever” e “Correio do Sul”, que relatam à presença dos filhos e netos do Visconde de Ribeiro Magalhães, além de algumas autoridades do município de Bagé. No momento da inauguração, os filhos, os netos e as autoridades fizeram a simbólica plantação das árvores ao longo da Avenida Visconde de Magalhães.¹¹⁹

As avenidas largas e arborizadas podem ser consideradas como um símbolo do cosmopolitismo da época, na qual ocorre a importação dos estilos das avenidas francesas (conhecidos como Boulevard) para os padrões nacionais.

Os Boulevard's franceses caracterizam-se por avenidas largas que possuíam o objetivo de higienizar os guetos parisienses: ajudam a circular o ar nos apertados espaços urbanos de Paris, assim como, facilitam o transporte de tropas entre eles.

As avenidas largas e arborizadas do Brasil possuem o poder de monumentalizar o espaço urbano, assim como, passar a idéia de “progresso” e “modernidade” para a sociedade da época.

¹¹⁹ **O Dever**. 26 de Setembro de 1915. **Correio do Sul**. Bagé, 26 de Setembro de 1915.



Figura 9 – Foto do Boulevard 16 de Outubro.

O “Boulevard 16 de Outubro” possui a distância de mil metros e inclui-se no estilo de avenidas largas de origem européia descrita acima. O termo Boulevard, de origem francesa, foi utilizado na época para denominar essa via de acesso. O nome 16 de Outubro foi atribuído á avenida em uma homenagem prestada, pelo Visconde, à data de aniversário de sua mulher, Tereza Pimentel.

A avenida possuía a função de interligar a Charqueada Industrial Bageense e a Charqueada Santa Thereza, ambas eram propriedades de Visconde Ribeiro Magalhães. Havia também uma ponte e uma linha de Bondes (puxada por mulas) nessa avenida. O comprimento do Boulevard era de, aproximadamente, 1000 metros.



Figura 10 – Foto da ponte do Boulevard 16 de Outubro.

3.3.2 O Palacete



Figura 11 – Foto do Palacete do Visconde, digitalizada do acervo de Yerecê Moglia.

O Palacete foi construído em um local privilegiado de Santa Thereza, dele é possível observar todo o Complexo construído no entorno da charqueada, já que situado em uma área afastada e de relevo mais elevado que as demais.

A foto mais antiga do Palacete foi recolhida do acervo de fotos de Yerecê Moglia. Na foto é possível perceber que a parte superior do mesmo não era compacta e se restringia a uma sala ou quarto com varandas.

O estilo arquitetônico do Palacete chama atenção. Segundo informações do arquiteto Alberto Brilhante Wolle, o mesmo pode ser classificado no estilo eclético, devido aos excessivos ornamentos utilizados na fachada e outras características por ele identificadas.

Segundo Wolle, a fachada da parte inferior é constituída de pilastras jônicas e aberturas (janelas e portas) que possuem verga reta com elementos decorativos em relevo. A fachada da parte superior possui os mesmos elementos decorativos nas janelas, porém, as pilastras são neoclássicas (jônicas com frisos, ou seja, uma releitura das pilastras jônicas). A residência possui platibanda (parte que esconde o telhado), sendo que, na parte central, a platibanda é vazada por balaústres e um frontão, além de inúmeras ornamentações (pinhas, e figuras geométricas).



Figura 12 – Foto de elementos decorativos da fachada do Palacete, disperso no chão, ao redor das ruínas da residência.

FABRIS(1993) lembra que a arquitetura eclética faz parte do cenário moderno no Brasil, feita por um “encomendante, em geral novo rico, despido de qualquer laço daquela cultura aristocrática do século anterior”.¹²⁰

Segundo o autor, essa é a arquitetura da sociedade industrial. Nela é possível observar valores do passado adaptado às exigências contemporâneas. Caracteriza-se como uma arquitetura “poliestilítica”, já que, permite experimentar e usar novos materiais associados a antigos.

Assim, pode se dizer que o ecletismo é a arquitetura do múltiplo, do diversificado, do instável e do relativo. As fachadas ganham muita importância e recebem excessos de elementos.

Segundo FABRIS(1993), a elite brasileira desse período reproduz nas suas residências, os tipos e modelos admirados na Europa, em um nítido “desejo de ser estrangeiro” e numa típica “sede de cosmopolitismo”.

O autor afirma que o eclético faz do Brasil, “um país mestiço que se sonha branco”, o gosto pelo “pitoresco” acentua a “sensação de viver fora do Brasil”. Mesmo as edificações estruturalmente mais simples possuem detalhes decorativos que as fazem estarem em sintonia com o movimento eclético.

As características arquitetônicas do Palacete do Visconde representam muitos elementos descritos sobre esse personagem, principalmente, a necessidades de ostentação, requinte e luxo.

O termo Palacete foi usado nos jornais, que o denominavam ainda como a “casa de verão” dos Magalhães. Estes possuíam outra residência no centro de Bagé.

Essa estrutura passou por diversas reformas, uma delas quando o Visconde ainda era seu proprietário. Conforme podem ser observado na foto a seguir, a parte

¹²⁰ FABRIS, 1993, p.132.

superior da casa foi aumentada. Na frente da residência a família Magalhães posa para a fotografia.



Figura 13 – Foto da fachada do Palacete, na qual é possível observar a família Magalhães na frente da residência. Foto digitalizada do acervo de Yerecê Moglia.

No ano de 1944, o Palacete foi adquirido por Rodolpho Moglia e em 1964 foi doada para o “Bispado” de Bagé com a finalidade de fazer funcionar ali um seminário. O Bispado negociou com a Prefeitura Municipal trocando a área da residência por terrenos localizados no centro da cidade. Mais adiante, a Prefeitura de Bagé permutou com a RFFSA (Rede Ferroviária Federal S/A) esse espaço, recebendo todas as instalações adjacentes para implantar um Centro Administrativo no local.¹²¹

¹²¹ ESCRITURA PÚBLICA DE COMPRA E VENDA outorgada por Doutor Mario Olivé Suñe e sua mulher Dona Alayde Magalhães Suñe em favor de Rodolfo Moglia & Companhia Limitada. **Registro de Imóveis**. 1º Cartório de notas. Bagé, 6 de Março de 1944. & ESCRITURA DE COMPRA E VENDA outorgada pela Mitra Diocesana de Bagé em favor da Prefeitura municipal de Bagé. **Registro de Imóveis da Comarca de Bagé**. Bagé, 7 de Abril de 1982.



Figura 14 – Foto do Palacete reformado, digitalizada do acervo de Yerecê Moglia.



Figura 15 – Foto das ruínas do Palacete, com data de 2000. Digitalizada do acervo de Yerecê Moglia.



Figura 16 - Foto das ruínas do Palacete, com data de 2001.



Figura 17 - Foto das ruínas do Palacete, com data de 2004.



Figura 18 - Foto das reminiscências do portão de entrada, com data de 2001.



Figura 19 - Foto da parte interna do Palacete, com data de 2001.



Figura 20 - Foto do 2º piso do Palacete, construída em bambu e coberta de argamassa de cal.



Figura 21: Foto do pátio, nos fundos Palacete, em detalhe o poço.



Figura 22 – Foto das reminiscências do Palacete, com data de 2005.

Atualmente, o Palacete restringe-se a um amontoado de ruínas, destruído pelo descaso e depredação do patrimônio nacional. A riqueza histórica e arquitetônica do mesmo passa despercebida pela comunidade local, política e científica.

3.3.3 O Coreto



Figura 23 – Foto do Coreto.

Em frente à Mansão dos Magalhães existia um grande jardim, o mesmo se estendia até uma ilha construída sobre um lago artificial. No centro da Ilha, se encontrava o Coreto.

No lago artificial existiam peixes de variadas cores e no Coreto, bandas musicais costumavam fazer apresentações artísticas. Existia, inclusive, uma banda composta por operários da Charqueada, denominada de “Lira Santa Thereza”, a qual fazia suas apresentações no Coreto e no teatro do local.



Figura 24 – Foto do lago artificial sobre o qual o Coreto foi construído.

3.3.4 O Teatro Santo Antonio



Figura 25 – Desenho do Teatro Santo Antonio e da Capela Santa Thereza, digitalizada do acervo de Yerecê Moglia.

A imagem acima foi desenhada por Edmundo Castilhos Rodrigues e encomendada por Sólton Sastre que enviou uma foto do Teatro Santo Antônio e da Capela Santa Thereza para ser retratada pelo artista.

O Teatro Santo Antônio foi construído no início do século XX pelo Visconde de Ribeiro Magalhães, possuía seis camarins, dezessete camarotes, cinquenta cadeiras, gerais, mesa de bilhar, bilheteria, copa, piano e teto com medalhões de Carlos Gomes, Donizzetti, Bellini, Auber, Ariza, Gounod, Puccini, Frnchetti, Verdi,

Marchetti, Feiullet, Barrou e Chopin.¹²² Havia um grupo de Arte Dramática, constituídas pelos operários da charqueada.

Quando a Viscondessa faleceu o Teatro Santo Antonio foi doado para a municipalidade de Bagé, com o objetivo de que ali fosse instalada uma escola. Entretanto, devido ao descaso e destruição, o Teatro desapareceu, resumindo-se, hoje em dia, a uma base de tijolos pouco perceptível para quem visita o Bairro Santa Thereza em Bagé.



Figura 26 - Foto das reminiscências do Teatro Santo Antonio, com data de 2001.

3.3.5 A Capela Santa Thereza



Figura 27 - Foto da Capela Santa Thereza

¹²² FAGUNDES, 1999.

A Capela Santa Thereza foi inaugurada em 15 de Outubro de 1909, como o cumprimento de uma promessa da Viscondessa. Foi projetada pelo arquiteto e pintor Pedro Obino.¹²³

A data da inauguração da Capela corresponde ao dia de Santa Thereza D'Avilla, de quem a Viscondessa era devota. (Essa Santa nascida na Espanha foi canonizada em 1622 e contribui para a Reforma da Igreja Católica).

BOUCINHAS(1993) apresenta descrição feita pela visitante Andradina Oliveira sobre a Capela no jornal "Correio do Sul". A visitante informa que o altar-mor da Capela foi trazido da Bahia por um amigo da família Magalhães, sendo que, os paramentos da mesma (altar e custódia cravejada de rubis e esmeraldas) tinham origem francesa.

O Jornal "O Independente" enfatiza que a decoração da Capela é "ornamentada com muito gosto e com ricas alfaias".¹²⁴

A Capela comportava, além da imagem da padroeira, imagens de Santo Antônio, São Joaquim, São Sebastião, São Geraldo, Coração de Jesus, Nossa Senhora da Conceição e São José.

Segundo declarações da Viscondessa aos jornais, todos os filhos foram casados na Igreja e todos os netos (total de 34) foram batizados ali.

Na parede da Capela há informações de que esta tenha sofrido reforma em 1926 e em 1947, quando os capuchinhos completavam 50 anos em Bagé. Em 1993 a capela sofria com o descaso e a depredação, houve arrombamento da porta de entrada e saque de imagens castiçais, quadros etc, além de desabamento de partes do telhado.

Em 1999 a Capela foi tombada por lei municipal, numa iniciativa conjunta dos moradores do bairro Santa Thereza, Dona Yerecê Moglia e o grupo CENARTE/URCAMP. Atualmente, ocorrem missas, casamentos e outras atividades na capela.

¹²³FAGUNDES, 1999.

¹²⁴ **O Independente**. Porto Alegre.

3.3.6 Residência do Filho do Visconde



Figura 28 - Foto da residência do filho do Visconde de Ribeiro Magalhães.

O Visconde Ribeiro Magalhães possuía 19 filhos com sua esposa Thereza Pimentel. A casa acima fica localizada em frente a sua Mansão e pertencia a um dos filhos do Visconde.

A moradia possui estilo arquitetônico rústico e simples, segundo o arquiteto Wolle. Principalmente se comparada com a casa principal (casa do Visconde). A mesma possuía um pátio central e provavelmente a cozinha afastada do restante da casa.

3.3.7 A Vila dos operários

A Vila Santa Thereza comportava cerca de mil pessoas. As casas eram construídas “de material” (alvenaria) e alugadas para os trabalhadores da charqueada. Possuía luz elétrica e um “moderno sistema de iluminação com gás acetileno. Um dínamo elétrico fornecia energia” ao local.¹²⁵ Conforme o jornal O Comércio, havia aproximadamente 1500 lâmpadas em toda a vila.

A vila possui três conjuntos de casas: o primeiro localizado em frente à charqueada Santa Thereza (indústria de charque), o segundo próximo à Indústria de

¹²⁵ O COMÉRCIO, 1898.

Derivados e o terceiro em frente à Charqueada Industrial (todas eram propriedades do Visconde).

Conforme PESAVENTO (1988) construir casas para os trabalhadores próximas à empresa era uma das “formas de dominação do capital e disciplinarização do trabalho”. Segundo a autora: “o aluguel, no caso, representava uma das muitas formas de fazer retornar ao capital o salário pago ao empregado”.¹²⁶ Além disso, a proximidade das moradias ao ambiente de trabalho facilitava o controle dos horários e dos hábitos da mão-de-obra usada na fábrica.

3.3.8 Conjunto de casas “um”



Figura 29 - Foto da Vila dos operários. Conjunto de casas localizados em frente a charqueada.

O primeiro conjunto é formado por casas geminadas (paredes em comum), telhado de duas águas e telha capa canal. Segundo o arquiteto Wolle, a fachada é composta de uma porta e uma janela, com molduras em relevo e argamassa. Possui verga reta no entorno das aberturas e platibanda compacta com um friso superior horizontal (elemento decorativo).

Vale lembrar a afirmação de FABRIS (1993), segundo a qual mesmo as edificações estruturalmente mais simples possuem detalhes decorativos que os deixam em sintonia com o ecletismo.

¹²⁶ PESAVENTO, 1988, p.81.

Ou seja, a análise da arquitetura pode ser apreendida como uma linguagem que atinge a todas as camadas sociais, mesmo que de forma discreta. Nesse sentido, os frisos nas casas dos operários dão um toque decorativo às mesmas que as deixam em sintonia com o estilo arquitetônico adotado para o complexo Santa Thereza.



Figura 30 – Foto das casas da vila dos operários.

3.3.9 Conjunto de casas “dois”



Figura 31 - Foto do conjunto de casas localizados próximos à Indústria de Derivados.

O conjunto de casa “dois” localiza-se próximo a Indústria de Derivados. Caracteriza-se por casas geminadas, sem ornamentações nas portas e janelas, cuja

fachada é composta de uma porta e uma janela, possui platibanda compacta e encontra-se adaptada a topografia do terreno, perceptível pelo escalonamento das casas.

3.3.10 O Armazém de Silvério de Souza



Figura 32 - Foto antiga do Armazém de Silvério de Souza, digitalizada do acervo de Yerecê Moglia.

O Armazém de Silvério Olivério de Souza localiza-se no conjunto de casas “um”, possuindo as mesmas características arquitetônicas destas. Ao lado da área destinada ao comércio (perceptível na foto pelas três portas de acesso do Armazém) está germinada a casa do proprietário do estabelecimento, similar às casas dos trabalhadores.

PESAVENTO (1988) afirma que era muito comum a existência de mercados e armazéns nos estabelecimentos fabris surgidos em fins do século XIX e início do século XX no Rio Grande do Sul.

Segundo a autora, neles ficava grande parte do salário recebido pelos funcionários: “Em tais ‘armazéns’, o operário retirava o necessário para o seu sustento, através da ‘caderneta’, pouco restando para receber no fim do mês em salário monetário”.¹²⁷

Atualmente, o Armazém de Silvério dos Reis restringe-se a ruínas, assim como a maioria das estruturas remanescentes do que foi a antiga Charqueada Santa Thereza.

¹²⁷ PESAVENTO, 1988, p.82.



Figura 33 - Foto das reminiscências do Armazém de Silvério de Souza, com data de 2004.

3.3.11 O Hospital



Figura 34 - Foto antiga do Hospital, digitalizado do acervo de Yerecê Moglia.

O Hospital foi inaugurado em 1907, sob os auspícios da Sociedade Beneficente de Santa Thereza, segundo informa o jornal “O DEVER” de 1907, o hospital é composto de quatro peças ladrilhadas de mosaico: a primeira era destinada a realizar operações e possuía um lavatório de mármore com três bacias para a feitura de curativos, além de armários; a segunda peça possuía um consultório com Estandarte e uma imagem de Santa Thereza; a terceira peça possuía armários, livros, papéis e uma caixa de esmolas da sociedade, e a quarta sala era composta de camas de ferro e mesas.

O enfermeiro do hospital era o empregado Maurício Teixeira e o médico era o Dr. Júlio Mascarenhas de Souza. O hospital também se inclui no conjunto de casas “um” e atualmente, a estrutura do hospital é utilizada como escola.



Figura 35 - Foto da Escola Municipal de Ensino Fundamental Anna Moglia.

Na opinião de PESAVENTO(1988), a assistência social e saúde são atitudes típicas do assistencialismo paternalista dos empresários emergentes do Rio Grande do Sul.

Segundo ela, hospitais, escolas e lazer são disfarces da dominação do capital, formas de encobrir a exploração dos operários e representar a imagem do “bom patrão” para os funcionários. Em compensação esses se mantinham dóceis e disciplinados.

3.3.12 A Indústria de derivados



Figura 36 - Foto da fachada da Indústria de derivados

A Indústria de derivados da carne é uma estrutura típica das charqueadas da fronteira, nas quais, devido à utilização de máquinas e técnicas “modernas” de preparo do charque, o gado poderia ser mais bem aproveitado.

Segundo MARQUES (1990, p.28) “as charqueadas velhas aproveitavam mal e até desperdiçavam muitos produtos da matança. Nos estabelecimentos modernos chegou a haver aproveitamento integral do boi”.

A Indústria de Derivados da charqueada Santa Thereza caracteriza-se por uma estrutura de três pavilhões, cada um com “telhado de duas águas”, sendo que, os dois primeiros pavilhões possuem vãos de acesso (portões) e o último uma seqüência de janela.

A parte interna dos pavilhões é dividida por paredes que se intercomunicam, piso de cimento, e vestígios nas portas de “trilhos de correr”. A fachada da indústria não possui adornos relevantes em massa, apenas algumas marcas em relevo, um frontão triangular composto de uma “òcula de ventilação” e a data 1902. A estrutura apresenta um possível avarandado nos fundos.



Figura 37 - Foto do detalhe da fachada da Indústria de derivados, no qual aparece a data 1902.

Em uma das cartas de Visconde de Ribeiro Magalhães ao governador Borges de Medeiros, o mesmo faz menção a uma caixa de línguas produzidas na indústria de derivados de Santa Thereza. O trecho da carta diz o seguinte: “Tomo a liberdade

de remettervos uma caixinha com línguas, preparadas em n/ Xarqueada, que espero sejam de vosso agrado”.¹²⁸



Figura 38 – Foto das ruínas da Indústria de derivados.

3.3.13 Fotos aéreas do Complexo Histórico Santa Thereza

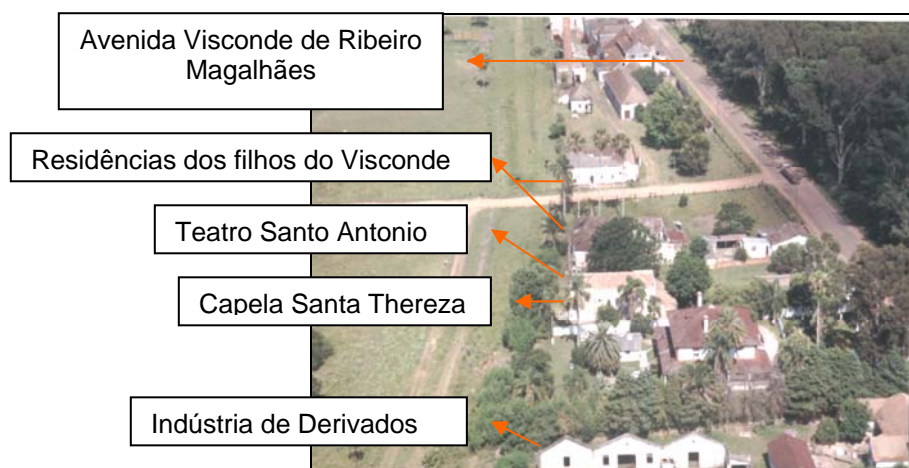


Figura 39 - Foto aérea do Complexo Histórico Santa Thereza, digitalizada do acervo de Yerecê Moglia.

¹²⁸ DOC 266. Arquivo Histórico do Estado do Rio Grande do Sul: MAGALHÃES, Visconde Ribeiro de **Correspondência Visconde de Magalhães destinada à Borges de Medeiros**. Informando sua viagem à Europa. Bagé, 25 Maio, 1913.

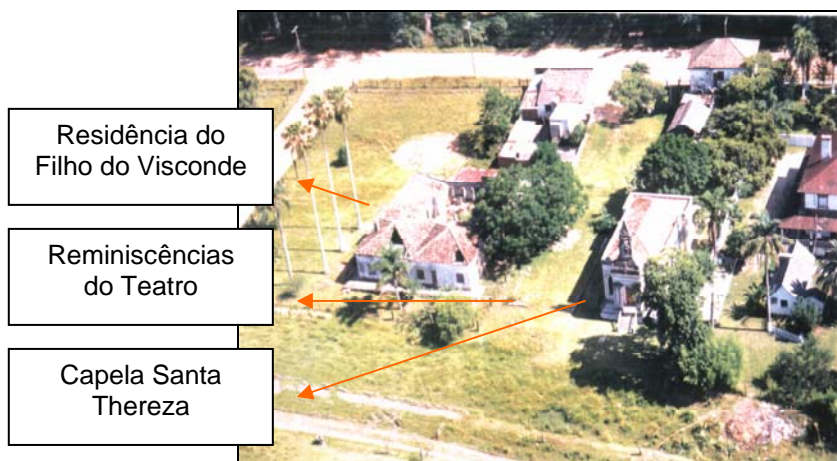


Figura 40 - Foto aérea do Complexo Histórico Santa Thereza, digitalizada do acervo de Yerecê Moglia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A maior parte da historiografia produzida sobre as charqueadas gaúchas foi elaborada privilegiando as charqueadas escravistas, fundadas no município de Pelotas e Rio Grande, ou seja, próximas ao local onde o produto era exportado.

Nessas pesquisas, as charqueadas gaúchas eram consideradas como estabelecimentos tradicionais e obsoletos de fabricação de charque, inseridas num regime de desperdício cujo proprietário possuía uma mentalidade senhorial e reacionária, tendo em vista a herança escravista.

Oposto a tudo isto estavam os modernos saladeiros platinos, que competiam com o charque gaúcho. Tal competição, associada ao fim do escravismo ocasionou a falência das “arcaicas” charqueadas no Rio Grande do Sul.

Nas publicações mais recentes sobre o tema, os antagonismos entre as charqueadas gaúchas e os saladeiros platinos estão sendo questionadas e é possível perceber que os países do Prata e o Rio Grande Sul possuem muitas semelhanças quanta á produção de charque.

A partir do trabalho desenvolvido foi possível demonstrar que o intercâmbio entre Brasil e Uruguai foi um fator decisivo no estabelecimento de charqueadas modernas no Rio Grande do Sul, especialmente, pela posição fronteiriça das mesmas.

As novas charqueadas gaúchas transitaram do espaço pelotense, ou litorâneo, para o espaço da campanha, ou da fronteira, localizadas próximas aonde o gado era criado e utilizando-se de uma série de vantagens que o comércio de trânsito e o contrabando permitiu.

Essa interiorização das charqueadas foi facilitada pela importância que as fronteiras adquiriram no circuito comercial platino, especialmente pela livre navegação dos rios instituída entre Brasil, Argentina e Uruguai, a partir de 1852 e pelo surgimento das ferrovias a partir da ligação da fronteira ao Porto de Rio Grande ou ao Porto de Montevideú.

Dessa forma, percebemos que além de rivais, Brasil e Uruguai fazem parte de um circuito comercial comum, no qual, é possível observar elementos históricos, econômicos e culturais de países que possuem raízes históricas semelhantes.

As novas charqueadas gaúchas, localizadas na fronteira Brasil – Uruguai eram movidas por técnicas modernas de fabrico de charque, máquinas e raças de gado importadas.

Além disso, trabalhavam com mão-de-obra assalariada e recebiam severas fiscalizações no que se refere à higiene e saúde do animal. Estes estabelecimentos eram ainda acompanhados pelas indústrias de derivados, que aproveitavam o máximo possível do boi.

Os charqueadores fronteiriços não sobreviviam apenas do charque em si. Do boi era aproveitado a língua, os ossos, o pelo, o rabo etc. Além das indústrias de derivados, possuíam olarias, serralharias e outras fábricas que poderiam funcionar no período de entressafra, tornando produtiva a vida dos operários mesmo quando o charque não estava sendo preparado.

No caso da charqueada Santa Thereza, foi possível observar que no seu entorno foi construído um amplo complexo urbano e industrial, composto por vila de operários, indústrias, igreja, teatro, hospital, quadra de tênis, serralharia, olaria, indústria de línguas etc.

Seu proprietário, o português Antônio Nunes de Ribeiro de Magalhães, adicionou luxo e requinte na vida rústica da fronteira. O Palacete dos Magalhães e a vida cultural do mesmo, registradas em jornais, representam o prestígio social desse personagem.

Além disso, o título de Visconde e suas correspondências à Borges de Medeiros ajudam a confirmar a representatividade política e econômica que o mesmo possuía.

A reestruturação das charqueadas gaúchas ocorreu após o fim do escravismo, em fins do século XIX. Algumas sobreviveram até meados dos anos 60, como foi o caso da Charqueada Santa Thereza.

O charque gaúcho manteve-se como o principal produto exportado no Rio Grande do Sul durante a República Velha, competindo com os produtos coloniais e com os frigoríficos que se instalaram no Estado a partir de 1917.

Dessa forma, a pesquisa desenvolvida pretendeu chamar atenção para esse período da história do Rio Grande do Sul, apontando um novo olhar sobre esse tema, já que privilegia as relações entre a região platina e as modernas charqueadas gaúchas.

O trabalho buscou ressaltar a importância que a fronteira Brasil-Uruguaí exerceu na remodelagem das mesmas, utilizando-se, ainda, das estruturas arquitetônicas da charqueada Santa Thereza para contar a história dessa moderna fábrica de charque.

Nesse sentido, vale chamar a atenção para a importância patrimonial desse complexo histórico, resumido, nos dias atuais, a um conjunto de ruínas abandonadas ao descaso e à depredação.

São Thereza é um bem cultural, tendo em vista seu relegado histórico e sua proeminência estrutural. A preservação deste bem é tarefa e dívida da comunidade com as novas gerações de bageenses.

BIBLIOGRAFIA

Livros, Teses, Dissertações e Artigos

ALBORNOZ, Vera do Prado. **Armour. Uma aposta no Pampa.** Santa Maria: Gráfica Editora Pallotti, 2000.

AMADO, Janaína. História e região: Reconhecendo e construindo espaços. **República em migalhas: História regional e local.** SILVA, Marcos A. da (org) São Paulo: Martins Livreiro / CNPQ, 1990. p.7-15.

BARRAN, J. P. **Apogeo y crisis del uruguay pastoril y caudilhesco.** 1838 – 1875. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 1974.

BEIGUELMAN, Paula. **A crise do escravismo e a grande imigração.** 4. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

BETHELL, Leslie. **História da América Latina.** Barcelona: Editorial Crítica, 1991.

BOUCINHAS, Cláudio Antunes. **A história das charqueadas de Bagé (1891-1940) na literatura.** Dissertação (Mestrado em história) Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1993.

CARDOSO, Fernando Henrique. **Capitalismo e Escravidão no Brasil Meridional.** O Negro na Sociedade Escravocrata do Rio Grande do Sul. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

CERTAU, Michel. **A Invenção do cotidiano: Artes de Fazer.** Trad. Ephraim Ferreira Alves. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994

CERVO, Amado; RAPOPORT, Mario (orgs). **História do Cone Sul.** Rio de Janeiro: Revan, Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1998.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural**. Entre Práticas e Representações. Trad. Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difel. 1990.

____. **À Beira da Falésia**. A história entre incertezas e inquietudes. Trad. Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Ed. da Universidade / UFRGS, 2002.

CORSETTI, Berenice. **Estudo da charqueada escravista gaúcha no século XIX**. Dissertação (Mestrado História). – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1983.

CUSTÓRDIO, Jorge. A arqueologia Industrial: objecto e método. In: **Boletim da Associação de Professores de História**.n.4. Lisboa, 1982.

DÀBENE, Olivier. **América Latina no século XIX**. Trad. Maria Izabel Mallmann. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

DECCA, Edgar. **O Nascimento das Fábricas**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982.

DIAS, Marcelo Henrique. **O Rio Grande do Sul no circuito comercial platino: permanência ou desarticulação durante a 1º república?** Dissertação (Mestrado em História). – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS, 1996.

DONGUI, Halperín. **História da América Latina**. Trad. Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

FABRIS, Annaterra. Arquitetura eclética no Brasil: o cenário da modernização. **Anais do Museu Paulista**. n.1. São Paulo: MAE.1993.

FAGUNDES, Elizabeth Macedo. **Vila de Santa Thereza**. [S.l: S. N], 1999.

FONSECA, Pedro C. Dutra. **RS: Economia e conflitos políticos na República Velha**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.

GOLIN, Tau. **A Fronteira: Os Tratados de Limites Brasil – Uruguai – Argentina, os trabalhos demarcatórios, os territórios contestados e os conflitos na bacia do Prata.** Vol.2. Porto Alegre: L & PM, 2004.

GORENDER, Jacob. **Gênese e Desenvolvimento do Capitalismo no Campo Brasileiro.** Porto Alegre, Mercado Aberto, 1987.

GUTIERREZ, Éster J. B. **Negros, charqueadas e olarias: um estudo sobre o espaço pelotense.** 2 ed. Pelotas: UFPEL, 2001.

HANNERZ, ULF. Fluxos, fronteiras, híbrido: palavras-chave da antropologia transnacional. **Revista MANA.** v. 3, n.1. Rio de Janeiro: Museu Nacional, 1997. p.7-40.

HEINZ, Flavio; HERLLEIN, Ronaldo (orgs). **Histórias Regionais do Cone Sul.** Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003.

HERRLEIN, Ronaldo. **Rio Grande do Sul, 1889 – 1930: um outro capitalismo no Brasil Meridional? Tese (Doutorado em Economia).** – Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Economia, Campinas, SP, 2000.

_____. Desenvolvimento Industrial e Mercado de Trabalho no Rio Grande do Sul: 1920–1950. In: **Revista de Sociologia e Política.** n. 14 (jun. 200) p.103 – 118.

HOBSBAWM, Eric J. **Nações e Nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade.** Trad. Maria Célia Paoli, Anna Maria Quirino. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1990.

JACOB, Raul. Saladeros de la frontera. In: Segundas Jornadas de História Regional Comparada. Primeiras Jornadas de Economia Regional Comparada. 3 a 6 de Outubro, 2005. Porto Alegre. **Anais Segundas Jornadas de História Regional Compara. Primeiras Jornadas de Economia Regional Comparada.** Porto Alegre: PUCRS, 2005. CD-ROM.

LEITE, José Antonio Mazza. **“Xarqueadas” de Danúbio Gonçalves: um resgate para a história.** Pelotas: Ed. Universitária/ UFPEL, 2004.

LIEMESZEK, Cláudio Leão. **Bagé. Relatos de sua história.** Porto Alegre: Martins Livreiro, 1997.

MAESTRI, Mario. **O Escravo Gaúcho.** Resistência e Trabalho. Porto Alegre: Ed. Universidade / UFRGS, 1993.

MARQUES, Alvarino Fontoura. **Episódios de ciclo do charque.** Porto Alegre: Edigal, 1987.

____. **Evolução das charqueadas rio-grandenses.** Porto Alegre: Martins Livreiro, 1990.

____. **A economia do charque.** Culinária do charque. O charque nas artes. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1992.

MARTINS, Roberto Duarte. **A ocupação do espaço na fronteira Brasil – Uruguay: a construção da cidade de Jaguarão.** Tese (Programa de Pós-graduação em Arquitetura). – Universidade Politécnica da Catalunha, Barcelona, 2001.

MOREIRA, Earle Macarthy. **Construindo o espaço demarcando fronteiras. RS: 200 Anos.** Definindo espaços na história nacional. REICKZIEGEL, Ana Luiza Setti; FÉLIX, Loiva Otero (orgs). Passo Fundo: UPF, 2002. p.21-32.

OSÓRIO, Helen. **Apropriação da Terra no Rio Grande de São Pedro e a formação do Espaço Platino.** Dissertação (Curso de Pós-Graduação em História). – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1990.

PADOIM, Maria Medianeira. **Federalismo Gaúcho.** Fronteira Platina, Direito e Revolução. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2001.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **República velha gaúcha: charqueadores, frigoríficos e criadores.** Porto Alegre: Movimento, 1980.

____. **RS: a economia & o poder nos anos 30.** Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980.

____. **RS: agropecuária colonial e industrialização.** Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.

____. **Pecuária e Indústria.** Formas de realização do capitalismo na sociedade gaúcha no século XIX. Porto Alegre: Editora Movimento, 1986.

____. **A Burguesia gaúcha.** Dominação do capital e disciplina do trabalho. RS 1889-1930. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

____. História Regional e Transformação social. **República em migalhas: História regional e local.** SILVA, Marcos A. da (org) São Paulo: Martins Livreiro / CNPQ, 1990. p.67-79.

____. **O cotidiano da república: elite e povo na virada do século.** 3. ed. Porto Alegre: Ed. Da Universidade / UFRGS, 1995.

____. **História & História Cultural.** Belo Horizonte: Autentica, 2003.

PIMENTEL, Fortunato. **Charqueadas & Frigoríficos.** Aspectos Gerais da Indústria Pastoril do Rio Grande do Sul. [S.l.:s.n.]

PICCOLO, Helga Iracema. **Vida Política no século 19: da descolonização ao movimento republicano.** 3. ed. Porto Alegre: Ed.Universidade / UFRGS, 1998.

PRADO, Fabricio; SOUZA, Suzana Bleil. O Brasil e suas representações na fronteira platina. **RS: 200 Anos. Definindo espaços na história nacional.** REICKZIEGEL, Ana Luiza Setti; FÉLIX, Loiva Otero (orgs). Passo Fundo: UPF, 2002. p.55-63.

QUEVEDO, Raul. **As Estâncias e as Charqueadas**. Livraria do Globo: Porto Alegre, 1986.

REICHEL, Heloisa & GUTFREIND, Ieda. **As raízes históricas do Mercosul: a Região Platina colonial**. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 1996.

RODRIGUES, Jane de Fátima Silva. História Regional e Local: problemas teóricos e práticos. **História & Perspectivas**. n.16/17. Uberlândia, MG: Universidade Federal de Uberlândia, 1997. p.149-164.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. Sobre a autonomia das novas identidades coletivas: alguns problemas teóricos. **Revista brasileira de ciências sociais**. v. 13, n.38, 1998.

SCHÄFFER, Neiva Otero. A especificidade funcional da urbanização na fronteira meridional do estado. **RS: 200 Anos. Definindo espaços na história nacional**. REICKZIEGEL, Ana Luiza Setti; FÉLIX, Loiva Otero (orgs). Passo Fundo: UPF, 2002. p.33-41.

SEITENFUS, Ricardo. **Manual das organizações internacionais**. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 1997.

SOUZA, Susana Bleil de. Identidade e Nacionalismo no processo de integração da fronteira Uruguaia no Final do Século XIX. **Humana. Revista do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas**. v.18. n.1/2. janeiro / dezembro, Porto Alegre: UFRGS, 1995.

_____. Charqueadas e Frigoríficos na fronteira "Gaúcha": o trânsito pelo Porto de Montevideu no início do século XX. **Revista Digital de Riveira**. No prelo.

SILVA, Vera Alice Cardoso. Regionalismo: o Enfoque Metodológico e a Concepção Histórica. **República em migalhas: História regional e local**. SILVA, Marcos A. da (org) São Paulo: Martins Livreiro / CNPQ, 1990. p.43-49.

SILVEIRA, Rosa Maria Godoy. Região e História: Questão de Método. . **República em migalhas: História regional e local**. SILVA, Marcos A. da (org) São Paulo: Martins Livreiro / CNPQ, 1990. p.17-42.

THIESSEN, Beatriz. **As paisagens da cidade**: arqueologia da área central da Porto Alegre do século XIX. Dissertação de Mestrado (Mestrado em arqueologia) Pontifícia Universidade Católica de Porto Alegre, 1999.

VALDES, Eduardo Deves. **El pensamiento latinoamericano em el siglo XX**, Entre la modernización y la identidad, tomo I, Del Ariel de Rodó a la Cepal (1900 – 1950) Buenos Aires: Biblos, Centro de Investigaciones Diego Barros Arana, 2000.

VENTURA, Deisy & PADOIM, Maria Medianeira. A Integração Latino-Americana numa abordagem transdisciplinar: uma contribuição ao debate sobre a proposta do programa de pós-graduação em integração latino-americana da UFSM. **RILA**. Santa Maria: UFSM, 2002.

WASSERMANN, Claudia (coord), **História da América Latina**: cinco séculos (temas e problemas). 2. ed. Porto Alegre: Ed. Universidade / UFRGS, 2000.

WAYNE, Pedro. **Xarqueada**. 2. ed. Porto Alegre: IEL/Movimento, 1982.

WEBER, Beatriz Texeira. A organização do mercado de trabalho livre: o caso de Santa Maria – RS. **Revista do Centro de Ciências Sociais e Humanas da UFSM**. V.3, n.1 (jan / abril) 1989. p.23 – 50.

WEIMER, Günter. **A vida cultural e a arquitetura na república velha rio-grandense 1889 – 1945**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

ZAHAR, Paulo Afonso. A conquista da fronteira norte do Rio Grande do Sul. **RS: 200 Anos. Definindo espaços na história nacional**. REICKZIEGEL, Ana Luiza Setti; FÉLIX, Loiva Otero (orgs). Passo Fundo: UPF, 2002. p.43-53.

____. **Do Arcaico ao Moderno.** O Rio Grande do Sul agrário no século XIX. Ijuí: Editora UNIJUÍ, 2002.

ZARUR, George de Cerqueira Leite (org). **Região e Nação na América latina.** Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2000.

Sites da Internet

CERUTI, Carlos N. Arqueologia Urbana em Entre Rios. Barrio del Puerto, ciudad de la Paz. Disponível em <http://naya.org.ar/articulos/urbana05.htm> Acesso 15 jul. 2005.

FHC errou? A economia da escravidão no Brasil Meridional. Disponível em http://www.unb.br/face/eco/bmueller/fhc_errou.pdf. Acesso 15 jul. 2005

GOMES, Ângela de Castro; FERREIRA, Marieta de Moraes. Primeira república: um balanço historiográfico. In: Estudos Históricos, v.2, n.4, Rio de Janeiro, 1989. Disponível em <http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arg/60.pdf>. Acesso: 15 jul. 2005.

HERRLEIN, Ronaldo. A Transição capitalista no Rio Grande do Sul. Disponível em http://www.abphe.org.br/congresso2003/Textos/Abphe_2003_26.pdf. Acesso: 15 jul. 2005.

SCHAVELZON, Daniel. **[Entrevista em 13 de mayo de 1997, a Internet]** 1997. Disponível em <http://naya.org.ar/articulos/urbana08.htm>. Acesso: 15 jul. 2005.

TARGA, Luiz Roberto P. A Fundação do Estado Burguês no Rio Grande do Sul (1891 – 1913) Disponível em http://www.abphe.org.br/congresso2003/Textos/Abphe_2003_63.pdf. Acesso: 15 jul. 2005.

Informações sobre Fernando Henrique Cardoso. Disponível em <http://www.ifhc.org.br>. Acesso: 20 ago. 2005.

Informações sobre Sandra Jatahy Pesavento.
<http://www.palcohabitasul.com.br/historia>. Acesso: 24 jul. 2005.

Documentos

DOC 247. Arquivo Histórico do Estado do Rio Grande do Sul: GÓES, Francisco Gomes de Araújo. **Correspondência Francisco G. A.Góes destinada à Borges de Medeiros**. Informando sobre a fiscalização do contrabando na fronteira de Bagé e Livramento. Bagé, 8 Abril, 1907.

DOC. 247. Arquivo Histórico do Estado do Rio Grande do Sul: MAGALHÃES, Visconde Ribeiro de **Correspondência Visconde de Magalhães destinada à Borges de Medeiros**. Solicitando a construção de uma ponte no paço do Valente. Bagé, 8 Setembro, 1907.

DOC. 266. Arquivo Histórico do Estado do Rio Grande do Sul: MAGALHÃES, Visconde Ribeiro de **Correspondência Visconde de Magalhães destinada à Borges de Medeiros**. Informando sua vigame à Europa. Bagé, 25 Maio, 1913.

DOC. 279. Arquivo Histórico do Estado do Rio Grande do Sul: MAGALHÃES, Visconde Ribeiro de **Correspondência Visconde de Magalhães destinada à Borges de Medeiros**. Informando seu retorno à Bagé e exigindo melhorias nas estradas entre Bagé e fronteira com o Uruguai. Bagé, 26 Dezembro, 1913.

DOC. 336. Arquivo Histórico do Estado do Rio Grande do Sul: MAGALHÃES, Visconde Ribeiro de **Correspondência Visconde de Magalhães destinada à Borges de Medeiros**. Solicitando melhorias nos meios de transportes. Bagé, 27 Julho, 1919.

DOC.337. Arquivo Histórico do Estado do Rio Grande do Sul: MAGALHÃES, Visconde Ribeiro de **Correspondência Visconde de Magalhães destinada à Borges de Medeiros**. Reclamando sobre as condições dos trilhos no Estado. Bagé, 29 Dezembro, 1919.

DOC. 339. Arquivo Histórico do Estado do Rio Grande do Sul: MAGALHÃES, Visconde Ribeiro de **Correspondência Visconde de Magalhães destinada à Borges de Medeiros**. Reclamando sobre as condições dos trilhos no Estado. Bagé, 13 Janeiro, 1920.

DOC.347. Arquivo Histórico do Estado do Rio Grande do Sul: MAGALHÃES, Visconde Ribeiro de **Correspondência Visconde de Magalhães destinada à Borges de Medeiros**. Solicitando ressarcimento dos prejuízos causados em suas terras devido a Revolução de 1923. Bagé, 20 Março, 1924.

DOC. 388. MESA: 1 . ESTANTE: 148. Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul: INVENTÁRIO EXTRA - JUDICIAL de Visconde de Ribeiro Magalhães **Mesa de Rendas do Estado**. Bagé, 30 de Novembro de 1937.

DOC. 472. MESA: 4. ESTANTE: 46. Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul: INVENTÁRIO EXTRA - JUDICIAL de Thereza Pimentel Magalhães **Mesa de Rendas do Estado**. Bagé, 11 de Abril de 1939.

ESCRITURA DE COMPRA E VENDA outorgada pelo Banco Nacional do Comercio em favor da Firma, Prati, Moglia & Companhia, Limitada. **Registro de Imóveis**. 1^o Cartório de notas. Bagé, 2 de Abril de 1927.

ESCRITURA PÚBLICA DE COMPRA E VENDA outorgada por Doutor Mario Olivé Suñe e sua mulher Dona Alayde Magalhães Suñe em favor de Rodolfo Moglia & Companhia Limitada. **Registro de Imóveis**. 1^o Cartório de notas. Bagé, 6 de Março de 1944.

ESCRITURA DE COMPRA E VENDA outorgada pela Mitra Diocesana de Bagé em favor da Prefeitura municipal de Bagé. **Registro de Imóveis da Comarca de Bagé**. Bagé, 7 de Abril de 1982.

Jornais

Um grande fazendeiro – O Visconde de Ribeiro Magalhães. **Jornal O Independente**. Porto Alegre.

Homenagem ao Visconde pelo seu Aniversário. **Jornal O Comércio**. 5 de outubro de 1906.

Entrevista com Andradina de Oliveira. **Jornal Correio do Sul**. Bagé, 9 de Fevereiro de 1915.

Jornal Correio da Europa. Lisboa, 13 de setembro de 1913.

Typos e figuras. **Jornal O Independente**. Porto Alegre, 19 de Janeiro

Jornal O Comércio. 5 de Outubro de 1906.

Jornal O Dever. 26 de Setembro de 1915.

Jornal O Correio do Sul. Bagé, 26 de Setembro de 1915.

Jornal O Comércio, 1898.